

Gabriela Bastos de Oliveira

**DIRETRIZES ARQUITETÔNICAS PARA AMBIENTES DE  
SOCIALIZAÇÃO DA POPULAÇÃO INFANTOJUVENIL EM  
SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UM ESTUDO  
DE CASO NO CENTRO DE EDUCAÇÃO COMPLEMENTAR  
(CEC) EM FLORIANÓPOLIS/SC**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maristela Moraes de Almeida

Florianópolis  
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Oliveira, Gabriela Bastos

Diretrizes arquitetônicas para ambientes de socialização da população infantojuvenil em situação de vulnerabilidade social : Um estudo de caso no Centro de Educação Complementar (CEC) em Florianópolis/SC / Gabriela Bastos Oliveira ; orientadora, Maristela Moraes Almeida - Florianópolis, SC, 2013.  
208 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Inclui referências

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Socialização. 3. Vulnerabilidade social infantojuvenil. 4. Ambiência. 5. Privacidade . I. Almeida, Maristela Moraes. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Gabriela Bastos de Oliveira

**DIRETRIZES ARQUITETÔNICAS PARA AMBIENTES DE  
SOCIALIZAÇÃO DA POPULAÇÃO INFANTOJUVENIL EM  
SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UM ESTUDO  
DE CASO NO CENTRO DE EDUCAÇÃO COMPLEMENTAR  
(CEC) EM FLORIANÓPOLIS/SC**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo PósARQ - UFSC

Florianópolis, 26 de junho de 2013.

---

Prof. Ayrton Portilho Bueno, Dr.  
Coordenador - PósARQ - UFSC

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Maristela Moraes de Almeida, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora - PósARQ - UFSC

---

Prof. Juan Antonio Zapatel Pereira de Araujo, Dr.  
Avaliador Interno – PósARQ - UFSC

---

Prof. Martin Gabriel Ordenes Mizgier, Dr.  
Avaliador Interno – PósARQ - UFSC

---

Prof.<sup>a</sup>. Denise Cord, Dr.<sup>a</sup>.  
Avaliador Externo – Departamento de Psicologia - UFSC

---

Prof.<sup>a</sup>. Zuleica Maria Patrício, Dr.<sup>a</sup>.  
Avaliador Externo

Este trabalho é dedicado à minha vó  
Desaude.

## AGRADECIMENTOS

Á Deus, sem Ele nada seria possível. Aos meus avós, Dona Alvinha e Seu Santinho, que não estão mais neste mundo, porém seus ensinamentos foram o começo de tudo.

Aos meus amados pais, Arlene e Gilberto, pelo amor, dedicação e incentivo. Ao meu filhote de quatro patas, Belo, pelo carinho, cumplicidade e companhia incondicional durante as intermináveis horas em frente ao computador. Ao meu namorado, Olavo, por todo seu amor, incentivo e pela paciência nos momentos onde a angústia e ansiedade se fizeram presentes.

Á professora Maristela, pela maravilhosa orientação, mas também pela amizade, carinho e ensinamentos.

Aos professores membros da banca avaliadora – Martin, Juan, Denise e Zuleica, que além de aceitarem o convite, contribuíram em muito para o resultado deste trabalho com seus preciosos ensinamentos.

A todas as crianças, adolescentes e funcionários do CEC Criança fazendo Arte que me acolheram durante o período da pesquisa, e que compartilharam comigo um pouco de suas vidas.

A todos os colegas da turma de mestrado, em especial à Bárbara D'Acampora e Jacinta Gislou, foi um prazer conhecê-las e partilhar esta caminhada com vocês, nossos encontros descontraídos foram muito importantes nas horas de ansiedade com os prazos de entregas.

Ao PósARQ e a todos os professores com quem pude aprender neste dois anos, este convívio me proporcionou além de aperfeiçoamento profissional o crescimento pessoal. As secretárias do PósARQ, Ana e Mariany, pela ajuda e simpatia em todo o processo.

À CAPES, pela bolsa de auxílio durante esses meses, promovendo o apoio financeiro para concluir a pesquisa.

## RESUMO

No Brasil, as crianças e os adolescentes têm seus direitos assegurados por legislação específica, o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990). No entanto, a realidade contemporânea mostra que eles ainda estão expostos a inúmeras formas de violação de direitos humanos, tais como: violência psicológica e física, violação do direito à alimentação, abandono, , indivíduo fora da escola por motivos diversos e trabalho infantil (FISCHER; SCHOENMAKER, 2010). No intuito de reverter este quadro, foi criado o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos. Este serviço constitui-se em um espaço de convivência e formação para a participação e cidadania da população infantojuvenil em situação de vulnerabilidade social. A partir deste enfoque, nesta dissertação foram analisadas as condições ambientais do espaço arquitetônico da unidade do Centro de Educação Complementar (CEC) Criança fazendo Arte, sendo o CEC responsável pela efetivação do SCFV no município de Florianópolis. A abordagem do trabalho é qualitativa, e como aporte, na fundamentação teórica foram levantadas as legislações e os parâmetros legais sobre o tema; a contextualização do cenário da população infantojuvenil em situação de vulnerabilidade no Brasil, e em particular no município de Florianópolis; entendimento de interações entre Pessoa e Ambiente, indo buscar na interdisciplinaridade da Arquitetura e Psicologia Ambiental aspectos dessa relação, com foco principal na Privacidade e Ambiência aliadas aos sentidos perceptivos de Gibson (1966) para o entendimento do comportamento espacial; e por fim, a importância do contexto ambiental no desenvolvimento humano a partir da Teoria Ecológica de Bronfenbrenner. No trabalho de campo foram utilizadas diferentes técnicas para coleta de dados. São estas: pesquisas documentais e imagéticas, análise espacial e observação participante. Adotou-se ainda, a técnica de entrevista semiestruturada com os funcionários e o Jogo de Imagens e Palavras com as crianças e os adolescentes. O levantamento dessas informações possibilitou traçar diretrizes arquitetônicas para auxiliar arquitetos na requalificação do ambiente em estudo, bem como serem referências na concepção de futuros projetos semelhantes.

**Palavras-chave:** Privacidade. Ambiência. Vulnerabilidade social infantojuvenil.

## ABSTRACT

In Brazil, children and adolescents have their rights guaranteed by specific legislation, the Statute of Children and Adolescents (BRAZIL, 1990). However, the contemporary reality shows they are still exposed to many forms of human rights violations, such as psychological and physical violence, violation of the right to food, abandonment, individual out of school for various reasons and even child labor. In order to change this situation, the Service of Coexistence and Strengthening Linkages (SCSL) for 6-15 years old children and adolescents were created. This service consists in an acquaintanceship space for training participation and citizenship of the children and youth population in situation of social vulnerability. Starting this perspective, this dissertation analyzed the environmental conditions of the architectural space of the unit of the Center for Complementary Education (CEC) Child doing Art, CEC is responsible for the execution of the SCSL in Florianopolis. The approach of the work is qualitative and as a contribution for this, the theoretical foundations were surveyed laws and legal parameters on the subject; the context of the scenario of children and adolescents in vulnerable situations in Brazil, and particularly in the city of Florianopolis; the understanding interactions between Person and Environment, seeking on interdisciplinarity of Architecture and Environmental Psychology aspects of this relationship with primary focus on privacy and ambience combined with the perceptual senses Gibson (1966) for understanding the spatial behavior, and finally, the importance of environmental context in human development from the Bronfenbrenner's Ecological theory. In fieldwork was used different techniques for data collection. These are: research and documental imagistic, spatial analysis and participant observation. It was also adopted the technique of semi-structured interviews with employees and Game Images and Words with children and adolescents. The lifting of the trace information allowed recommendations architectural for to assist architects in the requalification of the environment under study, as well as being references in the conception of future similar projects.

**Keywords:** Privacy. Ambience. Social vulnerability of children and adolescents

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atividades SCFV.....	40
Figura 2 – Unidades CEC em Florianópolis .....	50
Figura 3: Escopo da informação do comportamento ambiental.....	57
Figura 4: Distância íntima.....	60
Figura 5: Distância pessoal.....	60
Figura 6: Distância social.....	60
Figura 7: Distância pública.....	60
Figura 8: Imagem Ilustrativa 8.....	63
Figura 9: Imagem Ilustrativa 9.....	64
Figura 10: Imagem Ilustrativa 10.....	65
Figura 11: Imagem Ilustrativa 11.....	67
Figura 12: Imagem Ilustrativa 12.....	67
Figura 13: Imagem Ilustrativa 13.....	69
Figura 14: Modelo de desenvolvimento ecológico de Bronfenbrenner .....	76
Figura 15: Zoneamento Abrigo/Educandário de Menores .....	84
Figura 16: Terreno Abrigo/Educandário de Menores .....	85
Figura 17: Conjunto principal Abrigo/Educandário de Menores .....	85
Figura 18: Ano de 1940 .....	86
Figura 19: Ano 2012.....	86
Figura 20: Ano 1940.....	86
Figura 21: Ano 2012.....	86
Figura 22: Ano 1940.....	87
Figura 23: Ano 2012.....	87
Figura 24: Ano 1940.....	87
Figura 25: Ano 2012.....	87
Figura 26: Situação CEC no bairro.....	88
Figura 27: Implantação CEC Criança fazendo Arte.....	89
Figura 28: Casa do Coral .....	90
Figura 29: Pátio e parque.....	90
Figura 30: Piscina .....	90
Figura 31: Ed. Principal.....	90
Figura 32: Estufa e horta.....	90
Figura 33: Ed. Secundária.....	90
Figura 34: Planta Edificação principal.....	91
Figura 35: Fachada sul – Edificação principal.....	92
Figura 36: Fachada norte – .....	92
Figura 37: Fachada leste – .....	92
Figura 38: Planta Edificação secundária – embasamento .....	93
Figura 39: Planta Edificação secundária – 2º andar.....	93
Figura 40: Fachada oeste – Edificação secundária.....	93
Figura 41: Fachada leste – Edificação secundária .....	93
Figura 42: Cenários edificação principal .....	94
Figura 43: Plantas edificação secundária – 1º pavimento e embasamento.....	94



Figura 44: Ap. Pedagógico 1 .....	96
Figura 45: Ap. Pedagógico 1 .....	96
Figura 46: Sala Meio Ambiente .....	96
Figura 47: Sala Meio Ambiente .....	96
Figura 48: Refeitório .....	97
Figura 49: Refeitório .....	97
Figura 50: Sanitários.....	97
Figura 51: Sanitários.....	97
Figura 52: Sala de Artes .....	97
Figura 53: Sala de Artes .....	97
Figura 54: Biblioteca .....	98
Figura 55: Biblioteca .....	98
Figura 56: Sala Atendimento .....	98
Figura 57: Sala Atendimento .....	98
Figura 58: Ap. pedagógico 2 .....	99
Figura 59: Ap. pedagógico 2 .....	99
Figura 60: Sala capoeira/dança .....	99
Figura 61: Sala capoeira/dança .....	99
Figura 62: Sala tênis de mesa .....	100
Figura 63: Sala tênis de mesa .....	100
Figura 64: Brinquedoteca .....	100
Figura 65: Brinquedoteca .....	100
Figura 66: Área externa – Casa do Coral.....	101
Figura 67: Área externa .....	101
Figura 68: Quadra e parque .....	101
Figura 69: Área externa – piscina.....	101
Figura 70: Futebol (Exercitar) .....	104
Figura 71: Lanche (Comer) .....	104
Figura 72: Jogos de mesa (Jogar) .....	104
Figura 73: Espacialização das atividades.....	106
Figura 74: Técnica Jogo de Imagens e Palavras .....	122
Figura 75: Ilustração 75 .....	124
Figura 76: Ilustração 76 .....	124
Figura 77: Ilustração 77 .....	124
Figura 78: Ilustração 78 .....	125
Figura 79: Ilustração 79 .....	125
Figura 80: Ilustração 80 .....	125
Figura 81: Ilustração 81 .....	125
Figura 82: Ilustração 82 .....	125
Figura 83: Ilustração 83 .....	125
Figura 84: Ilustração 84 .....	125
Figura 85: Ilustração 85 .....	126
Figura 86: Ilustração 86 .....	126
Figura 87: Ilustração 87 .....	126
Figura 88: Ilustração 88 .....	126

Figura 89: Ilustração 89 .....	126
Figura 90: Ilustração 90 .....	126
Figura 91: Ilustração 91 .....	126
Figura 92: Ilustração 92 .....	127
Figura 93: Ilustração 93 .....	127
Figura 94: Ilustração 94 .....	127
Figura 95: Ilustração 95 .....	127
Figura 96: Ilustração 96 .....	127
Figura 97: Ilustração 97 .....	127
Figura 98: Ilustração 98 .....	128
Figura 99: Ilustração 99 .....	128
Figura 100: Ilustração 100 .....	128
Figura 101: Apoio Pedagógico 1 .....	129
Figura 102: Apoio Pedagógico 2 .....	129
Figura 103: Distância íntima na sala do Apoio Pedagógico 1 .....	130
Figura 104: Distância íntima na sala do Apoio Pedagógico 2 .....	130
Figura 105: Criança realizando a atividade Jogar na sala do Apoio Pedagógico .....	130
Figura 106: Atividade Jogar no ambiente Apoio Pedagógico .....	131
Figura 107: Atividade Jogar no ambiente Apoio Pedagógico .....	131
Figura 108: Meio Ambiente .....	131
Figura 109: Porta de acesso junto à televisão .....	132
Figura 110: Refeitório .....	132
Figura 111: Mãe aguardando a coordenadora no Refeitório .....	133
Figura 112: Professora conversando com crianças/adolescentes .....	133
Figura 113: Sanitários .....	134
Figura 114: Inexistência de barreiras entre os sanitários e o refeitório principal do CEC .....	134
Figura 115: Visão dos sanitários através da porta principal do CEC .....	134
Figura 116: Ausência de barreira física entre a área de banho e coletiva dos Sanitários .....	135
Figura 117: Biblioteca .....	135
Figura 118: Mescla de atividades na Biblioteca .....	136
Figura 119: Mescla de atividades na Biblioteca .....	136
Figura 120: Atendimento .....	136
Figura 121: Acesso ao Atendimento pela Biblioteca .....	137
Figura 122: Crianças aguardando a Psicoterapia no refeitório .....	137
Figura 123: Área externa .....	137
Figura 124: Rua Cmte. Constantino Nicolau Spydes visão direta área externa de lazer .....	138
Figura 125: Rua Cmte. Constantino Nicolau Spydes visão direta área externa de lazer .....	138
Figura 126: Vista do lado externo da piscina do CEC .....	139
Figura 127: Acesso ao Complexo .....	140
Figura 128: Inexistência de marcações de estacionamento .....	140

Figura 129: Inexistência de marcações de caminhos .....	140
Figura 130: Inexistência de marcações de caminhos .....	140
Figura 131: Localização dos cenários .....	141
Figura 132: Apoio Pedagógico 1 .....	141
Figura 133: Meio Ambiente.....	141
Figura 134: Sanitários.....	141
Figura 135: Sala de Artes .....	141
Figura 136: Biblioteca .....	141
Figura 137: Cadeiras sala Apoio.....	142
Figura 138: Cadeiras sala.....	142
Figura 139: Cadeiras Biblioteca .....	142
Figura 140: Bancos refeitório .....	142
Figura 141: Ausência de identidade visual – Edificação principal .....	143
Figura 142: Ausência de identidade visual – Edificação secundária .....	143
Figura 143: Piso Sala de artes.....	144
Figura 144: Tapete Apoio pedagógico 1 .....	144
Figura 145: Pisos molhados no Refeitório.....	144
Figura 146: Pisos molhados nos Sanitários .....	144
Figura 147: Paredes internas do Refeitório.....	145
Figura 148: Paredes internas dos sanitários .....	145
Figura 149: Piso cerâmico Ap. pedagógico 2 .....	145
Figura 150: Piso em madeira Sala de capoeira .....	145
Figura 151: Piso em cerâmica Sala de tênis de mesa.....	146
Figura 152: Piso área externa – areia e grama .....	146
Figura 153: Piso área externa – deck em madeira .....	146
Figura 154: Área proibida às crianças e adolescentes .....	147
Figura 155: Área proibida às crianças e adolescentes.....	147
Figura 156: Piso em madeira – Ap. pedagógico 1 .....	148
Figura 157: Piso em concreto – Refeitório .....	148
Figura 158: Trabalhos expostos no Refeitório.....	148
Figura 159: Trabalhos expostos no Refeitório.....	148
Figura 160: Parede interna - Sala de tênis de mesa.....	149
Figura 161: Paredes internas – Ap. pedagógico 2.....	149
Figura 162: Paredes internas – Sala de capoeira.....	149
Figura 163: Paredes internas – Brinquedoteca.....	149
Figura 164: Área externa .....	149
Figura 165: Área externa .....	149
Figura 166: Mobiliário Sala meio ambiente .....	150
Figura 167: Mobiliário Ap. pedagógico 1.....	150
Figura 168: Janela da Edificação principal – exemplo Apoio pedagógico 1 ...	150
Figura 169: Janela da Edificação secundária – exemplo Apoio pedagógico 2	150
Figura 170: Portas Ed. Principal - Biblioteca .....	151
Figura 171: Caixilhos Ed. secundária - Brinquedoteca.....	151
Figura 172: Ligação cozinha com o refeitório .....	152
Figura 173: Dissipação dos aromas para os demais ambientes pelo refeitório	152

Figura 174: Sala de capoeira.....	152
Figura 175: Sala de tênis de mesa.....	152
Figura 176: Área externa costeada por via pública.....	153
Figura 177: Brinquedoteca e área externa.....	153
Figura 178: CEC Itacorubi.....	159
Figura 179: CEC Chico Mendes.....	160
Figura 180: CEC Monte Verde.....	160
Figura 181: CEC Promorar.....	160
Figura 182: CEC Costeira.....	160
Figura 183: CEC Tapera.....	161
Figura 184: CEC Novo Horizonte.....	161
Figura 185: Sala atividades coletivas CEC Monte Verde.....	161
Figura 186: Sala atividades coletivas CEC Promorar.....	161
Figura 187: Área externa CEC Itacorubi.....	162
Figura 188: Área externa CEC Promorar.....	162
Figura 189: CEC Criança fazendo Arte.....	162
Figura 190: CEC Itacorubi.....	162
Figura 191: Edificação Serviço de Assistência Infantojuvenil.....	163
Figura 192: Edificação posto de saúde Itacorubi.....	163
Figura 193: Iluminação artificial deficiente – CEC Itacorubi.....	163
Figura 194: Ativ. Plantar e reciclar.....	167
Figura 195: Ativ. Assistir filmes.....	167
Figura 196: Ativ. Descansar.....	167
Figura 197: Ativ. Exercitar.....	167
Figura 198: Ativ. Estudar.....	167
Figura 199: Ativ. Comer.....	167
Figura 200: Ativ. Exercitar.....	167
Figura 201: Ativ. Cantar.....	167
Figura 202: Ativ. Cuidar de si.....	167
Figura 203: Exemplo de comunicação visual interna.....	170
Figura 204: Exemplo de altura de peitoril para janelas.....	171
Figura 205: Exemplo de distribuição conflituosa de aberturas.....	173
Figura 206: Exemplo de barreira acústica por muro.....	174
Figura 207: Exemplo de barreira acústica por massa de vegetação.....	174
Figura 208: Relação exterior/interior.....	177
Figura 209: Exemplo Parede Painel.....	178
Figura 210: Exemplo <i>Hall</i> .....	179
Figura 211: Exemplo Relação exterior/interior e altura dos tanques.....	181
Figura 212: Exemplo Privacidade nos Sanitários.....	183

## **LISTA DE PLANILHAS**

Quadro 1 – Histórico dos direitos da criança e adolescente no Brasil .....	27
Quadro 2 – Relação cor e significado .....	66
Quadro 3 – Evolução da área do Antigo Abrigo de Menores .....	86
Quadro 4 – Espacialização das atividades do CEC Criança fazendo Arte .....	106
Quadro 5 – Corpo técnico do CEC Criança fazendo Arte .....	110
Quadro 6 – Programa de necessidades alterado.....	165

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Histórico dos direitos da criança e adolescente no Brasil .....	27
Quadro 2 – Relação cor e significado .....	66
Quadro 3 – Evolução da área do Antigo Abrigo de Menores .....	86
Quadro 4 – Espacialização das atividades do CEC Criança fazendo Arte .....	106
Quadro 5 – Corpo técnico do CEC Criança fazendo Arte .....	110
Quadro 6 – Programa de necessidades alterado.....	165

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Resultado do Jogo de Imagens e Palavras .....	20
Tabela 2 – Características populacionais de Florianópolis .....	32
Tabela 3 – Dimensões mínimas para Centros de Atendimento para Criança e Adolescente .....	37
Tabela 4 - Unidades CEC em Florianópolis .....	48
Tabela 5 – Nível de critério de avaliação para ambientes externos, em dB(A) .	70
Tabela 6 – Níveis de ruído para conforto acústico, em dB(A).....	70
Tabela 7 – Caracterização das atividades .....	102
Tabela 8 – Relação Cenários x Atividades .....	105
Tabela 9 – Divisão turmas por idade .....	109
Tabela 10 – Síntese da amostra.....	112
Tabela 11 – Síntese amostra .....	121
Tabela 12 – Resultado das medições de pressão sonora x Norma ABNT .....	155
Tabela 13 – Síntese dos problemas diagnosticados .....	158
Tabela 14 – Tabela síntese de atributos ao projeto arquitetônico .....	167

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas  
AIS – Área de Interesse Social  
CEBEM - Centro de Bem Estar do Menor  
CEC – Centro de Educação Complementar  
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente  
FEBEM - Fundação Estadual para Bem Estar do Menor  
FUCABEM – Fundação Catarinense para Bem Estar do Menor  
FUNABEM – Fundação Nacional para Bem Estar do Menor  
IBGE - Associação Brasileira de Normas Técnicas  
LBA - Legião Brasileira de Assistência  
ONG – Organização Não Governamental TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
PMAS – Plano Municipal de Assistência Social  
PMF – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
PNAS - Programa Nacional de Assistência Social  
PROSAD – Programa saúde do Adolescente  
SAM – Serviço de Atendimento ao Menor  
SCFV – Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos  
WHO - World Health Organization

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÊNCIA DO ESTUDO PROPOSTO .....</b>	<b>20</b>
<b>1.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>23</b>
<b>1.3 OBJETIVOS.....</b>	<b>24</b>
1.3.1 Objetivo Geral .....	24
1.3.2 Objetivos Específicos .....	24
<b>1.4 MÉTODO E TÉCNICAS DE PESQUISA .....</b>	<b>24</b>
<b>1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>2 CENÁRIO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO BRASIL ....</b>	<b>27</b>
<b>2.1 BREVE HISTÓRICO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE NO BRASIL .....</b>	<b>27</b>
<b>2.2 REALIDADE CONTEMPORÂNEA DA CONDIÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE NO BRASIL.....</b>	<b>29</b>
<b>2.3 CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL EM FLORIANÓPOLIS/SC .....</b>	<b>31</b>
<b>3 O AMBIENTE CONSTRUÍDO PARA SOCIALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA POPULAÇÃO INFANTOJUVENIL EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL .....</b>	<b>35</b>
<b>3.1 SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS (SCVF) PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE 6 A 15 ANOS.....</b>	<b>35</b>
3.1.1 Usuários .....	36
3.1.2 Espaço físico.....	36

3.1.3 Atividades.....	39
<b>3.2 SCFV PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE 6 A 15 ANOS NO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS: O CENTRO DE EDUCAÇÃO COMPLEMENTAR (CEC) .....</b>	<b>46</b>
3.2.1 Matriz metodológica do CEC .....	47
3.2.2 Áreas de atuação do CEC em Florianópolis .....	48
3.2.3 Caracterização das crianças e adolescentes atendidos pelo CEC .....	51
3.2.4 Atividades socioeducativas e de convivência oferecidas pelo CEC .....	53
3.2.5 Recursos humanos .....	53
3.2.6 Espaço físico.....	54
<b>3.3 ARQUITETURA E PSICOLOGIA AMBIENTAL: APORTE MULTIDISCIPLINAR NO ESTUDO DA INTER-RELAÇÃO HUMANO X AMBIENTE .....</b>	<b>54</b>
3.3.1 Comportamento: Privacidade e Ambiência .....	56
3.3.1.1 Privacidade .....	58
3.3.1.2 Ambiência .....	61
3.3.2 Espaço, lugar, a criança e o adolescente.....	72
<b>3.4 ESTUDOS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E A TEORIA ECOLÓGICA .....</b>	<b>73</b>
3.4.1 Terceira infância.....	74
3.4.2 Primeira adolescência .....	74
3.4.3 Teoria Ecológica de Bronfenbrenner .....	75
<b>4 ESTUDO DE CASO.....</b>	<b>79</b>
<b>4.1 ESCOLHA DO LOCAL DE ESTUDO .....</b>	<b>79</b>
<b>4.2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO.....</b>	<b>80</b>
4.2.1 Resgate do passado: Abrigo de Menores de Santa Catarina....	82
4.2.1.1 Implantação.....	84
4.2.1.2 Espaço físico do Abrigo de Menores de Santa Catarina ...	84
4.2.2 O presente: CEC Criança fazendo Arte .....	86
4.2.2.1 Espaço físico: CEC Criança fazendo Arte .....	89
4.2.2.2 Atividades socioeducativas e de convivência no CEC Criança fazendo Arte .....	102



4.2.2.3 Cenários X Atividades socioeducativas e de convivência	104
4.2.2.4 Caracterização dos usuários do CEC Criança fazendo Arte	108

**4.3 INTERAÇÃO COM OS USUÁRIOS DO CEC CRIANÇA FAZENDO ARTE ..... 111**

4.3.1 Interpretação dos resultados das entrevistas semiestruturadas com os funcionários do CEC Criança fazendo Arte	113
4.3.2 Interpretação dos resultados do Jogo de Imagens e Palavras com as crianças e os adolescentes do CEC Criança fazendo Arte	124

**4.4 ANÁLISE FINAL..... 129**

4.4.1 Privacidade	129
4.4.2 Ambiência: Sistema de orientação básico	139
4.4.3 Ambiência: Sistema háptico e Sistema visual	142
4.4.4 Ambiência: Sistema paladar/olfato	151
4.4.5 Ambiência: Sistema auditivo	153

**5 RECOMENDAÇÕES AO PROJETO ARQUITETÔNICO ..... 157**

**5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS ..... 157**

5.1.1 Síntese dos resultados encontrados	157
5.1.2 Breve análise da situação das demais unidades do CEC em Florianópolis	159

**5.2 DIRETRIZES PROJETUAIS ..... 164**

5.2.1 Programa de necessidades	164
5.2.2 Atributos arquitetônicos aplicados ao projeto do Centro de Educação Complementar	166
5.2.3 Diretrizes projetuais globais	168
5.2.3.1 Privacidade	168
5.2.3.2 Ambiência: Sistema de orientação básico	169
5.2.3.3 Ambiência: Sistemas háptico e visual	170
5.2.3.4 Ambiência: Sistema paladar/olfato	171
5.2.3.5 Ambiência: Sistema auditivo	172
5.2.3.6 Outras recomendações	174
5.2.4 Diretrizes projetuais específicas	175
5.2.4.1 Conjunto pedagógico	175
5.2.4.2 Conjunto de vivência e assistência	182
5.2.4.3 Conjunto administrativo e apoio	183

<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>185</b>
<b>6.1 RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS PESQUISAS .....</b>	<b>186</b>
<b>6.2 DISSEMINAÇÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>186</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>188</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>197</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>204</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A motivação para realizar essa pesquisa surgiu após um amplo estudo realizado pela pesquisadora em seu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC sobre as Unidades de Socioeducação para adolescentes infratores (OLIVEIRA, 2009). Estas instituições têm por finalidade ressocializar adolescentes em conflito com a Lei, transformando valores e comportamentos negativos já sedimentados, em positivos.

Entretanto, no final do TCC constatou-se que estas instituições ainda possuem muita dificuldade em atender a esses propósitos. No que se refere à Arquitetura, verificou-se que os ambientes hoje destinados a realizar este trabalho, em sua maioria, não estão adequados para o processo pedagógico a ser desenvolvido, dificultando e até mesmo impedindo a esperada recuperação e reinserção dos internos na sociedade (OLIVEIRA, 2009). Sendo assim, este cenário levanta um ponto importante, o qual explica a intenção pessoal sobre o presente estudo: A origem do problema do alto índice de marginalidade infantojuvenil se dá pelos serviços públicos e de assistência social deficiente, carência financeira, desestrutura familiar e evasão escolar. Onde, nesses casos, configura-se uma situação de vulnerabilidade social.

A partir destas verificações, entende-se que ao unir a Arquitetura às atividades socioeducativas e de convivência, pode-se contribuir no processo de transformar crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social em cidadãos íntegros, afastando-os da marginalidade, através da concepção de espaços que contribuam para o crescimento e desenvolvimento pessoal ao despertar suas potencialidades para arte, cultura, esporte, lazer e educação. Ressalta-se que as relações estabelecidas entre as pessoas e o ambiente no qual interagem são de extrema importância para a estruturação do modo como estas se relacionam com o mundo, com outras pessoas e consigo mesmas.

Segundo Malard (2006), os lugares influenciam as relações sociais na medida em que sugerem, facilitam, impedem, ou mesmo condicionam eventos. Sendo assim, o homem cria lugares para suas atividades e dota esses lugares de significados. Os lugares, uma vez apropriados, influenciam as atividades e, conseqüentemente, afetam a relação social.

Sob este enfoque, visando à proteção integral regulamentada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), cabe ao arquiteto aprimorar seus conhecimentos sobre os efeitos que o espaço físico oferecido para a população infantojuvenil em situação de vulnerabilidade social exerce sobre os mesmos, e como este local pode,

em conjunto com uma equipe multiprofissional, possibilitar que crianças e adolescentes se constituam como pessoas saudáveis psicofisicamente, invertendo o processo de deterioração social atual.

### 1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO PROPOSTO

No Brasil, as crianças e os adolescentes possuem seus direitos assegurados por uma legislação específica, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990).

No entanto, a realidade contemporânea brasileira, sintetizada na Tabela 1, mostra que muitas destas pessoas ainda estão expostas a inúmeras formas de violação de direitos humanos.

Tabela 1 – As vinte violações mais frequentes asseguradas pelo ECA

<b>Violações</b>	<b>Frequência (%)</b>
Violência psicológica cometida por familiares/responsáveis	36
Violação do direito à alimentação	34,3
Abandono	34,2
Violência física cometida por familiares/responsáveis	25,8
Violação do direito à higiene	25
Ambiente familiar violento	19,3
Indivíduo fora da escola por motivos diversos	18,1

Fonte: Fischer; Schoenmaker (2010)

Tabela 1 (Continuação) - As vinte violações mais frequentes asseguradas pelo ECA

<b>Violações</b>	<b>Frequência (%)</b>
Pais/responsáveis que não providenciam encaminhamento para atendimento médico ou psicológico	15,1
Trabalho infantil	11,9
Violência ou abuso sexual por parte de familiares/responsáveis	10,7
Condições inadequadas para o trabalho do adolescente	8,8
Baixa frequência às aulas	7,7
Violência psicológica cometida por não familiares/responsáveis	7,3
Violência ou abuso sexual por não familiares/responsáveis	6,7
Violência cometida por pares	6,2
Ausência de registro de nascimento ou outros documentos	6,0
Impedimentos ou constrangimentos para frequentar espaços e localidades	5,8
Cárcere privado	5,3
Adoção ou guarda irregular ou ilegal	4,8
Trabalho escravo ou forçado	4,7

Fonte: Fischer; Schoenmaker (2010)

Estas violações se encaixam nas restrições e impossibilidades que os pais vivem por não disporem de muito tempo para lazer e cuidados com seus filhos, seja pela jornada de trabalho e/ou condição financeira. Muitas crianças e adolescentes passam longos períodos do dia sozinhos, tendo dificuldades em conciliar o tempo de estudo e lazer com as tarefas de cuidar da casa e dos irmãos. Além disto, ficam expostos a toda imprevisibilidade da vida contemporânea, e por muitas vezes acabam por desinteressar-se pelo modo de vida condizente com a sua idade, tornando-se presas fáceis para as armadilhas da rua tais como prostituição, tráfico e consumos de drogas dentre outras.

Neste cenário, foi criado o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos, um serviço ofertado na Proteção Social Básica (Resolução CNAS n.º 109/2009), com foco na constituição de espaço de convivência, formação para a participação e cidadania, desenvolvimento do protagonismo e da autonomia das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e violação de direitos.

Os SCFVs para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos são constituídos como alternativa para assegurar ambientes de referência para o convívio grupal, comunitário e social e para o desenvolvimento de relações de afetividade, solidariedade e respeito mútuo. Além disso, a questão central destes espaços é um local com identidade própria, diferente do espaço escolar.

Assim, tais espaços não são destinados aos serviços de Educação Básica (Lei nº 10.172/2001), e sim para experiências culturais, esportivas e lúdicas como formas de expressão, interação, aprendizagem, sociabilidade e proteção social que permitem um suporte no desenvolvimento psicofísico de crianças e adolescentes.

No entanto, cabe salientar que as características físicas funcionais desses espaços são definidas de modo superficial pelo Manual de Instruções, Diretrizes e Procedimentos Operacionais para Contratação e Execução de Programas e Ações da Secretaria Nacional de Assistência Social (BRASIL-b, 2010), este documento não aborda questões referentes a organização espacial, as configurações formais do espaço e os atributos arquitetônicos que englobam: cor, forma, luz, textura, sons e aromas.

Para a arquitetura, apenas definir parâmetros dimensionais não garante a qualidade do espaço. Algumas questões referentes a aspectos subjetivos relacionados ao espaço físico, como as condições ideais para o desempenho das atividades propostas, bem como o condicionamento que o ambiente exerce no comportamento do usuário são de suma importância para garantir a qualidade de vida.

Dessa maneira, a pesquisa justifica-se pela importância da arquitetura na concepção de espaços que visam contribuir para o afastamento de crianças e adolescentes da situação de vulnerabilidade social e que, ao mesmo tempo, estimulem o processo de desenvolvimento psicofísico, o qual maioria das vezes é afetado pela condição em que se encontram.

## 1.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

O município de Florianópolis ocupou o 10º lugar no ranking que aponta o aumento da população nas capitais brasileiras (IBGE, 2010), totalizando população de 421.240 habitantes. Isto acontece devido à migração de pessoas para a capital em busca de trabalho e melhores condições de vida. Porém, devido à competitividade contemporânea, onde o nível educacional é uma das exigências para a empregabilidade, essas pessoas assistem o dissipar de suas esperanças de progresso.

Infelizmente, este cenário ocasiona muitos efeitos negativos, e o crescimento populacional desordenado força grande parte dessas pessoas a ocupar áreas de risco para construir suas moradias (LONARDONI, 2007). Sabe-se que esse não é o único problema, pois estas regiões se deparam frequentemente com serviços públicos e de assistência social deficiente, o que resulta na grande fragilidade social destes locais, atingindo especialmente as crianças e os adolescentes.

Diante disto, esta pesquisa limita-se a realizar estudo de caso em uma das unidades do Centro de Educação Complementar (CEC) em Florianópolis/SC, o CEC Criança fazendo Arte. No CEC são ofertados os SCFV para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos que frequentam as escolas públicas no contraturno. Esses centros estão implantados em áreas de interesse social do município, consideradas áreas de vulnerabilidade social. A opção justifica-se, pois esta unidade é a maior da rede de nove CECs, com capacidade de atendimento para 180 crianças e adolescentes e, por estar localizada em uma região de fácil acesso, no bairro Agrônômica, a unidade atende não só as comunidades de baixa renda de seu entorno, mas também da região norte e continental de Florianópolis.

Não é objetivo da pesquisa desenvolver projeto arquitetônico que possa solucionar os conflitos identificados no CEC Criança fazendo Arte. O que se procurou foi dar suporte ao projetista à solução de quais elementos devem ser considerados no momento da concepção de projetos arquitetônicos voltados para o convívio e socialização, através da realização de atividades socioeducativas e de convivência, de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

## 1.3 OBJETIVOS

### 1.3.1 Objetivo Geral

Desenvolver diretrizes arquitetônicas, com foco em Ambiência e Privacidade, para ambientes de socialização da população infantojuvenil em situação de vulnerabilidade social participantes das atividades do Centro de Educação Complementar (CEC) de Florianópolis/SC.

### 1.3.2 Objetivos Específicos

Para atingir o objetivo geral, foi necessário estabelecer objetivos específicos, conforme segue:

- 1 – Identificar os usuários da unidade do Centro de Educação Complementar (CEC) Criança fazendo Arte, bem como suas necessidades e desejos para este ambiente;
- 2 – Identificar quais as atividades socioeducativas e de convivência neste CEC em particular;
- 3 – Analisar as características espaciais deste local em relação às atividades oferecidas, fundamentadas, em especial, nas categorias de Ambiência e Privacidade.

## 1.4 MÉTODO E TÉCNICAS DE PESQUISA

A pesquisa proposta desenvolveu-se a partir da abordagem qualitativa. Os métodos qualitativos estudam situações de vida e textos de cunho social, que apresentam fenômenos subjetivos, tais como dados históricos, expressões de crenças, valores, expectativas, motivações, conhecimentos, percepções, sentimentos, queixas, emoções e práticas, com o intuito de descrição, interpretação e explicação de uma dada realidade sem a preocupação de quantificação e generalização dos resultados (BOGDAN; BIKLEN, 1994; MINAYO, 2004; PATRÍCIO, 1995).

Este trabalho configura-se em uma pesquisa descritiva. Pela sua natureza, pode ser identificada como estudo de caso, segundo alguns aspectos definidos por Bogdan e Biklen (1994), como ser realizada sobre um contexto, em um período de tempo determinado.

Partindo desse princípio, os dados foram coletados no ambiente da unidade do Centro de Educação Complementar (CEC) Criança fazendo Arte. O processo de pesquisa realizou-se no período de maio de 2012 a dezembro de 2012.



Como técnicas para coleta de dados têm-se pesquisas bibliográficas, documentais e imagéticas como base teórica para a coleta de informações no estudo de caso. Já as técnicas utilizadas no trabalho de campo são: visitas exploratórias; observação participante; leituras espaciais; entrevista e Jogo de Imagens e Palavras. Ressalta-se que o trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador com a realidade sobre qual formulou a pergunta, mas também estabelece uma interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social (MINAYO; GOMES, 2012).

Todas as técnicas mencionadas serão mais bem explicadas no Capítulo 4.

**O projeto de pesquisa (CAAE: 02968712.2.0000.0121) está registrado no Conselho de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, sob parecer nº 105.630, expedido no dia 24 de setembro de 2012.**

## 1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta pesquisa foi organizada em seis capítulos, apresentados a seguir:

**Capítulo 1: INTRODUÇÃO** - refere-se à motivação para o tema em estudo; expõe os objetivos pretendidos nesta pesquisa e a forma como este trabalho será desenvolvido.

A fundamentação teórica divide-se nos Capítulos 2 e 3, conforme descrição a seguir:

**Capítulo 2: CENÁRIO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO BRASIL** – é traçado o histórico das Políticas Nacionais destinadas à população infantojuvenil. Além disto, faz-se um estudo como forma de conhecer a realidade atual criança e do adolescente em situação de vulnerabilidade social no Brasil.

**Capítulo 3: AMBIENTE CONSTRUÍDO: FATORES PROMOTORES DE SOCIALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO** – busca-se o entendimento do Serviço de Convívio e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos, e após apresenta-se o local de sua aplicação no município de Florianópolis. Introduce os conceitos sobre a relação pessoa-ambiente, buscando compreender as necessidades e desejos dos usuários, entre os aspectos de qualificação do ambiente construído as atividades socioeducativas e de convivência. Por fim, aborda-se a contribuição do meio ambiente no

desenvolvimento infantojuvenil através da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner.

**Capítulo 4: ESTUDO DE CASO** – são abordadas as técnicas utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho, conceituando-as e explicando a forma como foram empregadas. Neste capítulo, também são apresentados os resultados obtidos a partir destas técnicas: descreve-se o local onde a pesquisa foi desenvolvida, bem como caracteriza-se o usuário e suas atividades neste espaço. Além disto, analisa-se, sob ponto de vista da pesquisadora, o ambiente construído do estudado em relação ao seu uso, destacando principalmente os conceitos de Privacidade e Ambiência.

**Capítulo 5: DIRETRIZES PROJETUAIS** – neste capítulo apresentam-se as recomendações para a edificação estudada e para edificações em contextos semelhantes.

**Capítulo 6: CONCLUSÕES** – são expostas as conclusões da pesquisa baseadas nos resultados do estudo de caso e a fundamentação teórica, assim como as recomendações para futuros estudos. Em seguida, apresentam-se as Referências utilizadas no desenvolvimento da dissertação, Anexos e os Apêndices produzidos.

## 2 CENÁRIO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO BRASIL

Este capítulo apresenta, inicialmente, uma visão geral da evolução das políticas pertinentes à população infantojuvenil no Brasil até os dias atuais.

Ainda nesse capítulo é apresentada a realidade atual desta população no Brasil, e em particular no município de Florianópolis, local onde está implantado o objeto de estudo desta dissertação.

Estes conhecimentos tornam-se necessários uma vez que a criança e o adolescente em situação de vulnerabilidade social tem uma série de direitos violados, o que gera profundas consequências e desdobramentos prejudiciais aos sujeitos, visto que estes são pessoas em situação de desenvolvimento.

### 2.1 BREVE HISTÓRICO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE NO BRASIL

O Quadro 1, apresentado a seguir, explana a evolução das políticas nacionais pertinentes a criança e ao adolescente.

Quadro 1 – Histórico dos direitos da criança e adolescente no Brasil

<b>Políticas</b>	<b>Descrição</b>
Início séc. XX	As populações economicamente carentes eram entregues aos cuidados da Igreja Católica através de algumas instituições, entre elas as Santas Casas de Misericórdia.
1923	Criado o primeiro Juizado de Menores no Brasil, sob o comando do Juiz Mello Matos.
1927	Decreto nº 17.943, de 12/10/27, criou o primeiro Código de Menores, o qual se preocupou com o estado físico, moral e mental da criança, bem como com a sua situação moral e econômica.
1942	Serviço de Assistência ao Menor - SAM. Tratava-se de um órgão do Ministério da Justiça e que funcionava como um equivalente do sistema penitenciário para a população de menor idade. O sistema previa atendimento diferente para o adolescente autor de ato infracional e para o menor carente e abandonado.

Quadro1 (Continuação) - Histórico dos direitos da criança e adolescente no Brasil

Políticas	Descrição
1967	<p>- Fundação Nacional do Bem Estar do Menor – FUNABEM (Lei nº 4.513 de 1/12/64) tinha o objetivo de ser a grande instituição de assistência à infância, cuja ação era a internação, tanto dos abandonados e carentes como dos infratores seu principal foco, e a nível estadual as Fundações Estaduais do Bem-Estar do Menor - FEBEMs.</p> <p>- A Lei nº Lei 6697 de 10/10/79, criou Código de Menores, de 1979 que constituiu-se em uma revisão do Código de Menores de 27, não rompendo, no entanto, com sua linha principal de arbitrariedade, assistencialismo e repressão junto à população infantojuvenil.</p>
1988	<p>Constituição Federativa do Brasil, que apagou os rastros da ditadura militar e estabeleceu princípios democráticos no país. Este importante avanço democrático compromete-se com o tema da criança e do adolescente no artigo 227, que garante à criança e ao adolescente seus direitos fundamentais, além de protegê-los de forma especial.</p>
1989	<p>PROSAD (Portaria do Ministério da Saúde nº 980/GM de 21/12/1989), fundamenta-se numa política de Promoção de Saúde, de identificação de grupos de risco, detecção precoce dos agravos com tratamento adequado e reabilitação, respeitadas as diretrizes do Sistema Único de Saúde, garantidas pela Constituição Brasileira de 1988.</p>
1990	<p>Cria-se o Estatuto da Criança e Adolescente - ECA (Lei 8.069/90) em 13 de Julho de 1990. O ECA pressupõe a doutrina de Proteção Integral às crianças e aos adolescentes, sendo que essa Lei assegura seus direitos sem discriminação e possui uma concepção político social, visando o desenvolvimento social para todas as crianças e adolescentes.</p>

No entanto, apesar de todos os avanços apresentados no quadro anterior em relação à esfera da assistência de crianças e de adolescentes, a implementação integral do ECA ainda representa um desafio para todos aqueles envolvidos e comprometidos com a garantia dos direitos da população infantojuvenil.

## 2.2 REALIDADE CONTEMPORÂNEA DA CONDIÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE NO BRASIL

De acordo com o que foi mencionado anteriormente, o Art. 227 da Constituição Federal de 1988, dá prioridade absoluta à criança e ao adolescente. Para reforçar esta ideia, o ECA (BRASIL, 1990) reconhece que todas as crianças e adolescentes possuem direitos que devem ser respeitados pela família, pela sociedade e pelo Estado. Seu parágrafo único do art. 4º prevê a preferência na formulação e na execução das políticas sociais, assim como a destinação privilegiada de recursos públicos às áreas relacionadas com a proteção desse segmento populacional.

Porém, a realidade mostra um cenário diferente do apontado pela legislação. O Brasil possui população aproximada de 190 milhões de pessoas (IBGE, 2010), dos quais 60 milhões têm menos de 18 anos de idade, e esta parcela da população está exposta a diversas formas de violação de direitos.

O conceito de vulnerabilidade vem sendo amplamente utilizado nos últimos anos, inclusive em textos que tratam de princípios e diretrizes de políticas públicas. Originário da área da advocacia internacional o conceito indica, em sua procedência, grupos ou indivíduos fragilizados, jurídica ou politicamente, na proteção ou na garantia de seus direitos de cidadania (RIZZINI; CALDEIRA; RIBEIRO; CARVANO, 2010). Ainda, segundo Abramovay et al. (2002 apud Moraes, 2009), vulnerabilidade social é o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais que proveem do estado, do mercado e da sociedade

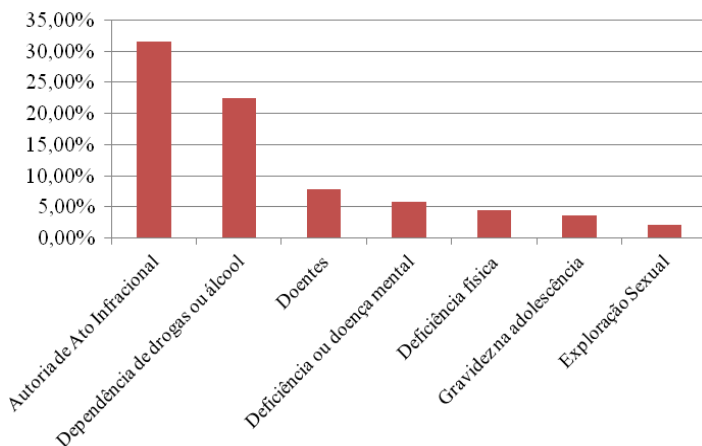
No Brasil, costuma-se considerar a população de baixa renda como classe social em situação de vulnerabilidade (FISCHER; SCHOENMAKER, 2010). Porém, entende-se que esta situação não se reduz a isto, pois, estão nesta posição, por exemplo, todas as crianças e adolescentes que hoje têm encontrado nas ruas uma alternativa de vida, aquelas que estão fora da escola ou tendo dificuldades de nela permanecer, aquelas oriundas das classes mais abastadas, mas que

apresentam problemas e cometem infrações. Considerando esta diferença, Kaztman (2005, p.04) amplia o conceito de vulnerabilidade dizendo:

Vulnerabilidad no es exactamente lo mismo que pobreza se bien la incluye. Esta última hace referencia a uma situación de carência efectiva y actual mientras que la vulnerabilidad trasciende esta condición proyectando a futuro la posibilidad de padecer a partir de ciertas debilidades, que se constatan em el presente.

Como efeito da vulnerabilidade tem-se o risco social que, conforme o Programa Nacional de Assistência Social - PNAS (2004), configura-se como uma situação instalada que, ao se impor, afeta negativamente a identidade e a posição social de indivíduos e grupos. É decorrente dos processos de omissão ou violação de direitos. Como forma de esboçar esta realidade, o Gráfico 1 nos apresenta o retrato de algumas situações de vulnerabilidade social presentes na população infantojuvenil brasileira:

Gráfico 1 – Exemplos de vulnerabilidade social na população infantojuvenil brasileira



Fonte: Fischer; Schoemaker (2010)

É importante ressaltar que estes percentuais exemplificam algumas das inúmeras situações de vulnerabilidades que afetam crianças e adolescentes no país. Sendo assim, pode-se concluir que todo esse cenário de vulnerabilidades e riscos, que impacta diretamente no núcleo familiar,

enfraquecendo-o em seu papel protetivo, gera consequências diretas para a infância e adolescência, o que virá a refletir negativamente no futuro da sociedade como um todo.

### 2.3 CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL EM FLORIANÓPOLIS/SC

No município de Florianópolis, ao se tratar a questão de vulnerabilidade social, faz-se necessário uma aproximação com a questão habitacional. A cidade foi alvo de um intenso processo de urbanização durante as últimas décadas, e especialmente nos últimos anos, trazendo pessoas em busca de uma melhor qualidade de vida na capital catarinense.

Conforme dados do Censo (IBGE, 2010), a população de Florianópolis corresponde a 421.240 pessoas. Pode-se afirmar que 13% da população municipal, aproximadamente 54.000 pessoas, vivem em áreas de interesse social – AIS, totalizando 64 comunidades, as quais correspondem a áreas ocupadas irregularmente por assentamentos de baixa renda.

No entanto, como forma de melhor caracterizar esta população inserida nas AIS de Florianópolis, utiliza-se os dados apresentados pelo banco de dados do Cadastro Único - um instrumento de coleta de dados e informações com o objetivo de identificar todas as famílias de baixa renda existentes no país, afim de incluí-las nos programas sociais do Governo Federal como o Bolsa Família, Projovem Adolescente/Agente Jovem e Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - que possui 13.191 famílias cadastradas, totalizando 47.704 pessoas que possuem renda per capita de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo, ou seja, 88% da população residente em AIS (PLANO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - PMAS 2010-2013).

Para melhor visualização destes dados, apresenta-se na Tabela 2 o município de Florianópolis dividido em regiões, bem como suas populações totais e, no caso particular, a população de baixa renda conforme Cadastro Único (PMAS 2010-2013).

Tabela 2 – Características populacionais de Florianópolis

<b>Dados CadÚnico*</b>			
<b>Região</b>	<b>Pop. Total</b>	<b>Pop. Total CadÚnico</b>	<b>Pop. 6 a 14 anos CadÚnico</b>
Norte	66420 hab.	11892 hab.	3509 hab.
Sul	78345 hab.	12848 hab.	3258 hab.
Leste	63355 hab.	1516 hab.	434hab.
Centro	93693 hab.	11414 hab.	3306 hab.
Continente	106348 hab.	10307 hab.	3170 hab.

Fonte: PMAS 2010-2013

Nota: \*Dezembro/2009

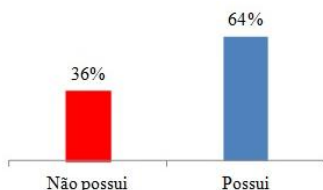
A partir dos dados extraídos do Cadastro Único, apresentados anteriormente na Tabela, observa-se o número de crianças e adolescentes na faixa etária de 06 a 14 anos, sujeitos de pesquisa desta dissertação. Tem-se um total de 13.249, sendo 6.698 do sexo masculino e 6551 do sexo feminino.

De modo geral, estas áreas se localizam em regiões que possuem precárias condições de habitação, impondo um cenário urbano caótico, o que acaba representando um perverso quadro de exclusão social, com precária ou total ausência de infraestrutura urbana e equipamentos sociais, restrição ao uso dos serviços de segurança, educação, saúde e lazer, além da questão da violência.

No que se refere ao acesso destas comunidades à infraestrutura, percebe-se que a maior carência apresentada pelas mesmas é principalmente a ausência de destinação adequada dos esgotos sanitários, seguida pela ausência de drenagem, abastecimento de água e energia elétrica (PMAS 2010-2013). Já em relação às carências referentes aos serviços públicos destinados à população infantojuvenil residente nas AIS de Florianópolis, apresenta-se os Gráficos a seguir que ilustram algumas destas:

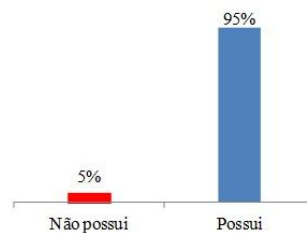


Gráfico 1 – Creches



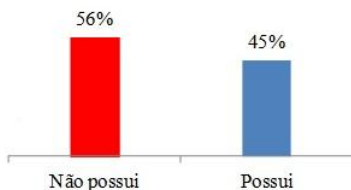
Fonte: PMAS 2010-2013

Gráfico 3 – Ensino fundamental



Fonte: PMAS 2010-2013

Gráfico 2 – Centro de Educação Complementar (CEC)



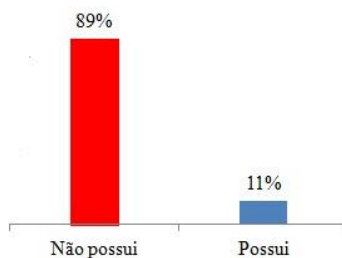
Fonte: PMAS 2010-2013

Gráfico 3 – Ensino médio



Fonte: PMAS 2010-2013

Gráfico 4 – Ensino profissionalizante



Fonte: PMAS 2010-2013

Pode-se concluir, diante do exposto, que crianças e adolescentes sem oportunidades de qualificar o seu tempo livre, visto a escassez de serviços públicos e áreas de lazer em AIS, acabam sendo alvos preferenciais do crime e do tráfico de drogas, atividades ilícitas que

marcam presença ao ocupar o espaço deixado em aberto pelo poder público;

Com intuito de propor para estas pessoas um ambiente saudável, acolhedor e integrador, que oportunize o acesso a serviços, programas e equipamentos públicos, tem-se o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos (BRASIL (a), 2010).

### **3 O AMBIENTE CONSTRUÍDO PARA SOCIALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA POPULAÇÃO INFANTOJUVENIL EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

Nesse capítulo, expõe-se o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) discorrendo sobre suas características particulares tais como: breve histórico do seu surgimento, ambiente físico e metodologia. Logo após, busca-se estudar a importância da relação entre ser humano e ambiente sob a ótica da Psicologia Ambiental e da Arquitetura, relacionando as atividades socioeducativas e de convivência sugeridas no SCFV ao espaço físico.

#### **3.1 SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS (SCFV) PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE 6 A 15 ANOS**

Os Centros de Atendimento para Crianças e Adolescentes são unidades públicas da rede de Proteção Social Básica (Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009) a qual tem como objetivo a prevenção de situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Destina-se à população que vive em situação de vulnerabilidade decorrente da pobreza, ausência de renda, acesso precário ou nulo aos serviços públicos ou fragilização de vínculos afetivos (discriminações étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras). Essa Proteção prevê o desenvolvimento de serviços, programas e projetos locais de acolhimento, convivência e socialização de famílias e de indivíduos, conforme identificação da situação de vulnerabilidade apresentada.

Perante isso, no que se refere ao atendimento infantojuvenil, estes serviços foram estruturados levando em consideração a faixa etária dos seus usuários, e estão divididos em:

- Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV para crianças até 6 anos de idade;
- Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos de idade;
- Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV para adolescentes e jovens de 15 a 17 anos de idade.

Porém, conforme citado anteriormente, a pesquisa limita-se a estudar o ambiente do SCFV para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos. Segundo a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2009),

este serviço em particular tem como foco a constituição de espaço de convivência, formação para a participação e cidadania, desenvolvimento do protagonismo e da autonomia das crianças e adolescentes a partir de interesses, demanda e potencialidades dessa faixa etária.

### **3.1.1 Usuários**

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e do Combate à fome – MDS (BRASIL-a, 2010), o SCFV para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos atendem, em especial:

- Crianças e adolescentes encaminhados pela Proteção Social Especial, com prioridade para aqueles retirados do trabalho infantil;
- Crianças e adolescentes com deficiência;
- Crianças e adolescentes cujas famílias são beneficiárias de programas de transferência de renda;
- Crianças e adolescentes de famílias com precário acesso a renda e a serviços públicos.

### **3.1.2 Espaço físico**

O Manual de Instruções, Diretrizes e Procedimentos Operacionais para contratação e execução de Programas e Ações da Secretaria Nacional de Assistência Social (BRASIL-b, 2010) expõe que os Centros de Atendimento para Criança e Adolescente, de forma geral, possuem identidade própria, não se assemelhando a uma escola. Ressalta ainda que, os espaços destinados à realização das atividades socioeducativas e de convivência devem respeitar os ciclos de vida em que os usuários se encontram, não infantilizando os maiores e/ou oferecendo conteúdos inadequados aos menores.

Como forma de contribuir para o entendimento destas diretrizes, o manual apresenta os espaços necessários ao atendimento socializador, bem como suas dimensões mínimas recomendadas, conforme a Tabela 3:

Tabela 3 – Dimensões mínimas para Centros de Atendimento para Criança e Adolescente

<b>Espaço</b>	<b>Dimensão mínima (m<sup>2</sup>)</b>
Sala para Direção/Técnicos e Reunião	18,00
Sala para atividades coletivas (capacidade 25 pessoas)	30,00
Banheiro feminino (2 vasos + 1 lavatório)	4,50
Banheiro masculino (1 vaso + 1 mictório + 1 lavatório)	4,50
Banheiro feminino acessível (NBR 9050/2004)	2,55
Banheiro masculino acessível (NBR 9050/2004)	2,55
Copa/cozinha	7,50
Depósito geral	4,00
Salão para atividades culturais	40,00
Sala de leitura	18,00
Quadra poliesportiva	19,00 x 32,00 m
<b>Total com acréscimo de 10% áreas de circulação (exceto quadra poliesportiva)</b>	<b>129,32 + 12,93 = 142,00</b>

Fonte: BRASIL (b), 2010

Com intuito de completar este manual, a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2009) ressalta que os ambientes devem contar com adequada iluminação, ventilação, conservação, privacidade, salubridade, limpeza e acessibilidade em todos os seus ambientes de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. Além disso, é preciso que, nos espaços onde forem realizadas as atividades, o mobiliário seja suficiente e compatível com a faixa etária dos participantes e que os espaços físicos tenham estrutura apropriada ao tipo de atividade desenvolvida, oferecendo, por exemplo, mesas e

cadeiras posicionadas de modo que exista espaço suficiente e razoável para que possam se deslocar; armário para guardar materiais de uso coletivo; chão liso para prática de atividades como as de expressão corporal e dança; estantes para livros, brinquedos e jogos pedagógicos; mural para exposição/organização das atividades; quadro branco; computadores, no caso de atividades de inclusão digital; espaço para oferta de prática esportiva, com quadras, redes, etc.

Cabe salientar que o referido manual considera a capacidade de usuários somente para o ambiente da sala de atividades coletivas, 25 pessoas em uma área de 30m<sup>2</sup>. A partir desta informação pode-se entender que, para fins de capacidade, tem-se uma área de 1,2m<sup>2</sup> por pessoa, e para os demais ambientes têm-se apenas as dimensões mínimas. A falta da definição de parâmetros para a área dificulta a avaliação desses números, embora se torne claro que áreas com 1,2m<sup>2</sup>/pessoa sejam extremamente exíguas.

A partir desta verificação, surgem algumas perguntas: A capacidade de 25 pessoas representa a população infantojuvenil atendida e os funcionários? A área mínima por usuário estipulada seria confortável nos ambientes destinados as atividades de socialização e convivência? Em relação aos sanitários, se levarmos em consideração a capacidade de 25 pessoas adotada para a sala de atividades coletivas, o número de vasos sanitários e lavatórios é viável?

Ainda sob este enfoque, entende-se que apesar da Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2009) discorrer sobre questões mais específicas quanto as necessidades dos usuários em relação ao ambiente, não são mencionadas questões relativas à qualidade dos ambientes, como a organização espacial, as configurações formais do espaço e os atributos arquitetônicos que englobam: cor, forma, luz, textura, sons e aromas. Estes aspectos apontados têm papel importante no bem estar e desenvolvimento psicofísico de seus usuários, e a ausência destes pode, certamente, dificultar ou até mesmo impossibilitar a realização das atividades diárias de um espaço para o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos, impedindo assim o sucesso do objetivo almejado.

Todas estas características necessárias que inexistem nas normas específicas ao tema desta dissertação tornam-se preocupantes uma vez que, o projeto arquitetônico de ambientes destinados à socialização e convivência de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social deve estar dotado de responsabilidade social por parte do profissional arquiteto e de todos os demais órgãos responsáveis, pois, um espaço sempre remete a uma expectativa, mas expectativas de um grupo.

### 3.1.3 Atividades

As atividades sugeridas no SCFV para Crianças e Adolescentes de 6 a 15 anos visam estimular vivências, práticas e experiências na ampliação do universo informacional, cultural e social destas pessoas. Segundo a descrição do período de funcionamento do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças e Adolescentes com idades entre 6 e 15 anos constante na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2009), as atividades poderão ser oferecidas:

- em dias úteis, feriados e finais de semana;
- em turnos diários de até 4 horas;
- no caso de crianças e adolescentes retirados do trabalho infantil, o Serviço deve funcionar por pelo menos 15 horas semanais (zona urbana) e 10 horas semanais (zona rural), e a frequência constitui condicionalidade para transferência de renda às famílias.

Como estratégia para organizar as atividades, estas são conduzidas por temas. Entende-se por tema o conjunto de questões identificadas como de atenção e reflexão, no Serviço, que atravessam e perpassam, em toda a sua extensão, as ações de convivência em suas atividades teóricas e práticas, recobrando os vários domínios e conteúdos imprescindíveis para a compreensão da realidade e para a participação social de crianças e adolescentes em seu processo de crescimento e desenvolvimento individual e coletivo.

Nos temas, serão realizadas atividades organizadas de maneira a contemplar os objetivos do Serviço e o alcance dos resultados esperados. Poderão ser organizadas em diferentes dimensões, aproveitando a experiência e a cultura local, a formação específica de Orientadores Sociais e Facilitadores de Oficinas, sempre com a preocupação especial de garantir diversidade, qualidade e criatividade (Orientações Técnicas sobre o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças e Adolescente de 6 a 15 anos – BRASIL (a), 2010).

Para alcançar estes objetivos, as atividades dividem-se em:



Figura 1 – Atividades SCFV

Fonte: Autora

A partir desta definição, as atividades mencionadas acontecem em oficinas, cujo principal objetivo é compor um ambiente socializador que propicie o desenvolvimento da identidade da criança, do adolescente e do próprio grupo, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação e descontração. Logo, cabe a cada centro em particular, adaptar, alterar ou expandir seu conteúdo dentro dessas três subdivisões anteriormente mencionadas, levando em consideração as características socioculturais do local onde o centro está implantado.

Diante do exposto, observa-se a importância de estudar os conceitos de cultura, esporte e lúdico, norteadores das atividades sugeridas no processo de convivência e socialização de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Este estudo nos possibilita alcançar o entendimento sobre o “lugar possibilitador de socialização e transformação”, pois, de acordo com Malard (p. 36, 2006) quando o ser humano realiza suas atividades, faz acontecer no espaço as suas intenções, os seus desejos. Nesse processo, ele busca adequar o ambiente àquilo que ele quer espacializar.

### 3.1.3.1 Cultura

O ser humano é a única criatura capaz de criar e conservar cultura. Cada sociedade humana possui sua cultura própria e característica, logo, é extremamente importante que as diferentes sociedades persistam com esse cultivo.

O antropólogo norte-americano E. Adamson Hoebel define cultura como a soma total e integrada, das características de comportamento aprendido que são manifestadas e compartilhadas pelos membros de uma sociedade. Assim, cultura é o resultado de invenção social, e pode ser considerada como herança social, pois é transmitida por ensinamento a cada nova geração.



Ou seja, não existe cultura melhor ou pior, pois se torna impossível julgar as diferenças entre crenças e hábitos de uma sociedade.

Segundo Carneiro (2010), ao comparar e comentar culturas deve-se prestar atenção a eventuais manifestações de etnocentrismo, tendência que desenvolvemos em julgar elementos de outras culturas com bases nos padrões da nossa própria, o que torna difícil simpatizar com as ideias ou aceitar os comportamentos das pessoas de uma cultura diferente.

Como exemplo desta constatação tem-se o Brasil, uma nação que engloba diferentes culturas, herança de seus primeiros habitantes e colonizadores que aqui deixaram suas mais diversas crenças, costumes, religiões e formas de viver.

A cultura é essência de um povo. Como fenômeno humano, as culturas são dinâmicas e sofrem mudanças. Os indivíduos agem e reagem às influências do ambiente em que vivem e às transformações do tempo. Continuidade e mudanças são dimensões inerentes à vida das sociedades e das culturas. As mudanças podem ocorrer de forma mais lenta, como nos tempos mais antigos, como podem tornar-se mais rápidas e permanentes como tem ocorrido desde os tempos modernos (CARNEIRO, 2010). No entanto, a cultura não pode e nem deve ser mudada por imposição, assim não se deve prever a eliminação de determinados traços culturais.

Perante este contexto, as atividades culturais são indispensáveis para pessoas em processo de desenvolvimento, pois estimulam áreas importantes do cérebro, aguçam a sensibilidade bem como a melhoria da capacidade de concentração. Possibilitam o enriquecimento intelectual e crescimento pessoal, além de contribuir para a efetiva transformação dos indivíduos e da sociedade como um todo.

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (BRASIL-a, 2010) sugere como alternativas para atividades culturais as seguintes oficinas:

- **Artes plásticas:** desenho, pintura, recorte, colagem, dobradura, modelagem; as artes plásticas devem permitir às crianças e aos adolescentes não apenas criar através das diversas técnicas, mas também apreciá-las, examiná-las e avaliá-las, para que entendam a importância da atividade artística e da expressão que ela possibilita. Por meio das artes plásticas, da utilização do traço, da cor e de diversos outros materiais, desenvolve-se a capacidade de criar conceitos, desenvolver habilidades de expressão, trabalhando e entrando em contato com a imaginação e a fantasia, inclusive recriando realidades.

- **Teatro/dramatização:** proporciona experiências que podem contribuir para o crescimento global de crianças e adolescentes, seja no plano

individual, desenvolvendo a capacidade expressiva e artística, seja no plano coletivo, exercitando o senso de cooperação, o diálogo, o respeito mútuo, a reflexão, e a construção, trabalhando a flexibilidade à aceitação de diferenças, o investimento em objetivos comuns e a criação de projetos que podem ser desenvolvidos, desde o planejamento até a realização de uma peça, por exemplo.

- **Dança:** uma das manifestações artísticas mais marcantes e antigas na nossa cultura. Movimentar-se, correr, pular, girar são atividades naturais e fazem com que a criança e o adolescente experimentem o próprio corpo e seus limites. A dança é um bom momento para que crianças e adolescentes exercitem a criatividade e desenvolvam a capacidade de movimento.

- **Música:** compor, interpretar, improvisar, ouvir, entrar em contato com instrumentos – o trabalho com música deve possibilitar tudo isso. Mas, acima de tudo, tem de ser significativo para o desenvolvimento das pessoas em sua capacidade de apreciar e produzir música. A voz, o gesto e a música são formas de expressão através das quais é possível estabelecer comunicação entre os seres humanos. A voz é o primeiro instrumento musical que as pessoas podem utilizar, e a canção constitui a maneira mais fácil e espontânea de se fazer música. Por meio das canções, crianças, adolescentes e adultos podem ter contato com a sua cultura e, ao mesmo tempo, conhecer a existência de outras culturas e línguas mais distantes.

- **Contação de histórias:** a hora do conto, ou contação de histórias, constitui uma atividade muito rica, que propicia oportunidades de desenvolvimento do gosto pela literatura e de diferentes formas de linguagem, ou seja, linguagem oral, escrita, gestual, corporal, artística. Esclarece-se que a contação de histórias é uma atividade que pode ser desenvolvida com crianças e adolescentes, pois o que determina o interesse e o envolvimento do público ouvinte são, principalmente, o teor do conto e a forma de contar.

### 3.1.3.2 Esporte

A vida é movimento, e o gesto humano é uma das primeiras manifestações de expressão e, por conseguinte, de comunicação entre o ser e o meio em que ele vive.

O esporte no Brasil é conceituado como uma ação social institucionalizada, com regras convencionais, possuindo caráter lúdico na forma de competição entre duas ou mais pessoas oponentes ou contra a

natureza, cujo objetivo é a comparação de desempenhos para se estabelecer o vencedor ou registrar recorde (FERRAZ, 2002, p.26).

Porém, para Mc Pherson, Curtis e Loy o esporte somente pode ser considerado uma instituição social se estiver organizado socialmente, representando uma forma de atividade social e promovendo identificações sociais. Ao mesmo tempo, ao constituir-se em um problema social e em um problema humano, deve promover valores (MC PHERSON; CURTIS E LOY, 1989 apud TUBINO, 1992, p. 17).

Muito se tem afirmado sobre o compromisso do esporte educacional na formação para a cidadania. Para Tubino (1992), esta função deve ser entendida ao conceber-se o esporte atuando no desenvolvimento de todas as dimensões de cidadania: cidadania política: participação no exercício do poder; cidadania civil: direitos do homem; cidadania social: expressa na saúde, bem estar e educação, que são essenciais à vida de uma pessoa civilizada. Nesta perspectiva, o esporte-educação, entendido no processo educacional de formação das pessoas, deve também ser considerado um caminho essencial para o exercício pleno da cidadania no futuro individual dessas pessoas.

Vários estudos com crianças e adolescentes têm demonstrado o benefício do esporte e da atividade física no estímulo ao crescimento e desenvolvimento, na prevenção da obesidade, no incremento da massa óssea, no aumento da sensibilidade à insulina, na melhora do perfil lipídico e na diminuição da pressão arterial (ALVES; LIMA, 2008). Além disso, pressupõe-se que atitudes de perseverança, de disciplina e de cooperação exigidas na prática esportiva contribuem para a formação da personalidade.

De acordo com Ferraz (2002, p. 25) outro aspecto muito importante é a competitividade adquirida no esporte, o que não necessariamente precisa ser considerada uma característica negativa para o indivíduo. Ao ser transferida à vida social, a competitividade pode preparar crianças e adolescentes para enfrentar a vida mais adequadamente.

As atividades esportivas propostas no SPFV para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos têm função prática lúdica informal, o que objetiva aprendizagem e difusão do esporte submetendo a criança e o adolescente à prática geral, dando oportunidades de acesso a diferentes modalidades, respeitando suas capacidades e limitações (BRASIL (a), 2010).

Há, no entanto, recentes tentativas na elaboração de conteúdos de ensino das práticas corporais para os diversos graus ou ciclos de ensino que procuram considerar a centralidade da cultura, a condição social de

ser criança e adolescente e uma intencionalidade pedagógica que busca a produção de conhecimentos para uma educação crítica. Diante disso, ressalta-se a importância de prevenir a exclusão sistemática de conteúdos vinculados à cultura popular brasileira, principalmente aqueles com raízes étnicas negra e indígena, pois esta exclusão reforça formas de preconceito, discriminação e racismo, ainda fortemente interiorizados em nossa cultura.

Como exemplo, amplia-se esta visão, citando a capoeira e o skate como esportes hoje ainda marginalizados pelas perspectivas conservadoras. Enquanto expressão cultural afro-brasileira, a capoeira cultiva musicalidade e teatralidade, além da abordagem corporal e fisiológica (PINTO; BRZEZINSKI; JÚNIOR, 2011). Já o skate, esporte marginalizado principalmente por ser praticado muitas vezes na rua, devido à falta de pistas adequadas para a prática, envolve diversos fatores motivacionais, entre eles o prazer gerado pela prática do exercício físico e também questões relacionadas ao convívio social, através das amizades e cooperação que permeiam o âmbito do esporte.

Sendo assim, pode-se concluir como uma legítima manifestação cultural:

“(...) o acervo de formas da representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismos, mímica e outros que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas” (SOARES, 1992, p.38).

### 3.1.3.3 Lúdico

São muitas as terminologias referentes ao comportamento lúdico. O termo mais abrangente pode ser denominado "lúdico", pois ele contém em si tudo o que se refere a este universo. De acordo com Huizinga (1993), o termo em latim "ludus" está relacionado tanto a jogos públicos de adultos como a jogos infantis relativos a competições, divertimentos, recreação, representações litúrgicas e teatrais. Há também o termo "ludere", que se refere à ilusão, simulação e a "tomar o aspecto de".

No entanto, diante dos avanços científicos e das constantes mudanças em todos os setores da sociedade, é preciso buscar novas abordagens para focalizar a ludicidade no contexto atual.

Segundo Santos (2008), o lúdico deixou de ser considerado como uma característica própria da infância, abandonando-se a ideia romântica do brincar apenas como uma atividade descomprometida de resultados, e passa a ter conotações que desenvolvem todas as fases do desenvolvimento humano.

A Declaração dos Direitos da Criança em seu Princípio IV (ONU, 1959) afirma que “a criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito”.

A atividade lúdica é a manifestação de uma necessidade não apenas social, mas de natureza biológica e que aparece em todas as faixas de idade, em vários níveis da escala zoológica. A brincadeira dos animais apresenta inclusive regras, como a de não se morderem, a de fingirem ficar zangados e assim, experimentam prazer e divertimento brincando uns com os outros, com objetos e com o próprio homem, comunicando-se com ele (RIZZI; HAYDT, 1987 apud BORGES, 2008, p.10).

O valor da atividade lúdica no desenvolvimento e na promoção de aprendizagens significativas favorece a aproximação das pessoas para realizarem atividades sem juízo de valor, possibilita que as pessoas, através destas atividades, possam se compreender melhor e promove crescimento intrapessoal, possibilitando melhoras consideráveis nas relações interpessoais (SANTOS, 2008).

Entende-se como atividades lúdicas no SCFV para Crianças e Adolescentes de 6 a 15 anos (BRASIL (a), 2010):

- Jogos de regras: Segundo Piaget (1990, p. 182-183), os jogos de regras correspondem a terceira e última etapa dos jogos infantis (jogos de exercícios simples ou sensorio-motores; jogos simbólicos, de ficção, imaginação e limitação; jogos de regras), e vai dos 7 aos 12 anos, fase chamada de período operacional-formal. No entanto, esta fase não descarta os jogos sensorio-motores e simbólicos, que se desenvolvem simultaneamente. A diferenciação desta nova etapa é a existência de um conjunto de leis que rege a brincadeira pois, a partir de agora, a criança torna-se um ser socializado e deixa o jogo egocêntrico das crianças menores.

Os novos jogos envolvem relações interpessoais, desenvolvem a conduta de cooperação, o senso de responsabilidade, a iniciativa pessoal, o valor do grupo como força integradora, a observação e o controle uns dos outros. Nesta etapa as crianças aprendem a ganhar e a perder numa competição salutar, a colaborar consciente e espontaneamente, a respeitar um ao outro, a serem solidários, a observar as obrigações e direitos em

comum, e a obedecer regras, que podem vir de geração a geração ou serem criadas pelo grupo (BORGES, 2008, p.19).

Estes jogos, portanto, não terminam na infância. À medida que a estrutura intelectual torna-se mais complexa e reflexiva, novos jogos surgem e vão ao longo da vida.

- Brinquedos: os brinquedos podem ser definidos de duas maneiras: seja em relação à brincadeira, seja em relação a uma representação social. Brougère (2010, p. 67) ressalta que no primeiro caso, o brinquedo é aquilo que é utilizado como suporte numa brincadeira; pode ser um objeto manufaturado, um objeto fabricado por aquele que brinca, ou um objeto adaptado. No segundo caso, o brinquedo é o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil, tendo relação estreita com o nível de seu desenvolvimento.

Sendo assim, a brincadeira então pode ser definida como a ação que a criança desempenha a concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação. Dessa forma, brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança se não se confundem com o jogo (SANTOS, 2002, p. 26-27).

A importância do brinquedo decorre de sua capacidade de estimular a imaginação infantil. Ao ver o brinquedo, a criança é tocada pela sua proposta, reconhece algumas coisas, descobre outras, experimenta, reinventa, analisa, compara e cria. Sua imaginação se desenvolve e suas habilidades também.

O brinquedo é influenciado pelo gênero, idade e presença de companheiros, além dos aspectos ligados a novidade, complexidade e variabilidade. A criança pode brincar só ou com outros e, assim, passa pela experiência da posse e das negociações necessárias com o próximo, diante do desejo de utilização.

### 3.2 SCFV PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE 6 A 15 ANOS NO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS: O CENTRO DE EDUCAÇÃO COMPLEMENTAR (CEC)

Em 1979, ano de promulgação do Código de Menores após a falência da FUNABEM devido à repercussão negativa de sua metodologia de proteção, a Prefeitura Municipal de Florianópolis e a Legião Brasileira de Assistência (LBA) firmaram um convênio entre si que resultou no primeiro Centro de Bem Estar do Menor (CEBEM), localizado no bairro da Costeira do Pirajubaé, com a finalidade de atender as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, bem como as suas famílias e a comunidade (TRETTO, 2001).

O CEBEM pautava-se no Código de Menores de 1979 que vigorou até o ano de 1990, e na PNABEM, que baseava-se na concepção de marginalidade social a partir de um conceito de carência física, financeira e psíquica que tornaria as crianças pobres incapazes de enfrentar os desafios da sociedade moderna (SOUZA, 2009, p.31).

Ainda segundo Souza (2009), outros CEBEMs foram distribuídos pelas comunidades que possuíam maior número de famílias em situação de vulnerabilidade. Estes atendiam crianças e adolescentes na faixa etária de 6 a 17 anos, com a finalidade de oportunizar à criança e ao adolescente o suprimento de suas necessidades básicas, como: saúde, educação, segurança afetiva, segurança social e recreação. Este programa passou por vários governos, sendo gradativamente adaptado às novas mudanças políticas e sociais.

No entanto, em 1990, com a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente, muitas políticas de atendimento a população infantojuvenil foram redimensionadas com intuito de assegurar os direitos destes sem discriminação e, assim, possibilitar o desenvolvimento social para todas as crianças e adolescentes. Logo, o CEBEM também precisou passar por estas reformulações, transformando-se no Centro de Educação Complementar (CEC). O CEC é um projeto desenvolvido pela Gerência de Ações Sócio-Pedagógicas da Secretaria Municipal de Assistência Social e Juventude da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

### **3.2.1 Matriz metodológica do CEC**

De acordo com a Coordenadora Geral do CEC, Diléia Pereira Bez Fontana, o CEC é um serviço oferecido no contraturno escolar, tendo como foco a construção de espaços de convivência, preferencialmente na própria comunidade, para oportunizar experiências que favoreçam a socialização e o desenvolvimento das potencialidades de crianças e adolescentes de famílias com precário acesso a renda e a serviços públicos, encaminhadas pelos serviços de Proteção Social Básica e Especial e de famílias beneficiárias de programas de transferência de renda e/ou inscritas no Cadastro Único. Este último caracteriza-se como um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, entendidas como aquelas que têm: renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa ou renda mensal total de até três salários mínimos.

O espaço, com identidade própria e diferente do espaço escolar, ao possibilitar o distanciamento das crianças e dos adolescentes das situações de risco, se constitui como um ambiente de convivência para os

mesmos (PMAS 2010-2013). Sendo assim, para alcançar esse objetivo, o CEC procura:

- Oportunizar atividades programáticas que ampliem o seu universo vivencial;
- Oferecer ambiente seguro para que a criança/ adolescente possa elaborar suas vivências, propiciando interações espontâneas e desprovidas de preconceitos;
- Fortalecer a autoestima e a construção da autonomia;
- Desenvolver o senso de pertencimento, consciência e responsabilidade social;
- Favorecer a permanência ou a reinserção de crianças e adolescentes na escola.

### 3.2.2 Áreas de atuação do CEC em Florianópolis

O CEC está implantado em áreas de vulnerabilidade social do município, com vistas à prevenção de situação de risco social. Em Florianópolis, existem atualmente 64 áreas em situação de vulnerabilidade social, e as crianças e os adolescentes que vivem nestas regiões são, em muitos casos, vítimas da violência, como as investidas do tráfico, a violência intrafamiliar, a ineficiência do Estado como gestor de políticas educacionais, de saúde, moradia entre outras. (PMAS 2010-2013).

Atualmente são nove as unidades prestadoras de SCFV para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos, gerenciadas diretamente pela Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF). Totalizam-se três unidades na região Continental e seis unidades na região insular do município. Estas unidades atendem, preferencialmente, as crianças e os adolescentes da própria comunidade ou bairro onde estão implantadas. A seguir, apresenta-se na Tabela 4 a capacidade destas unidades e os atendimentos contabilizados até o último levantamento oficial.

Tabela 4 - Unidades CEC em Florianópolis

Unidades	Capacidade	Atendimento atual*
CEC Chico Mendes	80	60
CEC Promorar	70	68
CEC Novo Horizonte	80	75



Tabela 4 (Continuação) - Unidades CEC em Florianópolis

<b>Unidades</b>	<b>Capacidade</b>	<b>Atendimento atual*</b>
CEC Monte Verde	70	65
CEC Vila União	80	45
CEC Costeira	80	78
CEC Tapera	100	88
CEC Criança fazendo Arte	210	180
CEC Itacorubi	120	76
<b>Total</b>	<b>890</b>	<b>735</b>

Notas: \*março 2011

Fonte: PMAS 2010-2013

A tabela anterior expõe que a capacidade das Unidades do CEC é suficiente ou até mesmo superior, em alguns casos, à demanda dos bairros e comunidades. Porém, os dados apresentados indicam que somente 9 das 64 comunidades em situação de vulnerabilidade social de Florianópolis possuem unidades do CEC.

Devido à carência financeira das famílias residentes nestas comunidades, pode-se constatar que crianças e adolescentes de outras regiões não atendidas pelo CEC encontram dificuldades em acessar as unidades distantes, seja pela impossibilidade dos pais acompanharem seus filhos às unidades mais próximas e/ou até mesmo pelo valor do transporte público municipal. Com exceção do CEC Criança fazendo Arte que possui 2 micro-ônibus para transporte de crianças e adolescentes de outras comunidades ao mesmo, as demais unidades não possuem este serviço.

Diante do exposto, observa-se a necessidade de averiguar o quanto a capacidade atual das nove unidades do CEC supre a demanda das 64 áreas em situação de vulnerabilidade social de Florianópolis. Ao analisar as informações contidas no PMAS 2010-2013 referentes ao grupo etário de crianças e adolescentes com idade entre 6 a 14 anos, cujas famílias estão cadastradas no Cadastro Único, temos o seguinte cenário para o atendimento socioeducativo municipal em cada região, ilustrado pela Figura 2:

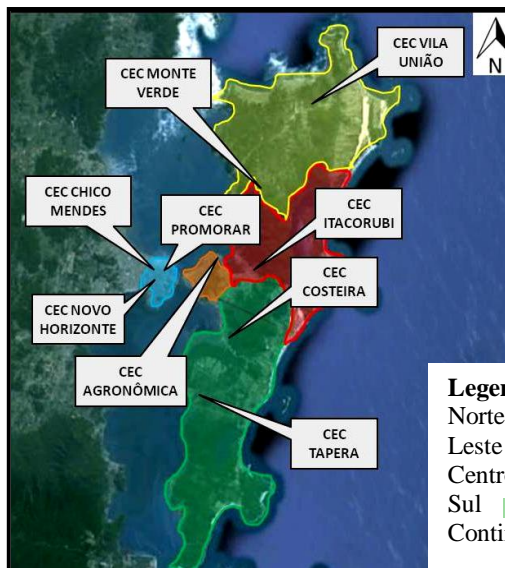
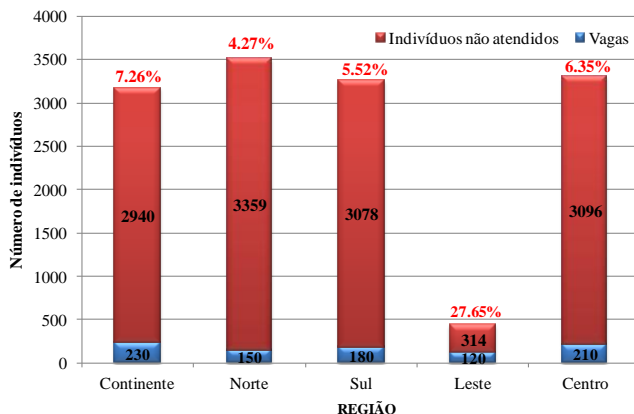


Figura 2 – Unidades CEC em Florianópolis  
 Fonte: Google Earth adaptado pela Autora

Sabe-se que no município existem algumas Organizações Não Governamentais (ONGs) que procuram suprir a ausência do CEC nas comunidades, e que muitas destas ONGs recebem incentivos do próprio poder público e de entidades privadas. No entanto, mesmo com esta ajuda, observa-se no Gráfico 7 a necessidade de expandir o número de unidades do CEC nas comunidades em situação de vulnerabilidade social, pois é dever do Estado, conforme Parágrafo único do Art.4º, ter como prioridade a garantia de:

- Primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;
- Precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública;
- Preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas;
- Destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.

Gráfico 5 - Demanda populacional por região atendida pelas Unidades CEC



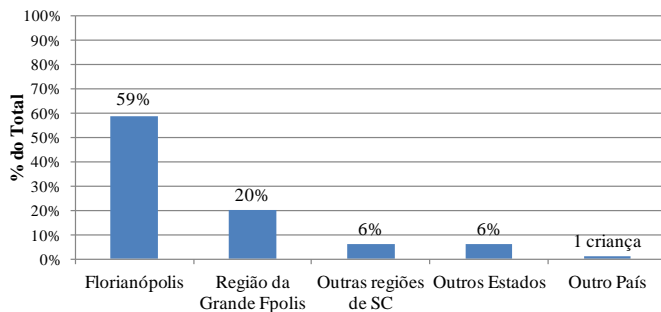
Fonte: PMAS 2010-2013

A expansão das unidades do CEC contribuiria para a redução da ocorrência de situações de vulnerabilidade social, para a prevenção da ocorrência de riscos sociais, seu agravamento ou reincidência. A ampliação do acesso aos direitos socioassistenciais resulta diretamente na melhoria da qualidade de vida dos usuários e de suas famílias.

### 3.2.3 Caracterização das crianças e adolescentes atendidos pelo CEC

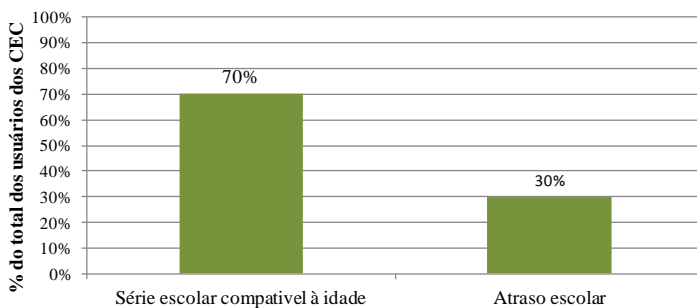
Os gráficos a seguir foram desenvolvidos a partir das informações apresentadas pelo PMAS 2010 – 2013. Estes gráficos foram inseridos neste estudo para melhor esclarecimento sobre o perfil dos usuários assistidos pelas unidades do CEC em Florianópolis.

Gráfico 6 – Naturalidade usuários das Unidades do CEC



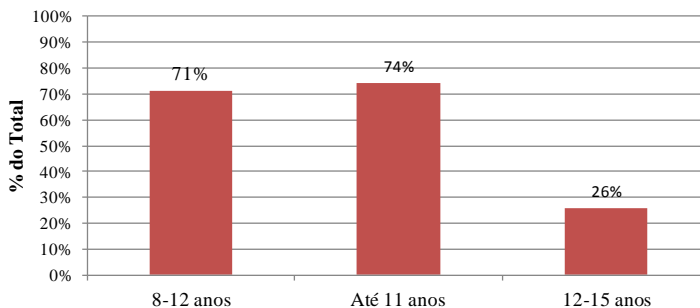
Fonte: PMAS 2010-2013

Gráfico 7 – Escolaridade usuários das Unidades do CEC



Fonte: PMAS 2010-2013

Gráfico 8 – Faixa etária usuários das Unidades do CEC



Fonte: PMAS 2010-2013

A partir dos gráficos apresentados, pode-se concluir que o maior problema enfrentado pelo o CEC é a evasão de adolescentes das suas unidades (ver Gráfico 10). Assim como a infância, a adolescência também é fruto de um construto sociocultural contemporâneo, o que faz desse desinteresse observado um fator de extrema preocupação, pois a adolescência representa uma complexa fase do desenvolvimento humano, a qual necessita de cuidado, proteção e respeito à sua condição peculiar de estar em desenvolvimento.

### **3.2.4 Atividades socioeducativas e de convivência oferecidas pelo CEC**

A proposta do CEC visa desenvolver as potencialidades e capacidades das crianças e dos adolescentes, por meio de atividades culturais, esportivas e recreativas (BRASIL (a), 2010), envolvendo dança, música, teatro, jogos, brincadeiras, desenho e pintura, além do apoio pedagógico.

No início de cada ano letivo, conforme as Orientações Técnicas sobre o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças e Adolescente de 6 a 15 anos (BRASIL (a), 2010), é escolhido um tema que trata questões relativas a Direitos Humanos e Socioassistenciais; Saúde; Meio Ambiente; Cultura; Esporte, Lazer e Ludicidade. Este tema é alterado bimestralmente. A partir das temáticas propostas, os professores, junto à direção, estabelecem estratégias para trabalhar cada tema, com as especificidades de cada área, no decorrer dos 10 meses letivos.

No decorrer da coleta de dados no CEC escolhido para o estudo de caso, o eixo temático em exercício era “Cultivando o amor”. Entretanto, a Coordenadora deste CEC explicou que este tema teria uma duração maior devido aos conflitos que estavam sendo corriqueiros entre as crianças e os adolescentes.

As atividades são realizadas nos turnos matutino e vespertino, com duração de quatro horas cada. As refeições também são consideradas atividades, pois neste momento existe a socialização entre todas as turmas e os funcionários à mesa. Por turno são oferecidas três refeições.

### **3.2.5 Recursos humanos**

O quadro de profissionais dos CEC abrange: 01 coordenador, 01 a 02 professores para as oficinas de apoio pedagógico (de acordo com a capacidade de atendimento), e professores para as oficinas específicas

que variam de acordo com cada unidade, como artes plásticas, artes cênicas, recreação e esportes, dança, e música. Estes profissionais em sua maioria são cedidos pela Secretaria Municipal de Educação. Além destes profissionais de nível superior, os CEC contam com outros profissionais de apoio, como cozinheiras e auxiliares de serviços gerais. Alguns CEC contam também com vigilantes.

### **3.2.6 Espaço físico**

As recomendações para o espaço físico destinado as unidades do CEC apresentam-se de forma muito sucinta. De acordo com os dados presentes no PMAS 2010-2013, as unidades devem possuir salas para atividades coletivas, refeitório, além das instalações sanitárias, cozinha e lavanderia, sendo que os atendimentos individualizados às crianças e aos adolescentes, bem como para suas famílias, ocorrem em geral na sala da coordenação. Ainda segundo este documento, ressalta-se que as unidades necessitam de mobiliário adequado às atividades.

## **3.3 ARQUITETURA E PSICOLOGIA AMBIENTAL: APORTE MULTIDISCIPLINAR NO ESTUDO DA INTER-RELAÇÃO HUMANO X AMBIENTE**

Este capítulo abordou até o momento as atividades socioeducativas e de convivência propostas pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (BRASILa, 2010) para o efetivo desenvolvimento psicofísico da população infantojuvenil em situação de vulnerabilidade social, bem como os espaços para a realização das mesmas segundo manual vigente.

Entretanto, para o esperado sucesso destas atividades se faz necessário mais do que determinar tipos de ambientes e dimensões mínimas. É preciso avançar no entendimento da relação que as crianças e os adolescentes vão estabelecer com esses ambientes.

Sob este enfoque, busca-se entender a relação entre o comportamento humano e características do meio ambiente. Estudos desenvolvidos na área da Arquitetura e da Psicologia Ambiental indicam que o ambiente construído pode influenciar as relações sociais na medida em que sugerem, facilitam, impedem, ou mesmo condicionam eventos. De acordo com Malard (1996), eventos são as atividades humanas que implicam na interação com objetos ou com outras pessoas.

No campo da Arquitetura, um ambiente construído engloba as espacializações - as configurações arquitetônicas - que são prescritas pela

tradição cultural da comunidade que o habita, pois é essa tradição que determina as formas sociais (MALARD, 1996). Ainda segundo a autora, ao realizar atividades, o homem faz acontecer no espaço as suas intenções, os seus desejos. Nesse processo, ele dispõe objetos, sinais e marcas, para adequar o ambiente àquilo que ele quer espacializar.

Para a Psicologia Ambiental, ambiente é um conceito multidimensional, compreendendo o meio físico concreto em que se vive, natural ou construído, o qual é indissociável das condições sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas daquele contexto específico (CAMPOS-DE-CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

Nessa perspectiva, Fischer (1994) aborda a relação humano-ambiente sob dois ângulos: em primeiro lugar, que o homem organiza e produz o seu meio em função de múltiplos fatores, tais como educação, normas sociais e econômicas e tantos outros valores inscritos no espaço; em segundo lugar, o meio ambiente exerce uma influência sobre o comportamento humano precisamente em razão da existência de valores nele inscritos.

Sob a ótica desta interdisciplinaridade, o “edifício deixa de ser encarado apenas a partir das suas características físicas (construtivas) e passa a ser avaliado enquanto espaço vivencial, sujeito a ocupação, leitura, reinterpretação e/ou modificação pelos usuários” (ELALI, 1997, p.353).

Entretanto, é preciso que se faça um parêntese para dizer que a teoria da influência recíproca entre comportamento e condições ambientais não é consenso entre os estudiosos. Têm-se duas principais correntes de pensamento que polarizam a discussão sobre o assunto: o determinismo e o interativismo. Os deterministas consideram que o comportamento humano é moldado pelos condicionantes do ambiente, enquanto os interativistas adotam a postura da mútua e dialética influência entre pessoas e espaço (MALARD, 1996). Para esta pesquisa, adota-se a postura interativista, pois, acredita-se que ao criarmos ambientes organizados para os eventos a que eles são destinados, tem-se um processo que atribui significado aos lugares, assim, facilitando a interação social dos grupos usuários.

### 3.3.1 Comportamento: Privacidade e Ambiência

O estudo do comportamento ambiental é um campo multidisciplinar, abrangendo diversas áreas do conhecimento como Psicologia, Geografia, Antropologia e Arquitetura. Porém, somente os aspectos de âmbito geral que se ligam a Arquitetura serão abordados neste trabalho.

Ao longo da história, o homem sempre projetou e construiu seus ambientes de atividades, moradia, produção, lazer e/ou repouso, de modo que pudesse beneficiar suas necessidades vivenciais e sociais. Para Ornstein (1995), esses ambientes são nomeados como ambientes construídos.

A influência do ambiente construído sobre o comportamento humano acontecerá na conformação do mesmo com as exigências das atividades e principalmente com as do próprio sujeito que as executa. Segundo Almeida (2001), as formas físicas, expressadas pela arquitetura, que o sujeito cria ao desenvolver as atividades, influenciam as formas sociais, expressadas pelos eventos. É, portanto, válido dizer que o ambiente construído é, primeiramente, fruto da influência resultante das atividades humanas e que, em segundo lugar, vai influenciar estas atividades.

Neste sentido, Moore (1984, p.65) afirma que “os estudos de comportamento ambiental na arquitetura incluem o exame sistemático das relações entre o ambiente e o comportamento humano e suas implicações nos processos de projetos”. Além disto, o autor destaca três questões básicas a serem respondidas para concepção de ambientes possibilitadores de realização das atividades e na promoção do bem estar do indivíduo. São essas: Como as pessoas se relacionam com o meio ambiente construído? Quais são suas necessidades? Como aplicar tais respostas ao processo de projeto? Portanto, no caso particular dos ambientes do SCFV para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos, cabe ao pesquisador analisar e avaliar como estes ambientes devem ser projetados para facilitar e promover o sucesso das atividades socioeducativas e de convivência, a fim de permitir o desenvolvimento psicofísico pleno dos seus usuários.

Segundo Altman (apud Moore, 1984), há três componentes principais que interferem no comportamento humano frente ao ambiente. São eles: os fenômenos comportamentais, os grupos de usuários e os ambientes, conforme ilustrado na Figura 3.



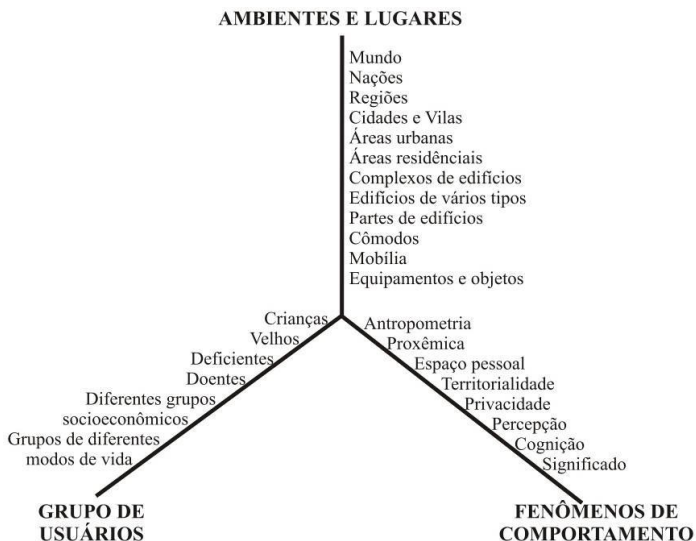


Figura 3: Escopo da informação do comportamento ambiental

Fonte: SYNDER; CATANESE, 1984, p. 69.

Os fenômenos de comportamento espacial são importantes, pois estão interligados e resultam em considerações e particularidades sobre o ambiente construído. Os grupos de usuários e os diversos padrões de uso são afetados de modo diferente pelas características do meio. Os ambientes construídos, por fim, resultam em uma escala de espaços significativos, que inclui toda a escala de ambientes, da sala à região, à nação e ao mundo.

A partir desses entendimentos, acredita-se, nessa dissertação, que o ambiente construído é singular, e pode ser considerado em três dimensões. A dimensão simbólica, que é relacionada ao universo das percepções, emoções e crenças, isto é, o universo dos desejos. Estes produzem o impulso para o homem agir e criar lugares para as suas ações, dando-lhes significado, ou seja, o “Para que é?”. Em segundo lugar, a dimensão funcional (ou de uso), que se refere ao ordenamento das coisas no espaço para o desempenho das atividades cotidianas, e significa o “Como funciona?”. E por fim, a dimensão tecnológica, que abarca todo o conhecimento técnico e habilidades que o homem desenvolve para poder criar lugares significativos e funcionais, adequados ao uso, sendo a questão pertinente o “Como fazer?” (MALARD, 2006).

A situação balanceada entre as três dimensões é, obviamente, a mais desejável para a maioria dos projetos arquitetônicos. Porém, neste

estudo serão abordadas com maior profundidade as dimensões simbólica e funcional com intuito de entender a relação entre o usuário e o ambiente para, desta forma, fundamentar diretrizes projetuais que facilitem esta inter-relação. Entretanto, este recorte não exclui a dimensão tecnológica no estudo, pois, mesmo com menor abordagem nesta dissertação, entende-se impraticável propor diretrizes de projeto sem tomar conhecimento das tecnologias utilizadas para a qualificação de edificações.

Partindo deste pressuposto, nesta pesquisa serão estudados alguns conceitos relacionados às necessidades humanas que precisam ser consideradas quando se concebe um ambiente destinado a crianças e adolescentes com situação de bem estar, tanto no espaço público quanto doméstico, violada. São estes: **Privacidade e Ambiência**, que se constituem importantes dentro das dimensões abordadas nesta dissertação.

### 3.3.1.1 Privacidade

A Privacidade é definida por Moore (1984, p.75) como “o desejo de pessoas, grupos ou instituições de controlar o acesso a si mesmo e determinar quando, como e quanta informação sobre eles mesmos será fornecida”. Características pessoais influenciam a privacidade. Em geral, nossas preferências e satisfações para com a privacidade variam de acordo com a situação, ou seja, a configuração física ou da atmosfera social.

De acordo com Altman (apud Gifford, 1987), o máximo de privacidade não é necessariamente estar sozinho na maioria das vezes, mas estar sozinho quando você quer, e estar com os outros quando você quiser. Desta forma, o objetivo do arquiteto deve ser promover a todos a privacidade tanto quanto possível. Isso não significa que cada pessoa deva ter um compartimento separado em casas, escritórios, escolas, instituições e espaços ao ar livre, e sim que se possa permitir a cada pessoa escolher a abertura ou não de seus ambientes para o outro.

Alexander (1981) desenvolveu um esquema de seis domínios de comunidade e privacidade, desde o espaço particular e individual, ao espaço público urbano. Conforme o autor, esse esquema pode ser aplicado à análise da habitação, bem como a outros ambientes. Os domínios são os seguintes:

- **Áreas privadas individuais**, relacionadas somente à pessoa, ao seu corpo;

- **Áreas privadas familiares ou de pequenos grupos**, relacionadas ao grupo primário, por exemplo, a casa;
- **Áreas privadas de grandes grupos**, relacionadas ao grupo secundário, por exemplo, o hall de entrada de edifícios residenciais;
- **Áreas públicas de grandes grupos**, relacionadas à interação de um grande grupo com o público, tais como: o passeio público semicontrolado;
- **Áreas urbanas semipúblicas**, que podem ser controladas por instituições ou pelo governo e possuem acesso restrito para determinados fins, por exemplo, o foco desta pesquisa, o SCFV para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos;
- **Áreas urbanas públicas**, relacionadas com o acesso público irrestrito, tais como: praças e ruas.

As características individuais também afetam a privacidade assim como as normas sociais e regras culturais associadas com diferentes contextos ambientais físicos. Para Gifford (1987), há três situações distintas que influenciam os níveis de privacidade que cada indivíduo necessita. São elas:

- **Influências pessoais:** dentro desse contexto existem dois aspectos relevantes a serem mencionados, a demografia e a personalidade. A influência da demografia é percebida naqueles indivíduos que cresceram em locais densamente povoados, pois quando adultos preferem espaços mais íntimos e reservados. Já aqueles que estão longe do local onde cresceram preferem menos intimidade, como ocorre com pessoas que deixaram familiares e amigos. No que tange a personalidade, estudos demonstram que pessoas com maior necessidade de privacidade normalmente tem baixa autoestima e são mais ansiosas.
- **Influências de situações:** as situações também influenciam na necessidade de privacidade. Discutir a situação financeira com um gerente requer maior privacidade que conversar com os amigos a respeito do último jogo de futebol. Podem ser citadas aqui a configuração do espaço e a situação social na qual as pessoas estão inseridas. A configuração do espaço influencia na preferência por mais ou menos privacidade à medida que ela pode ser alterada. Assim sendo, uma pessoa que está acostumada a habitar um dormitório só seu perceberá um decréscimo em sua privacidade quando passar a dividir seu espaço com outras pessoas. Todavia poderá adaptar-se a nova situação dependendo de sua personalidade. No que diz respeito à situação social, as informações privadas de cada pessoa ou grupo e o que será feito com essas informações quando elas forem expostas pode gerar uma necessidade de maior privacidade.

- **Influências culturais:** a cultura influencia na necessidade de privacidade que os indivíduos possuem. Além da configuração espacial das edificações, que se modificam conforme a cultura e o clima, mecanismos de regulação do acesso podem ser encontrados no comportamento e na expressão dos indivíduos. Um exemplo claro de regulação é através da expressão facial: uma pessoa que quer manter certa distância das outras tem uma expressão facial mais fechada. Já aquele que permite o acesso, possui um semblante mais ameno, alegre. Outras formas de regulação do acesso são as regras sociais. Em alguns lugares olhar para dentro de um edifício sem que tenha sido permitido é considerada uma invasão de privacidade.

Dentro do aspecto da privacidade destacamos o espaço pessoal, que foi definido por Sommer (1973) como uma área com limites invisíveis que cercam o corpo da pessoa, e na qual os estranhos não podem entrar.

Entretanto, quais seriam as distâncias limites entre as pessoas para que não ocorra a invasão por estranhos? Hall (1986), a partir de estudos, fixou quatro tipos de distâncias, podendo cada uma delas variar segundo a personalidade dos sujeitos e os aspectos socioculturais do ambiente, as quais são:

Figura 4:  
Distância íntima  
(<0,15 a 40m)



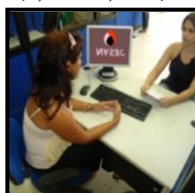
Fonte:  
aguafresca.com.  
br, 2012

Figura 5:  
Distância pessoal  
(0,45 a 1,25m)



Fonte:  
terra.com.br,  
2012

Figura 6:  
Distância social  
(1,20 a 3,60m)



Fonte:  
terra.com.br,  
2012

Figura 7:  
Distância pública  
(>3,60m)



Fonte:  
terra.com.br,  
2012

Estes quatro tipos de distâncias permitem realçar duas coisas: por um lado, a distância revela qual o valor cultural que tomam, no seio das relações, as nossas maneiras de usá-las com o espaço; por outro lado, estes diferentes estilos, que herdamos inconscientemente, oferecem-nos os elementos de diferenciação que nos servem para regular as interações

sociais, e para estabelecer com o outro condições de relações adaptadas e satisfatórias (FISCHER, 1994).

De uma análise geral, as necessidades de privacidade de crianças são desconhecidas, mas é provavelmente seguro assumir que as crianças têm pouca necessidade de privacidade, especialmente a solidão, reserva, e anonimato. Porém, à medida que a criança se desenvolve, as necessidades de privacidade tendem a crescer. Gifford (1967) aborda a privacidade como um problema na pré-adolescência. Entre 8-12 anos de idade a criança apresenta expressões requerentes a privacidade, o que pode representar um dilema de pré-adolescência. Nessa idade, a necessidade de ficar só está crescendo, mas a criança ainda tem um leque restrito de lugares para ir fora de casa. A única maneira de a criança obter privacidade é ir para o quarto e fechar a porta.

No entanto, a utilização de distâncias está sempre associada a um repertório de atividades, de relações, de emoções e de elementos culturais que se unem para determinar a estrutura da troca social. Para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, atendidas pelo SCFV, a extensão do corpo a partir do espaço pessoal oportuniza a vivência social, seja durante o desenvolvimento das atividades socioeducativas e de convivência ou até mesmo pela presença passiva no ambiente, onde o respeito advindo do convívio e socialização tende a constituir cidadãos íntegros para a sociedade.

A privacidade está ligada aos seguintes elementos arquitetônicos: paredes, aberturas, disposição dos espaços e equipamentos, arranjo da mobília, acústica, quantidade de espaço, etc. (ALMEIDA, 1995, p. 28).

### 3.3.1.2 Ambiência

Ambiência é definida por Almeida (1995) como qualidade bastante concreta da arquitetura, podendo-se dizer que ela se configura como o conjunto de fatores necessários para tornar um ambiente agradável. Portanto, é possível relacionar ambiência com elementos de iluminação, níveis de temperatura e ruído, cores e outros elementos que compõem o espaço habitado. Entendendo a ambiência como o conjunto de suas dimensões, pode-se dizer que os elementos arquitetônicos relacionados a ela são os relativos ao conforto ambiental: acústico, térmico, visual e antropométrico, além dos materiais, texturas, cores, etc.

A partir desta constatação, temos o conforto, conceito indissociável da relação de ambiência. Este é a interpretação por meio de sensações, inclusive as de caráter subjetivo, de difícil avaliação (VIANNA e GONÇALVES, 2001), pois dependem dos estímulos que o indivíduo

recebe do ambiente, e de seus instintos, experiências e juízos. Por conseguinte, deve ser entendido como relativo, particular, construído a partir de relações.

Para Rybczynski (1986 apud Zaleski, 2006) o bem-estar é uma necessidade humana, e os espaços devem ser pensados e especificados de forma a cumprir os objetivos para o qual eles foram projetados e, se o objetivo fundamental é torná-los habitáveis, proporcionar conforto é a sua principal característica. Quanto melhor a condição do ambiente, menor o esforço físico que o ser humano terá que fazer para se adaptar a alguma atividade.

A fim de caracterizar melhor Ambiência, parece adequado estudarmos a estreita ligação entre esta e a fisiologia humana, pois o mundo que experienciamos é aquele que vemos, tocamos, cheiramos, ouvimos e construímos em nossas mentes, ou seja, as informações captadas por nossos sentidos.

A arquiteta Upali Nanda (2008, p. 82) explica:

Os sentidos são portas de entrada para nossa própria percepção. Nós percebemos o mundo externo através de nossos olhos, nossos ouvidos, nossa pele, nosso nariz e nossas papilas gustativas. E apesar de as emoções, pensamentos, intenções e outros fenômenos cognitivos [...] serem muito mais do que meramente sensoriais, os sentidos permanecem como os canais de comunicação através dos quais interagimos com nossos mundos.

No ano de 1966, James J. Gibson (1904-1979), a partir de sua posição de psicólogo ambiental, propôs um modelo perceptivo apoiado em uma clara metodologia ao reagrupar os sentidos em função dos tipos de informações solicitadas pelo indivíduo em seus contatos com o ambiente físico. Assim, o autor nos proporciona um modelo perceptivo muito valioso a partir do qual podemos compreender os processos que intervêm da relação homem-ambiente. Ele argumenta que os órgãos dos sentidos adaptam o organismo à contínua variação do meio ambiente. Para cada um desses tipos de excitação existem órgãos especializados na recepção e transmissão das informações. Então, como sistemas perceptuais, têm-se os seguintes sentidos: Sistema de orientação básico, Sistema háptico, sistema visual, Sistema paladar/olfato e Sistema auditivo. Estes são mais bem descritas a seguir:

---

## Sistema de orientação básico

---



Figura 8: Imagem Ilustrativa 8

Fonte: [angelitascardua.wordpress.com/os-sentidos](http://angelitascardua.wordpress.com/os-sentidos)

Segundo Rapoport (1978), ela atua através de uma estrutura proprioceptiva que sintetiza as sensações de deslocamento e de mudança de posição, relacionando-se com as variações bruscas de forma, movimento, velocidade, sentido e direção. Desta forma, não é necessário ver ou tocar uma parede ou mesmo um teto para perceber a sua presença. Tal sentido foi amplamente explorado na concepção de espaços religiosos, em especial as imensas catedrais góticas, cujo pé-direito altíssimo contribuía para uma sensação de respeito e impotência diante do poder da divindade.

Todos os animais terrestres — e neste grupo podemos nos incluir — mantêm uma orientação permanente em relação ao solo, isto é, em relação à gravidade e à superfície de apoio (Gibson, 1966, p. 59). É o sistema básico de orientação que nos comunica a direção para a qual devemos nos locomover numa edificação.

O sistema básico de orientação necessita da visão para funcionar. A visão literalmente nos move: tanto é assim que paramos de nos movimentar quando o ambiente em que estamos fica escuro repentinamente. No entanto, se acaso um dia viermos a ficar cegos, aos poucos nos acostumaremos a usar nossos outros sentidos para locomoção no ambiente.

---

## Sistema háptico

---



Figura 9: Imagem Ilustrativa 9

Fonte: [angelitascardua.wordpress.com/os-sentidos](http://angelitascardua.wordpress.com/os-sentidos)

Está no corpo por inteiro, localizado nos tecidos e juntas, o transformando em um órgão ativo de percepção. É responsável pela distinção das sensações de temperaturas, dor, texturas e movimento.

Para Tuan (1980, p. 9), o sentido háptico “é a experiência direta da resistência, a experiência direta do mundo como um sistema de resistências e de pressões que nos persuadem da existência de uma realidade independente de nossa imaginação”.

Mais especificamente no caso das **texturas**, estas estão presentes em todo o lugar: na natureza (animais, vegetação); nas artes visuais (pintura, escultura, fotografia e arquitetura); na arquitetura, onde a textura se encontra presente em muitos campos, e é encontrada normalmente em ambientes interiores, nas paredes e móveis. No entanto, a textura é muitas vezes vista como um detalhe ornamental de pouca relevância em uma obra arquitetônica. Porém, além de alguns materiais com diferentes texturas contribuírem no conforto de um ambiente, seja na acústica, no conforto térmico ou de iluminação, estes certamente estimularão o corpo humano através da complexidade de formas e materiais. Passar a mão em uma parede de tijolos, tocar com os dedos uma coluna de pedra ou em tábuas de madeira, sentindo dor, calor, peso e aspereza, provocar sensações texturais.

O prazer do sentido háptico também está associado ao olfativo; o cheiro de madeira, argila, bambu, vegetação, etc. Em dias quentes, por exemplo, as paredes de pedra de uma catedral gótica exalam um odor rico em minerais que acompanha e enche de frescor todo o espaço. Por sua vez, uma parede de adobe bem aquecida pelo sol irradiará o seu calor à noite.



---

## Sistema visual

---



Figura 10: Imagem Ilustrativa 10

Fonte: [angelitascardua.wordpress.com/os-sentidos](http://angelitascardua.wordpress.com/os-sentidos)

Usualmente se sobrepõe aos outros sistemas de percepção. De todos os sentidos, o homem depende mais conscientemente da visão para progredir no mundo, pois ela registra formas, profundidades e distâncias; controla também movimentos de objetos e do sujeito no espaço. É através da visão que percebemos a luz.

De acordo com Papanek (1998), “a luz precisa de espaço: é a sala que dita o fluxo de luz; a luz que modula o volume da sala”. Sua influência sobre o ser humano é fundamental. Segundo ele, cientistas comportamentais concluíram que uma sala iluminada pela luz solar que entra por janelas dispostas em certo ângulo, aumenta os níveis de serotonina e, em muitos casos, proporciona a seus habitantes uma atitude mais positiva. Tendemos a nos sentir deprimidos e apáticos no inverno, porque os dias passam a ser mais curtos e escuros, já que os ciclos sazonais de intensidade e duração da luz afetam nossas glândulas endócrinas. Já a melatonina, que é produzida durante os períodos prolongados de escuridão ou com luz tênue, provoca sonolência, melancolia e, em excesso, depressão.

A importância que tem a **cor** na percepção do espaço vem do fato desta ser propriedade da energia física da luz e, principalmente, por participar como elemento fundamental na formação da imagem. Em termos de percepção ambiental, significa dizer que a primeira imagem visual que fazemos é decorrente, em síntese, da sensação de espaço e cor.

Tuan (1980) enfatiza que “a sensibilidade humana para as cores manifesta-se em idade precoce”. Esta sensibilidade, segundo o autor, pode constituir os primeiros símbolos do homem. Sendo assim, entende-se que a cor está muito ligada aos nossos sentimentos, ajudando-nos em nossas atividades e influenciando em nossa sociabilidade, introversão e extroversão.

Para o ambiente educacional, diante dos relatos de Lacy (1996) sobre os estudos experimentais feitos por Wohlfarth, fica caracterizado que a cor exerce influencia no comportamento dos alunos. Nessa experiência, realizada por doze meses, foi adotada o uso de duas cores: uma quente (amarelo – estimulante do intelecto) e outra fria (azul – que possui efeito tranquilizante sob a mente), a mudança conjunta de cor e iluminação gerou as seguintes melhoras: no comportamento, no desempenho nos testes de Q.I., no humor, na redução do número de faltas por motivos de saúde.

O Quadro 2 traz a psicologia das cores segundo Lacy (1996), e entende-se que estas cores podem ser utilizadas para tornar mais agradáveis os ambientes destinados às atividades no SCFV.

Quadro 2 – Relação cor e significado

Cor	Significado
Amarelo	Vivacidade e luminosidade. Tem elevado índice de reflexão e sugere proximidade. Se usado em excesso, pode se tornar monótono e cansativo. Eficiente para ambientes que exijam concentração, pois atua no Sistema Nervoso Central. É utilizado terapeuticamente para evitar a depressão e angústia.
Azul	Está associado à cultura ocidental, a fé, confiança, integridade, delicadeza, pureza e paz. O azul escuro causa sensação de frieza e formalismo.
Laranja	Cor estimulante e de vitalidade. Está relacionada com a ação, o entusiasmo e a força. Possui grande visibilidade, chamando atenção para pontos que devem ser destacados.
Rosa	Aquece, acalma e relaxa. Está ligada a fragilidade, feminilidade e delicadeza.
Verde	Quando em tom claro transmite sensação de paz e bem estar. É uma cor que sugere tranquilidade, dando a impressão de frescor. Tons escuros tendem a deprimir.

Quadro 2 (Continuação) – Relação cor e significado

Cor	Significado
Vermelho	Cor estimulante, desperta o entusiasmo, dinamismo e ação. Promove sensação de calor e força, estimulando os instintos naturais e sugerindo proximidade. Se usado em excesso pode irritar, desenvolver sentimentos de inquietude e despertar violência.
Violeta	Quando em excesso torna o ambiente agressivo, leva à melancolia e depressão. Sugere muita proximidade, contato com os sentimentos mais elevados e com a espiritualidade. Assim como o vermelho, o azul escuro e o verde escuro, não se recomenda o uso em grandes áreas.

Fonte: Lacy, 1996

Porém, antes de iniciar o planejamento das cores em um ambiente, é necessário considerar cuidadosamente suas funções e quem vai usar o local, pois um dos grandes problemas no planejamento da cor, e especialmente no planejamento dos atrativos, é o excesso.

### Sistema paladar/olfato



Figura 11: Imagem Ilustrativa 11

Fonte:

angelitascardua.wordp



Figura 12: Imagem Ilustrativa 12

Fonte: tvg.globo.com

Tem-se o uso combinado da boca e nariz para obter informações de alimentos e/ou objetos ingeridos ou inalados. Esse agrupamento ocorre em razão de a função do paladar em relação à percepção do ambiente

projetado ser sempre dependente do olfato, o que torna tal abordagem totalmente pertinente ao meio construído.

Se entendermos paladar e olfato como um só sistema sensorial, perceberemos que eles têm uma relação muito próxima: de fato, se estamos gripados, com o nariz entupido, não sentimos os sabores.

De acordo com Tuan (1980), o meio ambiente ideal para o homem pareceria requerer a eliminação dos cheiros de qualquer tipo. Lamentavelmente, a palavra odor quase sempre significa mau cheiro. Esta tendência é lamentável, uma vez que o odor tem o poder de evocar lembranças vividas, carregadas emocionalmente de eventos e cenas passadas.

Os **aromas**, quando agradáveis, podem agir positivamente no organismo, minimizando o estresse e acalmando o indivíduo. O contato com os cheiros da natureza produz um efeito positivo ao indivíduo, e por isso torna-se importante a presença de áreas externas no projeto arquitetônico.

De acordo com Papanek (1998), pesquisas têm demonstrado que os aromas nos podem afetar consideravelmente. É provado que o cheiro de madeira recentemente cortada acelera as pulsações, assim como o odor do seixo lavado pela chuva promove a serenidade. Além disso, o poder de evocação do sentido olfativo é inquestionável. Como não se recordar dos troncos de uma casa de campo aquecida por uma lareira, dos incensos e perfumes de um santuário ou do aroma da sala de visitas da casa dos nossos avós? Segundo o autor:

“... os biometeorologistas e os microbiólogos descobriram que o ar contendo uma certa quantidade de íons faz baixar o nível de serotonina, hormônio associado à ansiedade, no cérebro intermediário. Experiências de psicologia e psiquiatria demonstraram que alguns cheiros têm o mesmo efeito que a meditação na diminuição da pressão sanguínea, e que alguma da luz solar intensa que penetra nos olhos atravessa completamente o córtex e atua diretamente sobre o hipotálamo, a espinal medula e a glândula pineal, onde elimina a produção de um hormônio chamado melatonina, que afeta os humores, a fertilidade e muitas outras funções orgânicas”. (PAPANЕК, 1998, p. 85)

---

## Sistema auditivo

---



Figura 13: Imagem Ilustrativa 13

Fonte: [angelitascardua.wordpress.com/os-sentidos](http://angelitascardua.wordpress.com/os-sentidos)

Torna possível escutar. Além disto, o sistema auditivo nos orienta e nos permite a capacidade de selecionar uma fonte de som desejável entre vários tipos de ondas sonoras.

A partir deste entendimento, é relevante a reflexão sobre a diferença entre som e ruído. Para Gerges (1992), ruído e som não são sinônimos. Um ruído é apenas um tipo de som, mas um som não é necessariamente um ruído. Na ótica psicoacústica, o ruído pode ser considerado uma sensação desagradável desencadeada pela recepção da energia acústica.

Em se tratando de ambientes destinados ao SCFV de crianças e adolescentes, as atividades realizadas possuem diferentes modos de desenvolvimento. Algumas necessitam de maior concentração, como o caso da oficina de apoio pedagógico; outras geram altos níveis de ruído, como uma competição esportiva.

Eniz (2004), em seu estudo sobre a poluição sonora em escolas, confirma este pressuposto ao afirmar que estes ambientes destinados à produção cultural e formação do cidadão pode, por vezes, tornar-se um ambiente ruidoso, pelas próprias atividades de alunos e professores. Tais atividades envolvem uma gama de sentimentos e emoções, que os remetem a elevados níveis de pressão sonora, sem que percebam ou mesmo atentem para o fato.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (WHO, 1999), o limite máximo de exposição ocupacional considerado capaz de proteger os trabalhadores da perda auditiva é de 85 dB para oito horas de exposição. Neste valor ainda se mantém certa inteligibilidade da fala e privacidade, porém, após este intervalo, alguns efeitos nocivos ao ser humano são observados em relação ao ruído, tais como: insônia, estresse,

problemas auditivos, déficit de concentração e memória, dores de cabeça, dentre outros.

No Brasil, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) traz algumas recomendações nas normas de número 10.151 e 10.152. A norma ABNT/NBR 10.152 se refere aos níveis de pressão sonora máximos recomendados para ambientes internos, e está embasada em estudos relacionados ao conforto acústico e inteligibilidade da fala. Já a norma ABNT/NBR 10.151 diz respeito aos limites máximos recomendados para ambientes externos, levando em conta análise de incomodidade a ambientes vizinhos.

Entretanto, verificou-se a inexistência de especificações para ambientes destinados ao SCFV. Diante disto, este estudo faz uso de alguns ambientes similares aos estudados. As Tabelas 5 e 6 a seguir trazem um recorte destas normas aplicadas ao foco desta dissertação.

Tabela 5 – Nível de critério de avaliação para ambientes externos, em dB(A)

<b>Tipos de áreas</b>	<b>Valor Diurno</b>	<b>Valor Noturno</b>
Área estritamente residencial urbana ou de hospitais ou de escolas	50	45

Fonte: ABNT/Norma 10.151

Tabela 6 – Níveis de ruído para conforto acústico, em dB(A)

<b>Locais</b>	<b>Valor</b>
<b>Escolas</b>	
Bibliotecas, salas de música, salas de desenho.	35 - 45
Salas de aula, laboratórios.	40 - 50
Circulação	45 - 55
<b>Restaurantes</b>	40 - 50
<b>Auditórios</b>	
Sala de uso múltiplo	35 - 45
<b>Escritórios</b>	
Sala de reunião	30 - 40

Tabela 6 (Continuação) - Níveis de ruído para conforto acústico, em dB(A)

<b>Locais</b>	<b>Valor</b>
<b>Locais para esportes</b>	
Pavilhões fechados para espetáculos e atividades esportivas	45 - 60

Fonte: ABNT/Norma 10.152

Para analisar as medições de ruído, devem-se reconhecer suas fontes. Especificamente nos ambientes do SCFV, devemos observar os ruídos internos e externos que acabam por constituir em conjunto as condições acústicas do local. Quanto aos ruídos de caráter interno, podemos destacar: os ruídos emitidos pelas próprias crianças, adolescentes e educadores em suas respectivas salas de atividades, os ruídos provenientes do pátio e quadra poliesportiva durante as atividades de recreação e esporte. A estes ruídos, cujas fontes sonoras se encontram dentro do próprio ambiente, pode-se acrescentar ainda os efeitos sonoros amplificados pela própria disposição espacial da edificação e dos materiais de acabamento empregados. Já em relação aos ruídos de caráter externo ao SCFV, podemos citar os ruídos do trânsito das vias de acesso circunvizinhas, ruídos industriais ou de aglomerações de edifícios do entorno, ruídos esporádicos de obras próximas.

Portanto, as interferências na percepção e compreensão, sejam estas provocadas por fatores internos ou externos ao ambiente, juntamente aos outros elementos mencionados, influenciam a sensação de conforto no ambiente. Garantir o eficiente funcionamento da edificação contribui para apropriação plena deste pelos seus usuários.

O referencial teórico estudado sobre a relação da ambiência e os sentidos humanos de Gibson (1966), expõe que esta relação é muito ampla, pois a forma de perceber e sentir o ambiente são guiados também por diferentes habilidades, emoções, expectativas e crenças de cada usuário. Em especial aos ambientes que englobam as atividades de socialização e convivência – artes plásticas, teatro, dança, música, contação de histórias, esportes, jogos, brincadeiras e refeições –, estes carecem ser inundados com as sensações visuais, auditivas, olfativo-gustativas, hápticas e de orientação, representadas por objetos distintos que acionam os sentidos humanos. Mesmo que alguns usuários dos ambientes projetados não tenham completo funcionamento de algum sentido, eles terão a compreensão de mundo com a mesma emoção

daqueles que possuem todos os sentidos humanos. Desprezar esta condição seria o mesmo que excluí-los da arquitetura.

A exposição passiva no ambiente pode ser prejudicial e a redundância pode inibir o desenvolvimento. No que se refere à criança e ao adolescente, isto se torna extremamente preocupante, pois a complexidade e exploração conduzem ao desenvolvimento ativo. O ambiente estruturado permite o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantojuvenis.

Carvalho & Rubiano (2001, p.111) enfatizam que:

“ (...) a variação da estimulação deve ser procurada em todos os sentidos: cores e formas; músicas e vozes; aromas e flores e de alimentos sendo feitos; oportunidades para provar diferentes sabores”.

### 3.3.2 Espaço, lugar, a criança e o adolescente

Na informalidade da linguagem cotidiana, espaço e lugar são muitas vezes empregados como sinônimos, sem que se atente para suas especificidades. Perante essa definição, nota-se a necessidade de estudar estes dois conceitos e sua relação com a criança e o adolescente.

Segundo Tuan (1983, p. 3), “espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. Não há lugar para outro edifício no lote. (...) O lugar é segurança e o espaço liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”.

Sendo assim, o que é espaço? Espaço é uma extensão entre dois pontos, duas linhas ou dois objetos; uma área que pode ser pensada geometricamente. Logo, o espaço é neutro, já que não se atribui significados a ele. E lugar? Lugar é um espaço que identificamos, é onde moramos, trabalhamos, nos divertimos, vivemos; seus limites são definidos, é referência. É um espaço ao qual se atribui significados; o lugar é o espaço com o qual se estabelece relação (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

No homem adulto são extremamente complexos os sentimentos e ideias relacionados com espaço e lugar. Originam-se das experiências singulares e comuns. No entanto, cada pessoa começa como uma criança. Com o tempo, do pequeno e confuso mundo infantil, surge a visão do mundo do adulto, subliminarmente também confusa, mas sustentada pelas estruturas da experiência e do conhecimento conceitual (TUAN, 1983, p. 22).



Discutindo o papel do ambiente no desenvolvimento infantojuvenil, Elali (2003) esclarece que a qualidade de vida (presente e futura) destas pessoas exige a compreensão ecológica de seus comportamentos e a otimização das relações com o ambiente, preocupando-se com a definição de lugares que contribuam para a formação da identidade pessoal, das aptidões e competências individuais. Entre as principais indicações destaca-se:

- Valorizar o contexto sociocultural em que se encontra o ambiente, visto haver variação individual e cultural no uso e interpretação do meio ambiente;
- Considerar o caráter único de cada empreendimento, pois, apesar da experiência humana ser acumulativa, a prática adequada a um local pode não ser apropriada a outro;
- Promover criatividade, variação, participação, exploração e testagem, estimulando a fantasia e a iniciativa;
- Oportunizar tanto a interação social quanto a privacidade;
- Possibilitar o contato dos usuários com objetos, lugares e possibilidades de ação, sem a constante intervenção e presença do adulto;
- Permitir o engajamento ativo no ambiente, aproveitando e desenvolvendo o senso de natureza inerente a crianças e adolescentes;
- Possibilitar que os usuários participem do planejamento do local;
- Reconhecer que ambientes planejados para crianças e adolescentes também são ocupados por adultos, cujas necessidades também precisam ser previstas e atendidas.

Assim, todos os ambientes construídos para a população infantojuvenil, independente da realidade social que estes estejam inseridos, deveriam atender cinco funções relativas ao desenvolvimento pleno, no sentido de promover: oportunidades para crescimento, identidade pessoal, desenvolvimento de competência, sensação de segurança e confiança, como forma de proporcionar à infância e a adolescência condições plenas de desenvolvimento, gerando a consciência de si e do entorno que são provenientes da riqueza experiencial.

### 3.4 ESTUDOS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E A TEORIA ECOLÓGICA

De acordo com Pikunas (1979), o desenvolvimento pode ser entendido como uma série de mudanças sequenciais em um organismo, levando à sua maturidade; entendem-se como mudanças as metabólicas e os incrementos estruturais. O desenvolvimento ocorre à medida que

emergem novas espécies e níveis de diferenciação e integração, aprendizagem e maturação.

Assim como uma espiral, o desenvolvimento pressiona em sentido ascendente durante mais de duas décadas; a seguir, alcança um longo período de declínio lento; depois decai mais rapidamente até um ponto em que os principais órgãos ou sistemas falham e ocorre a morte (PIKUNAS, 1979).

Entretanto, como este trabalho se concentra em crianças e adolescentes com idade entre 6 a 15 anos, observa-se a necessidade de estudar as etapas do desenvolvimento pertinentes a essa faixa etária. Estas são apresentadas a seguir:

### **3.4.1 Terceira infância**

Engloba dos 6 até aproximadamente 11 ou 12 anos, coincidindo com a entrada na escola, fomentando autonomia intelectual, afetiva e motora que se mostram bem acentuadas, quando consideradas as fases anteriores (primeira e segunda infância). Em relação ao desenvolvimento social, tem-se aprendizagem e ações cooperativas e a influência dos amigos e do grupo sobre o seu comportamento; a moral se torna autônoma, sendo capaz de fazer o seu julgamento não apenas pelas regras, mas pelas situações em que as pessoas se encontram (MAHONEY, 2002; RIES, 2001; WOOLFOLK, 2000).

### **3.4.2 Primeira adolescência**

Muitos estudiosos definem a adolescência como a fase de transição entre a infância e a idade adulta. Para Konopa (1973 apud Pikunas, 1979), a adolescência é um segmento importante da continuação do desenvolvimento humano. Ela distingue a primeira adolescência (dos 12 aos 15 anos), a adolescência intermediária (dos 15 aos 18 anos) e a adolescência final (dos 19 aos 22 anos). A adolescência pode ser entendida, também, como a amplitude de vida de uma pessoa jovem entre o advento da puberdade e o término do crescimento ósseo (SALZMAN, 1973 apud PIKUNAS, 1979). Ademais, é um período que transporta também cargas marcadas e pesados encargos, observa-se o surgimento de vários comportamentos de risco tais como: uso de drogas, prostituição, violência, desintegração familiar.

Existem muitas abordagens para explicar o desenvolvimento humano e as consequências no comportamento. Na perspectiva

construtivista de Piaget (1996), o conhecimento humano se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto. Para o desenvolvimento humano, há dois princípios primordiais: adaptação e organização. A adaptação ocorre através da organização, sendo que o organismo discrimina entre estímulos e sensações, selecionando aqueles que irá organizar em alguma forma de estrutura. A adaptação possui dois mecanismos opostos, mas complementares, que garantem o processo de desenvolvimento: a assimilação e a acomodação. Segundo Piaget, o conhecimento é a equilíbrio/reequilíbrio entre assimilação e acomodação, ou seja, entre os indivíduos e os objetos do mundo.

Já nos estudos da psicologia sócio-histórica de Vygotsky (2003), o papel do meio social toma maior proporção, pois ele entende que as representações mentais do meio exterior são os mediadores essenciais a serem adotados na relação meio ambiente x homem. Desde o nascimento, o homem é envolto num contexto de símbolos, normas e padrões que estabelecem significados ao comportamento humano, inclusive ao espacial.

Portanto, o meio em que a pessoa vive é tanto físico quanto social. O ser humano é agente atuante do seu próprio desenvolvimento, quando seleciona e interage com o mundo que o cerca, mas é, também, influenciado por este.

Logo, o contexto socioambiental onde a criança e o adolescente crescem e se desenvolvem, considerando as características biológicas e sociais da pessoa, e as mudanças que foram ocorrendo ao longo da vida em relação ao meio, as características físicas, políticas, econômicas, culturais, são cruciais para entender o desenvolvimento humano e o comportamento espacial destes indivíduos. Neste sentido, tem-se o desenvolvimento segundo a Teoria Ecológica de Urie Bronfenbrenner (1979).

### **3.4.3 Teoria Ecológica de Bronfenbrenner**

No modelo ecológico, Bronfenbrenner (1996, p.5) pressupõe que toda experiência individual se dá em ambientes "concebidos como uma série de estruturas encaixadas, uma dentro da outra, como um conjunto de bonecas russas". É salientado que "os aspectos do meio ambiente mais importantes no curso do crescimento psicológico são, de forma esmagadora, aqueles que têm significado para a pessoa numa dada situação" (Bronfenbrenner, 1996, p.9). Portanto, diferentes contextos como família, instituição e escola podem ter influências diversas no desenvolvimento.

Para Bronfenbrenner (1996), três aspectos merecem uma atenção especial. A pessoa em desenvolvimento não é considerada meramente como uma tábua rasa sobre a qual o meio ambiente provoca seu impacto, mas como uma entidade em crescimento, dinâmica, que progressivamente penetra no meio em que reside e o reestrutura. Uma vez que o meio ambiente também exerce sua influência, exigindo um processo de acomodação mútua, a interação entre a pessoa e o meio ambiente é considerada como bidirecional, isto é, caracterizada por reciprocidade. O meio ambiente definido como relevante para os processos desenvolvimentais não se limita a um ambiente único, imediato, mas inclui as interconexões entre esses ambientes, assim como as influências externas oriundas de meios mais amplos.

O meio ambiente ecológico é com um sistema de estruturas agrupadas, independentes e dinâmicas, abrangendo desde os ambientes mais imediatos de interação aos mais distantes, tais como cultura, subcultura e sistemas de crenças. Essas estruturas são chamadas de micro-, meso-, exo- e macrosistema, organizados conforme Figura 14:

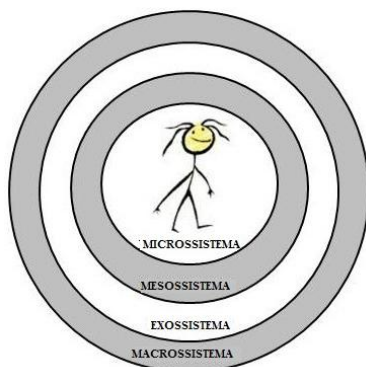


Figura 14: Modelo de desenvolvimento ecológico de Bronfenbrenner

Fonte: Autora adaptado de Bronfenbrenner (1996)

O primeiro nível, chamado de microsistema, é compreendido pelas influências proximais, que advém das características físicas da pessoa, das relações em um cenário definido onde ela interage diretamente com indivíduos mais próximos (familiares, colegas, etc). Um microsistema, para Bronfenbrenner (1996), é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em

desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicos.

No caso de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, o microsistema relacionado ao seio familiar muitas vezes é constituído por um cenário de violência, pois apesar de todas as conquistas referentes à proteção integral infantojuvenil, ainda prevalece, no senso comum, a ideia de que as crianças e os adolescentes são propriedades dos seus pais ou responsáveis, que podem abusar do poder que lhes é conferido, sempre que acharem necessário, com a conivência da sociedade. Esse abuso de poder pode se manifestar através de imposições, indo desde ignorar suas necessidades, negligências e até os abusos sexuais.

O mesossistema refere-se à interconexão entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente, tais como, para uma criança, as relações em casa, na creche e na escola. De acordo com Bronfenbrenner (1996), um mesossistema é, portanto, um sistema de microsistemas, e ele é formado ou ampliado sempre que a pessoa em desenvolvimento entra em um novo ambiente.

Para as crianças e os adolescentes do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), o mesossistema possui várias especificidades, elementos como características físicas e materiais, atividades planejadas, relações interpessoais, que, constituem veículos de mudanças comportamentais e de desenvolvimento individual.

Logo, o microsistema e o mesossistema representam os ambientes cujos níveis de relações são proximais e suas influências são mais evidentes, sendo de crucial importância para desenvolvimento do indivíduo.

Aqueles ambientes nos quais o indivíduo não participa diretamente, mas que o influenciam indiretamente através do seu impacto, estão no exossistema (BRONFENBRENNER, 1996). Pode-se citar, então, as instituições responsáveis por garantir a proteção e a efetiva aplicação dos direitos das crianças e dos adolescentes.

Por último tem-se o macrosistema que, conforme Bronfenbrenner (1996) é caracterizado como um sistema mais amplo, que abrange valores culturais como crenças, ideologias e estrutura social. Na análise do macrosistema, observa-se a influência dos aspectos socioeconômicos e culturais no desenvolvimento humano. A situação financeira em que vivem as famílias em vulnerabilidade social bem como o acesso precário a serviços e políticas sociais, por exemplo, afetam diretamente o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes.

Sob essa perspectiva, a convivência num ambiente saudável e socializador constitui uma transição ecológica, e sabe-se que muitas crianças e adolescentes passam a maior parte do seu tempo em ambientes como creche, escola, centros de convivência. Assim, no contexto principal da criança e do adolescente com direitos violados, estes ambientes passam a assumir um novo papel. Os espaços destinados ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos buscam ampliar o universo artístico e cultural, assim como as habilidades e aptidões de seus usuários.

## 4 ESTUDO DE CASO

Entendemos por pesquisa a atividade básica de ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo (MINAYO et al., 2012).

Partindo-se do fato que o presente trabalho pretende estudar as inter-relações homem x ambiente que ocorrem durante as atividades socializadoras e de convivência no CEC Criança fazendo Arte, optou-se pelo método estudo de caso, empregando a este uma abordagem qualitativa. Denzin e Lincoln (2006) consideram a pesquisa qualitativa como sendo uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve um enfoque naturalista e interpretativo do mundo circundante, abordando uma variedade de técnicas com a finalidade de apreender e interpretar os significados existentes no ambiente da investigação.

O processo de pesquisar realizou-se no período de maio de 2012 a dezembro de 2012 e seguiu o processo preconizado por Patrício (1995), que se caracteriza por um movimento sistemático não linear, um ir-e-vir constante, individual-coletivo, de colher, registrar, analisar, e devolver os dados com o sentido de conhecer, compreender, descrever o fenômeno em estudo e de avaliar e transformar a realidade, quando o objeto assim o requer.

### 4.1 ESCOLHA DO LOCAL DE ESTUDO

Antes de iniciar a etapa de estudo de caso, a escolha do local de estudo requereu a realização de uma investigação detalhada para certificação de que este seria o mais representativo para o objetivo desta dissertação. Para isto, a pesquisadora realizou uma busca através da Internet para localizar possíveis opções baseadas em critérios pré-estabelecidos. São eles: importância social para o local onde está implantado, capacidade de atendimento e complexidade do ambiente construído. Concluída esta etapa, foram marcadas entrevistas com os responsáveis pelos locais selecionados.

Neste processo, foram realizadas visitas exploratórias em quatro locais responsáveis pela realização do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos em Florianópolis/SC, com o intuito de primeiramente apresentar-se aos responsáveis esclarecendo, como é a pesquisa que se pretende desenvolver e responder possíveis dúvidas. Em seguida, obter

informações sobre a metodologia de funcionamento, organização do serviço, número de usuários e atividades realizadas pelos usuários, entre outras.

Após o resultado destas visitas, foi constatado que o Centro de Educação Complementar (CEC) Criança fazendo Arte seria o local mais representativo dentre os critérios antes mencionados, e assim este se tornou o objeto de estudo desta dissertação.

No dia três de maio de 2012, foi realizada a segunda visita no CEC Criança fazendo Arte que, desta vez, teve duração de 2 horas, tempo maior em relação à visita anterior. Nessa visita, a pesquisadora relatou as potencialidades do local para o estudo e entregou seu plano de pesquisa bem como documentos referentes à aprovação desta pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC. Em seguida, a coordenadora disponibilizou alguns documentos referentes ao CEC, como projeto pedagógico e lista de chamada das crianças e adolescentes matriculados com as respectivas datas de nascimento. Porém, alguns documentos específicos sobre o perfil de cada criança e adolescente não pode ser disponibilizado devido a normas internas que visam preservar a identidade dos mesmos e de suas famílias.

Posteriormente, a coordenadora conduziu a visita às instalações, apresentando a pesquisadora aos funcionários, crianças e aos adolescentes. Assim, deu-se início às interações cotidianas com os usuários do ambiente em estudo.

## 4.2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO

Essa fase da pesquisa é representada pela descrição do espaço utilizado pelo CEC Criança fazendo Arte, bem como a apresentação de seus usuários. Para tanto, foram utilizadas as técnicas de coleta de dados - pesquisa documental e leituras espaciais – como meio de possibilitar uma visão mais abrangente do local estudado.

### **A. Pesquisa documental**

Na definição de Marconi e Lakatos (2007), "a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escrita ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias". A partir deste entendimento, a técnica torna-se indispensável a esta pesquisa devido o contexto histórico do objeto de estudo, pois o local onde está implantado o CEC Criança fazendo Arte testemunha muitas memórias acerca da assistência infantojuvenil no estado de Santa



Catarina. Desta forma, conhecer este passado torna-se imprescindível para o desenvolvimento desta etapa do trabalho. Para tanto, a pesquisa documental realizada baseou-se em fotografias e em documentos que constituem o livro intitulado *Memórias do Abrigo de Menores* (MACHADO, 2009).

## **B. Leituras espaciais**

As leituras espaciais são técnicas bastante ecléticas de registro de informação, todas elas de fácil assimilação por parte dos arquitetos, uma vez que já pertencem à nossa tradição profissional (MALARD *et al.*, 2002).

A espacialização, segundo Malard *et al.* (2002), refere-se ao modo de ser, no espaço, de um fato social. É a forma físicoespacial de um acontecimento, por isso ela significa esse acontecimento. Com base neste entendimento, esta técnica pareceu bastante apropriada para o propósito desta dissertação, pois, conhecer essas espacializações, verificar suas formas e seus significados possibilitam formular novos conceitos e parâmetros para futuros projetos de socialização para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Para realizar estas leituras, primeiramente foi solicitado à Secretaria de Obras do município de Florianópolis autorização para cópia do projeto arquitetônico do espaço estudado. Em posse do projeto arquitetônico, foi realizada verificação sobre a real situação dos ambientes, fazendo as alterações no desenho quando necessário. Registros fotográficos, descrições livres do local e relato das atividades que estavam sendo realizadas nos ambientes também completam esta técnica. Assim, foram realizadas quatro leituras espaciais que se estenderam não só as áreas edificadas, mas também as áreas externas do CEC em estudo. Estas leituras aconteceram nos dois turnos de atividades (matutino e vespertino), o que permitiu uma visão mais abrangente do local nos diferentes períodos.

Cabe destacar, que o levantamento de mobiliário em planta não foi possível, pois estes são constantemente modificados de local devido a necessidade de flexibilização do espaço para a atividade. Porém os registros fotográficos contribuirão para a análise destes. Além disto, a estufa, horta e piscina não foram analisadas, pois estavam fechadas por falta de manutenção. No entanto, estes ambientes serão abordados em algumas seções devido sua importância no processo de convivência e socialização dos usuários.

Após estas verificações, foi criada uma planilha como instrumento para organizar e otimizar o tempo de levantamento das informações coletadas. A Planilha 1 é respectiva a elementos do ambiente construído: na primeira coluna temos a localização do cenário em planta e, na segunda coluna, a descrição do ambiente em relação a área, acesso, aberturas, características construtivas, mobiliário; conforto ambiental e função dos cenários estudados.

Planilha 1 – Modelo: Elementos do ambiente construído

Cenário	Descrição	Imagens
---------	-----------	---------

Fonte: Autora

Neste momento, a partir das técnicas mencionadas, tem-se os resultados apresentados a seguir.

#### **4.2.1 Resgate do passado: Abrigo de Menores de Santa Catarina**

Entende-se importante resgatar o contexto histórico do objeto de estudo, pois o local onde está implantado o CEC Criança fazendo Arte testemunha muitas memórias acerca da assistência infantojuvenil florianopolitana. Este espaço até o início da década de 80 pertenceu ao Abrigo de Menores de Santa Catarina. Assim, conhecer este passado torna-se imprescindível para o desenvolvimento desta etapa do trabalho.

Durante o Governo Nereu Ramos (1935-1945), as questões referentes à educação e ao tratamento dos “menores” ganharam nova dimensão, tendo o assistencialismo como marca de sua gestão. Este se mostra através de ações públicas sociais, como o da infância abandonada, onde algumas medidas foram tomadas para tornar obrigatória a frequência escolar, como exemplo a “quitação escolar” e a proibição do ensino domiciliar. A quitação escolar significava que a população catarinense, para ser admitida ou promovida em serviço público, devia antes conseguir um atestado de frequência em uma escola oficial (SANTOS, 2006).

Ainda de acordo com Santos (2006), a essência da instrução escolar, segundo Nereu Ramos, devia levar em conta o ensino pátrio, utilizando autores rigorosamente nacionais, o ensino moral, circunscrito aos princípios cristãos, e as noções de economia doméstica e de agricultura. De grande interesse do governo eram, naturalmente, os estudos da puericultura e da medicina social que podiam garantir a higiene, a saúde físicoespiritual e uma procriação saudável.

No entanto, pode-se afirmar que a política de assistência de Nereu Ramos não se reduziu somente à escolarização de todas as crianças já que outros investimentos na sociedade catarinense foram realizados, como serviços de saúde, higiene e reclusão. E é neste momento que surge para tratar, abrigar, vigiar e educar os “menores abandonados” e delinquentes. O Estado catarinense tomou como primeiras medidas criar o Juizado de Menores, segundo o decreto nº. 78, e fundar o Abrigo de Menores, respectivamente em 1935 e 1940.

Conforme o desejo do Governador Nereu Ramos, a administração do Abrigo de Menores foi entregue à Congregação Religiosa dos Irmãos Maristas. O objetivo principal da instituição era amparar e dar um lar aos “menores” de sexo masculino juridicamente declarados “abandonados”, incluindo inicialmente os infratores considerados não perigosos, denominados delinquentes (MACHADO, 2009). A idade mínima para a admissão dos internos era de oito anos, e a permanência máxima até os 18 anos.

As atividades realizadas no Abrigo de Menores, de acordo com Machado (2009), pautavam-se em:

- **Formação religiosa:** a educação religiosa sempre foi um dos pilares, o elemento central na prática educativa Marista.
- **Ensino:** as ações educativas estavam concentradas nos cursos de ensino primário, profissional, agrícola e artesanal.
- **Atividades físicas e esportivas:** jogos e exercícios físicos.
- **Atividades culturais e artísticas:** música, coral, teatro e educação artística.

O Abrigo de Menores nos seus 40 anos de atividade passou por profundas mudanças. No ano de 1969, durante o governo de Ivo Silveira, o abrigo passa a ser denominado Educandário 25 de Novembro, através do Decreto nº. 8.026, pois o Conselho da FUNABEM sentenciou que as instituições de assistência aos “menores” não usassem mais denominações ou títulos como: asilo, orfanato, abrigo, pois isto poderia dificultar a integração dos ex-internos na sociedade.

Esta mudança também pôs fim a administração marista e, em 1975, o “Educandário XXV de Novembro”, passa a ser administrado pela Fundação Catarinense do Bem estar do Menor (FUCABEM), vindo a ser patrimônio da Fundação (SANTOS, 2006). Enfim, após quarenta anos de funcionamento, no dia 30 de março de 1980, o antigo Abrigo de Menores e, até então, Educandário 25 de Novembro deixa de existir definitivamente, quando foi queimado por um trágico incêndio.

Tendo conhecimento deste histórico, observa-se a necessidade de efetuar um estudo urbanístico e arquitetônico sobre o espaço destinado ao

antigo Abrigo/Educandário para Menores, antes mesmo de se iniciar a descrição do atual espaço construído utilizado pelo CEC Criança fazendo Arte. Isto se objetiva pelo intuito de resgatar a identidade e memória deste local, que desde o século passado é tão importante para a assistência infantojuvenil do município de Florianópolis.

#### 4.2.1.1 Implantação

O Abrigo/Educandário de Menores era localizado na Rua Rui Barbosa, no antigo bairro Pedra Grande, hoje o atual bairro da Agrônômica. O lote com área aproximada de 51.000 m<sup>2</sup> tinha como limítrofes: ao Norte, a baía norte; ao Sul, a Rua Rui Barbosa; ao Leste, lotes de terceiros; e a Oeste, o Antigo Hospital Naval. A Figura 15 apresenta o zoneamento do Abrigo/Educandário de Menores na cidade de Florianópolis a partir da configuração urbana atual.



Figura 15: Zoneamento Abrigo/Educandário de Menores  
Fonte: Google Earth adaptado pela Autora

#### Legenda:

- Limite do lote
- Conjunto principal (alojamentos, administração, capela, oficinas)
- Área de esportes
- Instalações da lavanderia, depósito de materiais e de barcos
- Alojamentos, salão nobre, hortas e criação de animais

#### 4.2.1.2 Espaço físico do Abrigo de Menores de Santa Catarina

O projeto do Abrigo/Educandário de Menores foi realizado pelo engenheiro-arquiteto Paulo Motta. Neste projeto, o arquiteto fez uso do declive natural do terreno, que ia da Rua Rui Barbosa em direção ao mar (Figura 45). O partido arquitetônico foi desenhado em forma de “T” para

cada seção tomada isoladamente do complexo principal (Figura 16). Observa-se também um rompimento com a composição clássica por meio da utilização de um eixo fragmentado para organizar o conjunto.

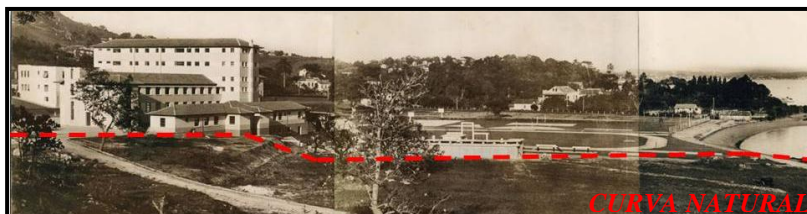


Figura 16: Terreno Abrigo/Educandário de Menores  
Fonte: abrigodemenores.blogspot.com.br

A assimetria mostra-se pelo uso de diferentes alturas e dimensões nos volumes projetados para diferentes funções (Figura 17). Os materiais e técnicas construtivas utilizadas revelam a dominância do concreto armado, material característico do Movimento Moderno, mas também percebe-se a cobertura com telhas de barro.

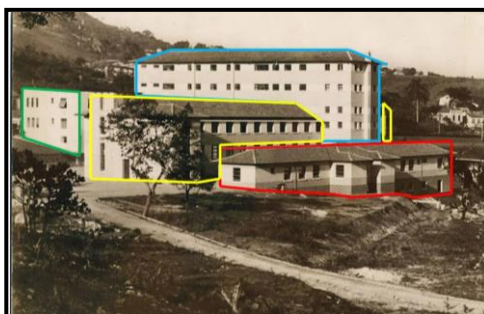


Figura 17: Conjunto principal Abrigo/Educandário de Menores  
Fonte: abrigodemenores.blogspot.com.br adaptado pela autora

#### Legenda:

- Testada da instituição: dois pavimentos, onde foram instaladas a sede do Juizado de Menores e a Administração Geral do Abrigo
- Salas de aula nos últimos pavimentos de cada seção, sendo que nos primeiros pavimentos estavam dispostos um refeitório e um pátio coberto, respectivamente.
- O quarto bloco, localizado na parte central, apresentava quatro pavimentos, assim distribuídos: nos dois últimos os dormitórios, no central a sala de estudos, ficando a parte térrea para cozinha e refeitórios
- Oficinas

#### 4.2.2 O presente: CEC Criança fazendo Arte

A área pertencente ao Abrigo de Menores sofreu muitas modificações ao longo dos anos (Quadro 3). O bairro Agrônômica, antes considerado rural e lugar apropriado para os modelos de instituições de repressão e isolamento, como o próprio Abrigo de Menores e a Penitenciária do Estado, com o passar dos anos e a expansão urbana, hoje faz parte do contexto urbano, reconhecido como zona nobre e bastante valorizada no centro de Florianópolis.

Quadro 3 – Evolução da área do Antigo Abrigo de Menores

<b>Conjunto principal Abrigo/educandário de Menores</b>	
<b>ANTES</b>	<b>DEPOIS</b>
 <p>Figura 18: Ano de 1940 Fonte: abrigodemenores.blogspot.com.br</p>	 <p>Figura 19: Ano 2012 Fonte: Autora</p>
<p>Restou apenas o volume frontal da recepção, hoje este edifício está fechado e futuramente abrigará o Museu de Comunicação de Santa Catarina; e uma edificação destinada às oficinas. No restante da área foram edificados posto de Saúde, posto Policial, creche, escola e Plantão Institucional de Atendimento ao Adolescente – PLIAT.</p>	
<b>Área de esportes</b>	
<b>ANTES</b>	<b>DEPOIS</b>
 <p>Figura 20: Ano 1940 Fonte: abrigodemenores.blogspot.com.br</p>	 <p>Figura 21: Ano 2012 Fonte: Autora</p>
<p>Somente um campo de futebol foi reconstruído, o restante foi substituído por: Direto do Campo, banca de revistas, Federação Catarinense de Tênis, sede da Associação de Moradores da Agrônômica e restaurante.</p>	



Quadro 3 (Continuação) - Evolução da área do Antigo Abrigo de Menores

**Alojamentos, salão nobre, hortas e criação de animais**

<b>ANTES</b>	 <p>Figura 22: Ano 1940 Fonte: abrigodemenoires.blogspot.com.br</p>	<b>DEPOIS</b>	 <p>Figura 23: Ano 2012 Fonte: Autora</p>
--------------	--	---------------	---

Sede PROMENOR; Delegacia de Proteção à criança e ao adolescente e da Mulher; abertura da Rua Delminda Silveira e atua Residência do Governador.

**Instalações da lavanderia, depósito de materiais e de barcos**

<b>ANTES</b>	 <p>Figura 24: Ano 1940 Fonte: abrigodemenoires.blogspot.com.br</p>	<b>DEPOIS</b>	 <p>Figura 25: Ano 2012 Fonte: Autora</p>
--------------	--	---------------	---

A Av. Gov. Irineu Bornhausen separou a Ponta do Coral, restando apenas as ruínas das edificações. Este local é motivo de muitas discussões e protestos por parte da comunidade, que reivindica ao poder público a transformação de área de lazer.

Fonte: Machado 2009; Autora

Assim sendo, de toda a área apresentada anteriormente destinada à instituição, restou apenas o espaço onde está localizado o Complexo Cidade da Criança (Figura 26). Destaca-se ainda que, segundo Plano Diretor vigente em Florianópolis (Lei nº 001/97), dentro da delimitação de área original do Antigo abrigo de Menores de Santa Catarina, atualmente tem-se os seguintes zoneamentos para uso e ocupação do solo: **ATE – 2** (Turismo exclusivo): Ponta do Coral; **AVL** (Área verde de lazer): Avenida Gov. Irineu Bornhausen

**ACI** (Área comunitária Institucional): Toda a área remanescente do recorte apresentado na legenda.



Figura 26: Situação CEC no bairro  
Fonte: Google Earth adaptado pela Autora

**Legenda:**

- Av. Governador Irineu Bornhausen
- Rua Cmte. Constantino Nicolau Spyides
- Rua Rui Barbosa
- Rua Delminda Silveira
- Área objeto de estudo (Complexo Cidade da Criança)
- Posto de Saúde
- Hospital Infantil Joana de Gusmão
- Delegacia da Mulher e da Criança e Adolescente
- Colégio
- Creche
- PLIAT – Plantão Institucional de Atendimento ao Adolescente

O Complexo Cidade da Criança, com área aproximada de 6.475m<sup>2</sup> e situado mais precisamente no endereço Rua Rui Barbosa, nº 667, bairro Agrônômica, foi criado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF) através do Decreto nº392, de 05 de maio de 2000, objetivando ser um espaço destinado ao pleno exercício da cidadania, possibilitando construir um novo modelo de atenção à criança, ao adolescente e suas respectivas famílias, garantindo a proteção de direitos violados e a realização dos direitos socioeconômicos de saúde, educação, políticos, civis, culturais, seja individuais e/ou coletivos (MACHADO, 2009). O espaço é fruto de uma concessão do Estado pelo prazo de 20 anos à PMF (PMAS 2010-2013).

E, é neste local que se situa o CEC Criança fazendo Arte, além dos seguintes programas: Arquivo e Administração do Complexo Cidade da



Criança, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Liberdade Assistida (LA), Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil (PETI), Disque-denúncia e Projeto Sentinela.

#### 4.2.2.1 Espaço físico: CEC Criança fazendo Arte

Após conhecimento da formação da área estudada, apresentam-se neste tópico o espaço físico do CEC Criança fazendo Arte.

A área destinada ao CEC em estudo é composta por duas edificações, que nesta dissertação serão caracterizadas como: Edificação Principal e Edificação Secundária. Além disso, há a Área Externa, que engloba pátio, parque, quadra de esportes e horta com estufa, e a Casa do Coral.

A seguir, apresenta-se a atual implantação do Complexo Cidade da Criança, ressaltando especificamente os espaços utilizados pelo CEC Criança fazendo Arte, bem como as duas edificações que acomodam os ambientes internos destinados às atividades de socialização e convivência.

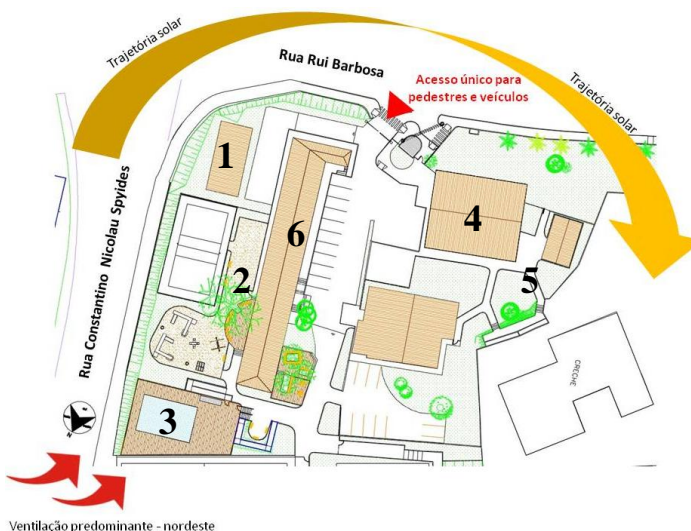


Figura 27: Implantação CEC Criança fazendo Arte

Fonte: PMF adaptado pela Autora



Figura 28: Casa do Coral  
Fonte: Autora



Figura 29: Pátio e  
parque  
Fonte: Autora



Figura 30: Piscina  
Fonte: Autora



Figura 31: Ed. Principal  
Fonte: Autora



Figura 32: Estufa e  
horta  
Fonte: Autora



Figura 33: Ed.  
Secundária  
Fonte: Autora

---



---

### **Educação Principal**

---

Esta edificação não foi projetada para o CEC Criança fazendo Arte, mas sim para outro serviço, o antigo Florir Floripa, como anteriormente citado. Porém, esta edificação não passou por muitas alterações para se adequar ao CEC, e é descrita como: Edificação térrea com área construída aproximada de 337,8m<sup>2</sup>. Os ambientes foram distribuídos nas extremidades da edificação formando no centro um vão coberto. O partido arquitetônico adotado é caracterizado pela simplicidade e simetria. Tanto planta quanto fachadas não apresentam características que estimulem os sentidos perceptivos de seus usuários. A técnica construtiva utilizada é convencional, de tijolos e concreto, podendo ser observada nas paredes externas que deixam evidentes os tijolos das vedações; as telhas da cobertura são em fibrocimento. As figuras abaixo ilustram a descrição.

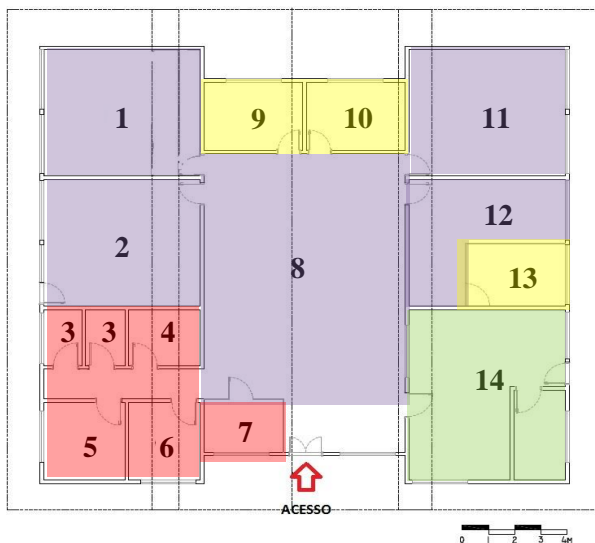


Figura 34: Planta Edificação principal

Fonte: PMF adaptado pela Autora

**Legenda:**

- Conjunto pedagógico
- Conjunto de vivência e assistência
- Conjunto de administração e apoio
- Conjunto de serviços gerais

**Legenda:**

1. Apoio pedagógico
2. Sala meio ambiente
3. WCs funcionários
4. Depósito
5. Sala Assistente Social
6. Sala coordenadora
7. Copa professores
8. Refeitório
9. WC masc.
10. WC fem.
11. Sala artes
12. Biblioteca
13. Atendimento criança/adolescente/pais
14. Cozinha/dispensa



Figura 35: Fachada sul – Edificação principal

Fonte: Autora

---



Figura 36: Fachada norte –  
Edificação principal

Fonte: Autora



Figura 37: Fachada leste –  
Edificação principal

Fonte: Autora

---

### **Edificação Secundária**

---

A edificação analisada possui dois pavimentos, constituídos por: embasamento com área aproximada de 432,3 m<sup>2</sup>; e o andar superior com área aproximada de 451,4m<sup>2</sup>, totalizando 883,7m<sup>2</sup>. Esta edificação fazia parte do antigo Abrigo/Educandário de Menores de Santa Catarina, e era utilizada para abrigar as oficinas profissionalizantes. Atualmente, este edifício abriga algumas atividades do CEC Criança fazendo Arte, e de outros programas da rede municipal de assistência infantojuvenil.

Este edifício foi executado em concreto e tijolos cerâmicos. O partido arquitetônico adotado (Figuras 638 e 39) é caracterizado pela simplicidade de sua forma, e a pintura da fachada bem como a disposição das janelas em linha intensifica a horizontalidade da edificação. No embasamento observa-se que os acessos são individuais para cada ambiente e a relação interior e exterior é direta. Porém, no pavimento superior o acesso aos ambientes se dá por um extenso corredor interno a edificação.

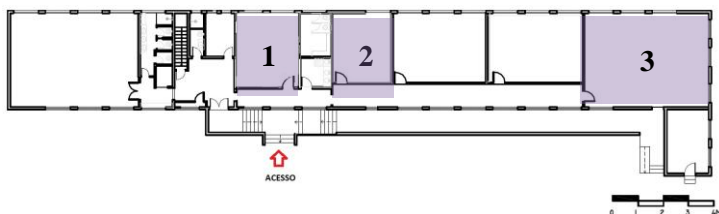


Figura 38: Planta Edificação secundária – embasamento

Fonte: PMF adaptado pela Autora

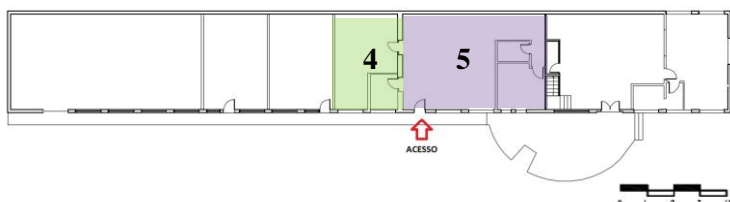


Figura 39: Planta Edificação secundária – 2º andar

Fonte: PMF adaptado pela autora

**Legenda:**

- Conjunto pedagógico
- Conjunto de serviços gerais

**Legenda:**

- Apoio pedagógico 2
- Sala de dança/capoeira
- Sala tênis de mesa
- Brinquedoteca
- Depósito



Figura 40: Fachada oeste –  
Edificação secundária  
Fonte: Autora



Figura 41: Fachada leste –  
Edificação secundária  
Fonte: Autora

Devido a suas dimensões e configuração formal, as edificações em estudo foram divididas em “cenários” (setores de atividades) a fim de se

poder observá-los adequadamente. No entanto, os cenários aqui descritos representam somente os ambientes nos quais as crianças e os adolescentes realizam suas atividades e, conseqüentemente, o processo de convivência e fortalecimento de vínculos. Sabe-se que os demais ambientes são importantes na função de apoio para que se tenha o efetivo funcionamento do CEC em estudo. Porém, nestes ambientes, a presença das crianças e adolescentes é inexistente ou muito esporádica, fato que os torna inválidos para a análise.

Os cenários foram divididos em: cenários do Edifício principal e cenários da Edificação secundária, conforme ilustrado a seguir:

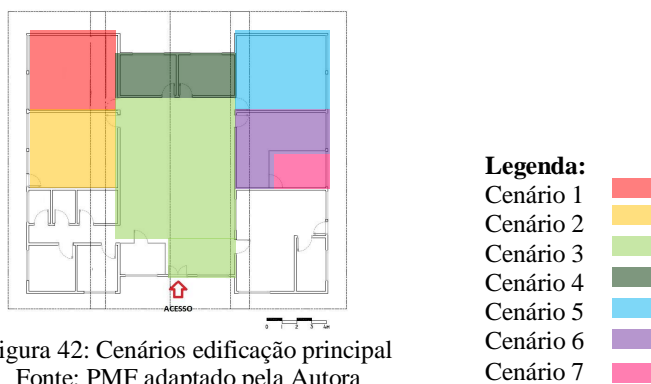


Figura 42: Cenários edificação principal  
Fonte: PMF adaptado pela Autora



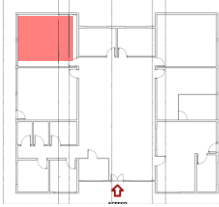


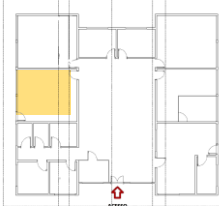


Figura 43: Plantas edificação secundária – 1º pavimento e embasamento  
Fonte: PMF adaptado pela Autora

Adiciona-se também como cenário, a Área Externa, visto que este espaço acomoda ambientes para o desenvolvimento de algumas atividades.

No entanto, neste momento têm-se as primeiras limitações da etapa estudo de caso: devido interrupção da atividade Plantar/Reciclar por falta de material, o local destinado a sua prática encontra-se abandonado e sem condições para estudo. Já a atividade Cantar, que é desenvolvida pela oficina do coral, acontece somente quando existe uma apresentação agendada e, por isso, a edificação destinada a esta prática encontrava-se fechada no período da coleta de dados. Assim, o profissional que desenvolve esta oficina não faz parte do quadro de funcionários do CEC. Perante este quadro, estes cenários não puderam ser descritos e analisados pela pesquisadora, porém, como todos são de conhecimento dos usuários, eles serão abordados durante as técnicas de entrevista e Jogo de Imagens e Palavras com intuito de propor suas qualificações para o uso.

As planilhas apresentadas a seguir têm o objetivo de otimizar a descrição de cada cenário.

## Planilha 2 – Descrição dos cenários: Edificação Principal

Cenário	Descrição	Imagem	
<p>1. Apoio Pedagógico 1</p> 	<p><b>Descrição:</b> este ambiente possui área de 30,3m<sup>2</sup>, e o acesso se dá somente pelo refeitório. Possui duas janelas tipo basculante que não proporcionam visão nítida para o exterior. Isto acontece não só pelo tipo de janela adotada, mas também pelo vidro cancelado utilizado como vedação, características que dificultam a circulação de ar e a entrada de iluminação natural no ambiente. O piso é de madeira, as paredes e o teto em alvenaria tradicional com revestimento em reboco simples. Em relação à cor, as paredes possuem duas cores diferentes: na altura de 0,80cm a cor utilizada é azul e no restante da parede amarelo, sendo o teto branco. O mobiliário existente é constituído por carteiras escolares, mesas e cadeiras de escritório, prateleira, estante e quadro negro. A sala do apoio pedagógico 1 é utilizado por apenas uma professora, mas eventualmente esta a divide com a outra professora do apoio pedagógico.</p>		
<p>2. Sala Meio Ambiente</p> 	<p><b>Descrição:</b> este ambiente possui área de 30,2m<sup>2</sup>. O acesso se dá por dois locais: através do refeitório e através da área externa (horta). Possui duas janelas tipo basculante que não proporcionam visão nítida para o exterior. Isto acontece não só pelo tipo de janela adotada, mas também pelo vidro cancelado utilizado como vedação, características que dificultam a circulação de ar e a entrada de iluminação natural no ambiente. O piso é de madeira, as paredes e o teto em alvenaria tradicional com revestimento em reboco simples. Em relação à cor, as paredes possuem duas cores diferentes: na altura de 0,80cm a cor utilizada é azul e no restante da parede branco, sendo o teto branco. O mobiliário/equipamento existente é constituído por carteiras escolares, mesa e cadeira de escritório, prateleira, armário, quadro negro, televisor de 20” e ventilador. A sala do meio ambiente é utilizada pelo oficineiro responsável, mas eventualmente este a divide com os outros professores e oficineiros do CEC.</p>		

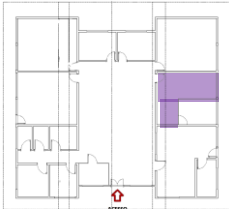


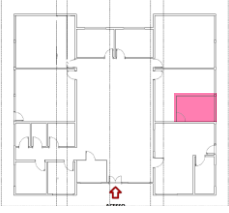


Fonte: Autora



## Planilha 2 (Continuação) – Descrição dos cenários: Edificação Principal



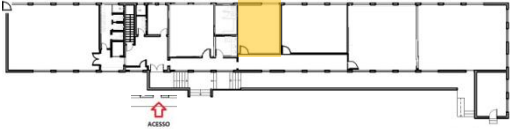

Cenário	Descrição	Imagem
<p>3. Refeitório</p> 	<p><b>Descrição:</b> este ambiente possui área de 85,6m<sup>2</sup>, e permite a ligação com todos os demais ambientes. O acesso se dá livremente pela porta principal do CEC, porém, existe uma ligação entre este espaço e a cozinha, que se conecta também com o meio externo. O ambiente possui apenas uma janela tipo basculante com peitoril que permite a visualização externa, as demais estão dispostas ao fim do pé direito duplo. No entanto, devido ao tipo de vidro canalado adotado na vedação, bem como a dificuldade de acesso para limpeza, os mesmos encontram-se sujos dificultando a entrada de iluminação natural. O piso é de concreto polido, as paredes de tijolos ficam aparentes e recebem revestimento em verniz. Neste ambiente a cobertura de telhões em fibrocimento fica aparente. O mobiliário/equipamento existente é constituído por mesas e bancos, mesas de escritório adaptadas para o <i>buffet</i>, conjunto de cadeiras para recepção, escaninho para pertencentes das crianças e dos adolescentes, mural, bebedouros, aparelho de som e lixeiras. O refeitório é utilizado por todos os usuários do CEC, pais/responsáveis e visitantes também utilizam este local como recepção.</p>	 <p>Figura 48: Refeitório Fonte: Autora</p>  <p>Figura 49: Refeitório Fonte: Autora</p>
<p>4. Sanitários fem. e masc.</p> 	<p><b>Descrição:</b> estes ambientes possuem área individual de 10,3m<sup>2</sup>, e o acesso se dá pelo refeitório com inexistência de barreiras físicas além das portas dos mesmos. Cada um possui uma janela tipo basculante que estão voltadas para fundos do lote. O piso é em concreto polido, as paredes e o teto em alvenaria tradicional. As paredes possuem revestimento cerâmico na cor bege claro e, o teto, revestimento em reboco simples na cor branca. Cada banheiro possui dois lavatórios com altura de 0,60cm, 2 boxes com portas com vasos sanitários padrão e um box, também com porta, com chuveiro. Ressalta-se que todos os equipamentos encontram-se em péssimo estado de conservação. Os banheiros são utilizados pelas crianças e pelos adolescentes, além dos pais e visitantes quando necessário. Ressalta-se que não existem banheiros para pessoas com deficiência.</p>	 <p>Figura 50: Sanitários Fonte: Autora</p>  <p>Figura 51: Sanitários Fonte: Autora</p>
<p>5. Sala de Artes</p> 	<p><b>Descrição:</b> este ambiente possui área de 30m<sup>2</sup>, e o acesso se dá pelo refeitório. Possui duas janelas tipo basculante, que estão voltadas para o estacionamento, que não proporcionam visão nítida para o exterior. Isto acontece não só pelo tipo de janela adotada, mas também pelo vidro canalado utilizado como vedação, características que dificultam a circulação de ar e a entrada de iluminação natural no ambiente. O piso é de madeira, as paredes e o teto em alvenaria tradicional com revestimento em reboco simples. Em relação à cor, as paredes possuem duas cores diferentes: na altura de 0,80cm a cor utilizada é azul e no restante da parede branco, sendo o teto branco. O mobiliário é constituído por mesas e cadeiras de escritório, prateleiras, armário, quadro negro e tanque.</p>	 <p>Figura 52: Sala de Artes Fonte: Autora</p>  <p>Figura 53: Sala de Artes Fonte: Autora</p>

## Planilha 2 (Continuação) – Descrição dos cenários: Edificação Principal

Cenário	Descrição	Imagem	
<p data-bbox="255 277 400 301">6. Biblioteca</p> 	<p><b>Descrição:</b> este ambiente possui área total de 30,15m<sup>2</sup>, porém, como a biblioteca, divide espaço com a sala de atendimento, sendo sua área real de 17,4m<sup>2</sup>. O acesso se dá pelo refeitório. Possui uma janela tipo basculante, voltada para o estacionamento, que não proporciona visão nítida para o exterior. Isto acontece não só pelo tipo de janela adotada, mas também pelo vidro cancelado utilizado como vedação, características que dificultam a circulação de ar e a entrada de iluminação natural no ambiente. O piso é de madeira, as paredes e o teto em alvenaria tradicional com revestimento em reboco simples. Em relação à cor, as paredes possuem a cor amarela; e o teto a cor branca. O mobiliário existente é constituído por carteiras escolares, arquivos de aço, estantes, quadro negro, tapetes e almofadas. A biblioteca não é utilizada por um professor ou oficineiro com exclusividade, o espaço é aberto a todos.</p>		
<p data-bbox="255 673 400 729">7. Sala de Atendimento</p> 	<p><b>Descrição:</b> este ambiente possui área de 13m<sup>2</sup>. Como relatado anteriormente, a sala de atendimento está localizada dentro da biblioteca e, devido a isto, o acesso é feito por dois locais, primeiramente pelo refeitório que conduz a pessoa à biblioteca e à sala de atendimento. Possui uma janela tipo basculante voltada para o estacionamento, que não proporciona visão nítida para o exterior. Isto acontece não só pelo tipo de janela adotada, mas também pelo vidro cancelado utilizado como vedação, características que dificultam a circulação de ar e a entrada de iluminação natural no ambiente. O piso é de madeira, as paredes e o teto em alvenaria tradicional com revestimento em reboco simples. Em relação à cor, as paredes possuem a cor ocre; e o teto a cor branca. O mobiliário é composto por mesa e cadeiras de escritório, arquivo e armário. Este ambiente é utilizado por uma psicopedagoga durante o período de funcionamento do CEC, para atendimentos as crianças, aos adolescentes e suas famílias.</p>		

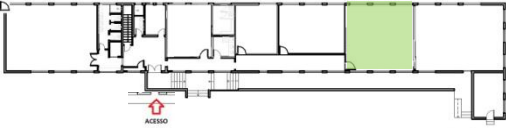





Fonte: Autora

## Planilha 3 – Descrição dos cenários: Edificação Secundária

Cenário	Descrição	Imagem
<p data-bbox="255 260 517 288">8. Apoio Pedagógico 2</p> 	<p data-bbox="674 260 1346 767"><b>Descrição:</b> este ambiente possui área de 34,8m<sup>2</sup>. O acesso se dá pelo único e extenso corredor da edificação. Possui duas janelas tipo basculante, orientadas para o pátio externo, com peitoril de aproximadamente 1,40m. Algumas folhas da janela estão vedadas com compensados de madeira. O piso é de cerâmica na cor clara, as paredes e o teto em alvenaria tradicional com revestimento em reboco simples. Em relação à cor, as paredes possuem a cor amarelo; e o teto a cor branca. O mobiliário/equipamentos é composto por carteiras e cadeiras escolares, mesas e cadeiras de escritório, arquivos, armários, quadro negro e ventilador móvel. A sala do apoio pedagógico 2 é utilizada pela mesma professora em ambos os períodos de funcionamento do CEC, porém, eventualmente esta professora a divide com a outra professora do apoio pedagógico.</p>	 <p data-bbox="1391 512 1682 568">Figura 58: Ap. pedagógico 2 Fonte: Autora</p> <p data-bbox="1715 512 2007 568">Figura 59: Ap. pedagógico 2 Fonte: Autora</p>
<p data-bbox="255 783 517 812">9. Sala Capoeira/Dança</p> 	<p data-bbox="674 783 1346 1163"><b>Descrição:</b> este ambiente possui área de 40m<sup>2</sup>. O acesso se dá pelo único e extenso corredor da edificação. Possui duas janelas tipo basculante, orientadas para o pátio externo, com peitoril de aproximadamente 1,40m. O piso é de madeira, as paredes e o teto em alvenaria tradicional com revestimento em reboco simples. Em relação à cor, as paredes possuem a cor amarelo ocre; e o teto a cor branca. O mobiliário/equipamentos é composto por sofá, ventilador de parede e espelhos. No momento da pesquisa, a sala de dança e capoeira estava sendo utilizada somente pelo professor de capoeira, pois a oficina de dança estava suspensa por falta de profissional para ministrá-la</p>	 <p data-bbox="1379 1032 1693 1088">Figura 60: Sala capoeira/dança Fonte: Autora</p> <p data-bbox="1715 1032 2029 1088">Figura 61: Sala capoeira/dança Fonte: Autora</p>

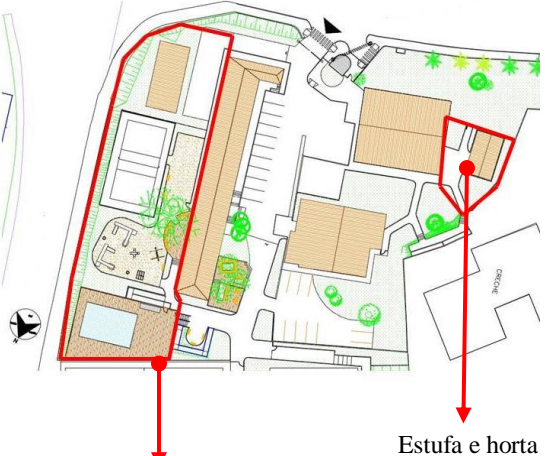




Fonte: Autora

## Planilha 3 (Continuação) – Descrição dos cenários: Edificação Secundária

Cenário	Descrição	Imagem
<p data-bbox="331 260 595 288">10. Sala Tênis de Mesa</p> 	<p data-bbox="748 260 1422 675"><b>Descrição:</b> este ambiente possui área de 55,5m<sup>2</sup>. O acesso se dá pelo único e extenso corredor da edificação. Possui duas janelas tipo basculante, orientadas para o pátio externo, com peitoril de aproximadamente 1,40m. Algumas folhas da janela estão vedadas com compensados de madeira. O piso é de cerâmica na cor clara, as paredes e o teto em alvenaria tradicional com revestimento em reboco simples. Em relação à cor, as paredes possuem a cor amarelo (em uma delas observa-se um painel decorativo); e o teto a cor branca. O mobiliário/equipamentos é composto por bancos móveis e duas mesas de tênis de mesa. A sala de tênis de mesa é utilizada pelos dois professores de educação física para a prática do esporte.</p>	 <p data-bbox="1464 517 1767 571">Figura 62: Sala tênis de mesa Fonte: Autora</p>  <p data-bbox="1796 517 2098 571">Figura 63: Sala tênis de mesa Fonte: Autora</p>
<p data-bbox="360 691 566 719">11. Brinquedoteca</p> 	<p data-bbox="748 691 1422 1134"><b>Descrição:</b> este ambiente possui área aproximada de 52,3m<sup>2</sup> com sanitário próprio. Localiza-se no embasamento da edificação secundária, e tem ligação direta com a área externa. Possui duas janelas tipo basculante, orientadas para o pátio externo, com peitoril de aproximadamente 1,40m. O piso é de cerâmica na cor clara, as paredes e o teto em alvenaria tradicional com revestimento em reboco simples. Em relação à cor, as paredes possuem a cor amarelo, observando-se algumas colagens decorativas; e o teto a cor branca. O mobiliário/equipamentos é composto por cadeiras e mesas infantis, estantes, armários, mesas e cadeiras de escritório, brinquedos e aparelho de TV. A brinquedoteca é utilizada apenas pela professora responsável.</p>	 <p data-bbox="1464 932 1767 986">Figura 64: Brinquedoteca Fonte: Autora</p>  <p data-bbox="1796 932 2098 986">Figura 65: Brinquedoteca Fonte: Autora</p>

Fonte: Autora

## Planilha 4 – Descrição dos cenários: Área Externa

Cenário	Descrição	Imagem	
<p data-bbox="181 252 683 284">Área externa de lazer/esporte e casa do coral</p>  <p data-bbox="219 778 353 810">Área externa</p> <p data-bbox="521 751 667 778">Estufa e horta</p>	<p data-bbox="763 252 1370 735"><b>Descrição:</b> a área externa de lazer/esporte contém quadra poliesportiva e piscina não cobertas (interditada para uso), pátio gramado e em areia. O local possui pouca arborização, bancos e deck em madeira. No entanto, o <i>playground</i> é inexistente: o mesmo foi retirado devido ao precário estado de conservação que oferecia riscos aos seus usuários. A Casa do Coral, implantada neste espaço, possui área aproximada de 100m<sup>2</sup> e é utilizada somente por algumas crianças e adolescentes. Este ambiente possui cadeiras de plástico para os ensaios, porém, no momento está sendo utilizada também como depósito. A estufa e horta estão localizadas próximas à Edificação Principal, e igualmente a Casa do Coral, atualmente não estão sendo utilizadas.</p>	 <p data-bbox="1413 496 1675 576">Figura 66: Área externa – Casa do Coral Fonte: Autora</p>	 <p data-bbox="1738 496 1989 552">Figura 67: Área externa Fonte: Autora</p>
		 <p data-bbox="1413 847 1688 903">Figura 68: Quadra e parque Fonte: Autora</p>	 <p data-bbox="1738 847 2011 927">Figura 69: Área externa – piscina Fonte: Autora</p>

Fonte: Autora

#### 4.2.2.2 Atividades socioeducativas e de convivência no CEC Criança fazendo Arte

As atividades socioeducativas e de convivência do CEC Criança fazendo Arte são desenvolvidas por turmas, e muitas vezes mais de uma turma pode realizar juntas a mesma atividade, sempre com a presença e orientação de um ou mais profissionais. Cabe ressaltar que todas as atividades recebem influência dos eixos temáticos: cultura, esporte e lúdico (BRASIL- a, 2010).

Como forma de facilitar o entendimento destas atividades, classificam-se estas como ações, pois uma atividade engloba várias oficinas, sendo assim organizadas:

Tabela 7 – Caracterização das atividades

Atividades		Descrição
<b>CULTURA</b>	Assistir filmes	Atividade em grupo. Assistem filmes sentados em cadeiras de madeira.
	Cuidar de si	Atividade individual. Higiene pessoal, algumas crianças e adolescentes costumam se arrumar quando chegam ou vão para a escola.
	Estudar	Atividade em grupo. Escrevem, leem, recortam, colam, desenham e pintam. No entanto, a complexidade do estudo depende da série escolar em que a criança ou adolescente se encontra. Realizam as atividades sentados em cadeiras e utilizam mesas como superfície de trabalho.
	Fazer artes	Atividade em grupo. Recortam, colam, desenham e pintam. Realizam as atividades sentados em cadeiras e utilizam mesas como superfície de trabalho. Porém, circulam pelo ambiente para procurar material e higienizar pincéis e mãos no tanque.
	Ler	Atividade em grupo. Leem, escutam contos e encenam peças. Realizam as atividades sentados no chão.

Tabela 7 (Continuação) – Caracterização das atividades

Atividades		Descrição
ESPORTE	Exercitar	Atividade em grupo. Cabe ressaltar que nesta atividade, assim como nas demais, não existe a separação da turma por sexo. Praticam diversas modalidades esportivas, e os movimentos são determinados por elas.
LÚDICO	Brincar	Atividade em grupo. Correm, pulam na área externa; no ambiente interno brincam sentados em cadeiras ou deitados no chão, e fazem uso de brinquedos pedagógicos e comuns.
	Descansar	Atividade individual. Deitam no chão sobre o tapete, onde em muitas vezes adormecem, ou sentam em almofadas para ler algum livro ou mexer em seus objetos pessoais.
	Festejar	Atividade em grupo, porém, este grupo não restringe-se somente aos usuários do CEC, podendo haver a presença de visitantes. Comem, dançam, correm, conversam.
	Jogar	Atividade em grupo. Jogos simples ou sensório-motores, com ou sem regras. No ambiente interno jogam sentados em cadeiras ou deitados no chão.

Fonte: Autora

Além das atividades expostas na tabela anterior, existem outras três atividades que necessitam ser abordadas de maneira individual. São elas:

- **Comer:** as refeições constituem-se em atividade uma vez que as crianças e adolescentes, juntamente aos funcionários, em ambos os turnos de funcionamento do CEC, sentam-se à mesa todos os dias criando uma atmosfera de socialização e convivência;
- **Cantar:** apesar da existência do canto no CEC em estudo através de um coral, ressalta-se que somente as crianças e adolescentes que despertam interesse participam. Devido a isto, a prática desta atividade não faz parte do cronograma semanal da instituição, e ocorre somente quando existe uma apresentação programada para o coral.

- **Plantar/reciclar:** esta atividade faz parte da matriz pedagógica do CEC, porém, devido a falta de material para sua prática, a atividade está suspensa;
- **Psicoterapia:** atividade em grupo ou individual, destinada ao atendimento psicossocial dos usuários do CEC, bem como a seus pais ou responsáveis quando necessário.

As figuras abaixo apresentam algumas das oficinas desenvolvidas, dentro das atividades, pelas crianças e adolescentes durante o período em que estão no CEC Criança fazendo Arte.



Figura 70: Futebol (Exercitar)  
Fonte: Autora



Figura 71: Lanche (Comer)  
Fonte: Autora



Figura 72: Jogos de mesa (Jogar)  
Fonte: Autora

#### 4.2.2.3 Cenários X Atividades socioeducativas e de convivência

Expostos os cenários do objeto em estudo e as atividades socioeducativas e de convivência, a Tabela 8 apresenta a relação entre estes, especificando em qual cenário acontecem às atividades oferecidas pelo CEC Criança fazendo Arte.



Tabela 8 – Relação Cenários x Atividades

	<b>Cenário</b>	<b>Atividade</b>
<b>EDIFICAÇÃO PRINCIPAL</b>	Apoio pedagógico 1	Estudar Jogar
	Sala meio ambiente	Assistir filmes
	Refeitório	Jogar Comer Festejar
	BWC Feminino e Masculino	Cuidar de si
	Sala de artes	Fazer artes
	Biblioteca	Descansar Ler
	Atendimento	Psicoterapia individual e em grupo
<b>EDIFICAÇÃO SECUNDÁRIA</b>	Apoio Pedagógico 2	Estudar
	Sala Capoeira/Dança	Exercitar
	Sala de Tênis de Mesa	Exercitar
	Brinquedoteca	Brincar Jogar
<b>ÁREA EXTERNA</b>	Pátio	Brincar Exercitar Festejar Plantar/reciclar
	Casa do Coral	Cantar

Fonte: Autora

Como se pode observar, muitos cenários são utilizados para diferentes atividades. Esta característica pode assumir conotações diferentes, pois, se o projeto arquitetônico for pensado para atender esta necessidade, acredita-se que os resultados da relação homem x ambiente tenderão a ser positivas. No entanto, se o mesmo não for pensado para este fim, e devido a isto necessite ser adaptado sem maiores estudos para atender a flexibilização, alguns conflitos serão inevitáveis.

As edificações que atendem as necessidades do CEC Criança fazendo Arte, conforme já mencionado na Seção 5.6, foram adaptadas para o objetivo deste serviço. Devido a isto, entende-se que estudar a espacialização das atividades nos cenários é necessário para conhecer os pontos positivos e negativos deste local. A Figura 73 e o Quadro 4 ilustram este estudo.

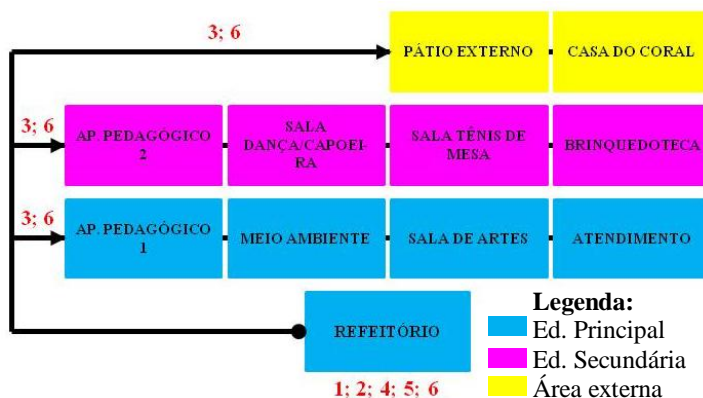


Figura 73: Espacialização das atividades

Fonte: Autora

Quadro 4 – Espacialização das atividades do CEC Criança fazendo Arte

Período matutino	Período vespertino
<p><b>1:</b> O refeitório é o ponto de partida das atividades do CEC. Ao chegarem, todos se dirigem até ele: as crianças e os adolescentes guardam seus pertences no escaninho localizado neste ambiente, e fazem sua primeira refeição do dia, o café da manhã. Após esta refeição, muitas permanecem no local a espera do início das atividades e outras vão para área externa.</p>	<p><b>1:</b> O refeitório é o ponto de partida das atividades do CEC. Ao chegarem todos se dirigem até ele: as crianças e os adolescentes guardam seus pertences no escaninho localizado neste ambiente, e fazem sua primeira refeição do dia no CEC, o almoço. Após esta refeição, muitas permanecem no local a espera do início das atividades e outras vão para área externa.</p>

Quadro 4 (Continuação) - Especialização das atividades do CEC Criança fazendo Arte

Período matutino	Período vespertino
<p><i>1º Conflito: Crianças e adolescentes fazendo suas refeições e outros brincando e conversando porque já finalizaram a sua.</i></p> <p><b>2:</b> No refeitório, após o café da manhã, é realizada a formação das turmas e o direcionamento destas para os professores e, conseqüentemente, a 1ª atividade.</p>	<p><i>1º Conflito: Crianças e adolescentes fazendo suas refeições e outros brincando e conversando porque já finalizaram a sua. Entretanto, ressalta-se que existe neste momento uma mescla entre a turma matutina com a turma do período vespertino devido à proximidade dos horários.</i></p> <p><b>2:</b> No refeitório, após o almoço, é realizada a formação das turmas e o direcionamento destas para os professores e, conseqüentemente, a 1ª atividade.</p>
<p><b>3:</b> A troca para a 2ª atividade é feita com as turmas no local da atividade anterior pelos monitores.</p> <p><i>2º Conflito: Como as edificações são separadas no lote, muitas crianças e adolescentes se dispersam de suas turmas nesta hora, resultando em atrasos para a continuidade das atividades.</i></p> <p><b>4:</b> Entre a 2ª e 3ª atividade do dia tem-se um intervalo para o lanche, uma fruta, e assim, todas as crianças e adolescentes dirigem-se ao refeitório novamente. Logo após o lanche, é feita a 3ª e última troca de turmas neste local.</p> <p><i>3º Conflito: Se por algum motivo o professor de algum ambiente localizado na Ed. Principal precisar de um tempo maior para finalizar sua atividade, o ruído proveniente do refeitório acaba dispersando estes seus alunos.</i></p>	

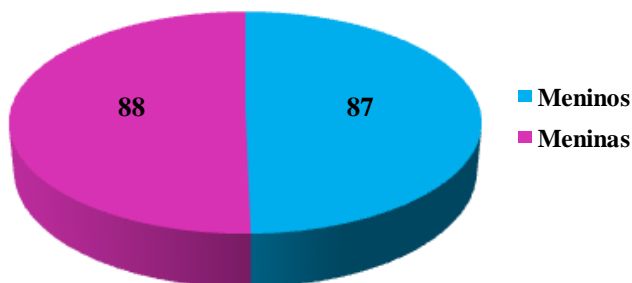
Quadro 4 (Continuação) - Espacialização das atividades do CEC Criança fazendo Arte

Período matutino	Período vespertino
<p><b>5:</b> Após o término da última atividade, todos regressam ao refeitório para o almoço. Após, muitas crianças e adolescentes permanecem no local e outras vão para a Área Externa. Isto se dá pela espera do horário de ida à escola para os que estudam próximo ao CEC e a espera pelo ônibus do CEC que os leva até a escola de seu bairro.</p>	<p><b>5:</b> Após o término da última atividade, todos regressam ao refeitório para o último lanche. Após, as crianças e adolescentes que possuem autorização para regressar a suas casas deixam o CEC, as demais permanecem no local ou vão para área externa guardar o responsável ou o ônibus do CEC que os leva até o bairro.</p>
<p><b>4º Conflito:</b> <i>Crianças e adolescentes fazendo suas refeições e outros brincando e conversando porque já finalizaram a sua.</i></p> <p><b>6:</b> Encerramento das atividades do dia.</p>	<p><b>6:</b> Encerramento das atividades do dia.</p>
<p><b>5º Conflito:</b> <i>A espacialização apresentada anteriormente só pode ser realizada em dias não chuvosos. Em dias chuvosos conduzir as turmas entre as edificações é impossível devido a ausência de proteção contra intempéries, como exemplo cobertura ligando os acessos entre as mesmas. Sendo assim, todas as turmas ficam juntas na Edificação principal, e as atividades habituais são suspensas.</i></p>	

#### 4.2.2.4 Caracterização dos usuários do CEC Criança fazendo Arte

O gráfico apresentado a seguir foi desenvolvido pela pesquisadora a partir dos dados obtidos através da Coordenação do CEC Criança fazendo Arte, sendo estes referentes ao ano de 2012. Segundo estes dados, verifica-se que a distribuição dos usuários atendidos pelo CEC em estudo, seja por sexo ou por idade, é praticamente homogênea, totalizando 175 crianças e adolescentes.

Gráfico 9 – Distribuição por sexo (número de crianças e adolescentes)



Fonte: Relação Turmas/Alunos CEC Criança fazendo Arte, 2012.

A distribuição por idade divide as crianças e os adolescentes em turmas, e assume-se como capacidade ideal o número de 15 crianças ou adolescentes por turma. Porém, quando esta capacidade é extrapolada, existe um remanejamento nas turmas para que nenhuma criança ou adolescente fique sem o atendimento. As turmas dividem-se em:

Tabela 9 – Divisão turmas por idade

Turma	Idade	Período		Total
		Mat.	Vesp.	
A1	6-7 anos	x	x	32
A2	8-9 anos	x	x	33
A3	9-10anos		x	18
B1	10-11 anos	x	x	31
B2	12-13 anos	x	x	33
C	14-15 anos	x	x	28
<b>Total: 175 crianças e adolescentes</b>				

Fonte: Relação Turmas/Alunos CEC Criança fazendo Arte, 2012

Com base nas observações e diálogos realizados pela pesquisadora, outros fatores devem ser abordados neste momento, pois conhecer o perfil dos usuários possibilita o projeto de ambientes agradáveis e adequados, contribuindo positivamente no processo de apropriação deste pelo seu usuário, o que reflete no comportamento.

Apesar dos documentos apresentarem uma situação homogênea tanto de gênero quanto de faixa etária das crianças e adolescentes no

CEC Criança fazendo Arte, o que se constatou durante o período de levantamento de dados foram as seguintes diferenças:

1. O número de usuários do sexo feminino se sobressai. Como justificativa para essa realidade, os diálogos com funcionários e algumas crianças e adolescentes demonstram a preocupação dos pais e/ou responsáveis por problemas como prostituição e violência sexual ao sexo feminino. Assim, acreditam que o ambiente do CEC possa ser um reduto de proteção.

2. Observou-se também que existe maior frequência de crianças de 6 a 12 anos, porém, dentro deste intervalo, as crianças menores de 10 anos são mais presentes. Como justificativa para este quadro, alguns funcionários verbalizaram que as atividades do CEC não são atraentes para os adolescentes e que, além disso, a estrutura do ambiente não possibilita muitas alternativas para mudanças. As crianças menores estão em um período de descoberta, e o que é apresentado para eles sempre é considerado novidade.

3. Em relação à vida destas crianças e adolescentes fora do CEC, a pesquisadora, durante diálogos com as mesmas, pode traçar um perfil que foi acordado pelos funcionários:

- Algumas crianças e adolescentes são oriundos de outras regiões do estado de Santa Catarina e até mesmo de outros estados do país, com destaque para os estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Bahia.

- Uma grande parcela não possui a figura paterna no lar, sendo a família regida pela mãe, ou pelo padrasto ou por outros membros da família.

Nesta pesquisa, consideram-se também os funcionários do CEC como usuários, pois estes necessitam de ambientes com qualidade para a execução efetiva de suas funções no processo de socialização e convivência das crianças e dos adolescentes envolvidos. Diante disto, o corpo técnico do CEC Criança fazendo Arte é composto por:

Quadro 5 – Corpo técnico do CEC Criança fazendo Arte

Quantidade	Função	Formação
01	Coordenadora	Psicopedagogia
01	Atendimento	Psicopedagogia
02	Apoio pedagógico	Pedagogia
02	Assistente social	Assistência social
02	Professores de Educação Física	Educação física

Quadro 5 (Continuação) - Corpo técnico do CEC Criança fazendo Arte

Quantidade	Função	Formação
01	Professora artes	Pedagogia
01	Professora brinquedoteca	Pedagogia
02	Oficineiros	2º completo
02	Monitoras	3º completo
<b>Total: 14 funcionários</b>		

Fonte: Autora

Entretanto, cabe aqui destacar que os dois oficinairos desempenham as atividades de capoeira e meio ambiente, sendo cada um responsável por uma atividade, e estes possuem especialização na sua área de atuação. Além disto, o CEC possui dois motoristas, uma cozinheira e três funcionários terceirizados que ajudam na cozinha e limpeza.

Ressalta-se que, como o CEC Criança fazendo Arte está inserido no Complexo Cidade da Criança, outros profissionais também contribuem no atendimento, porém não possuem contato direto com a crianças e adolescentes.

#### 4.3 INTERAÇÃO COM OS USUÁRIOS DO CEC CRIANÇA FAZENDO ARTE

Para planejar a coleta dos dados com os usuários do CEC Criança fazendo Arte, a pesquisadora buscou observar a dinâmica de trabalho na unidade, visando definir qual seria a melhor técnica a ser utilizada, bem como o melhor momento para a aplicação das mesmas, de maneira a não interferir nas atividades cotidianas do local. O método de observação utilizado nesta pesquisa foi o participante. Para Minayo et al. (2012), a observação participante é parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa, pois, na medida em que convive com o grupo, o pesquisador consegue compreender aspectos que vão aflorando aos poucos.

A partir desta reflexão, optou-se pelas seguintes técnicas de coleta de dados junto aos usuários do CEC em estudo: entrevista semiestruturada e Jogo de Imagens e Palavras.

Ressalta-se que durante a coleta de dados, a pesquisadora, com auxílio da coordenadora, foi apresentada aos demais funcionários, às

crianças e aos adolescentes, explicando de forma clara sua formação e o propósito de sua presença no CEC em estudo. Esta decisão foi importante, pois, sabe-se que a observação direta interfere no comportamento das pessoas observadas, e com esta estratégia de apresentação a receptividade por parte dos usuários foi muito positiva, o que favoreceu a inserção da pesquisadora nas atividades do CEC em estudo, como desenhar, pintar e em festejos. Além disto, ao se habituarem à presença da pesquisadora, a obtenção dos dados transcorreu de forma mais natural dentro do contexto inserido.

As seções a seguir abordam os resultados pertencentes a interação pesquisadora x usuários. Estes resultados foram interpretados com base no processo de síntese, que se deu através da leitura reflexiva, crítica e sensível do conteúdo de dados. Neste processo, optou-se por não abranger todas as falas e expressões dos interlocutores, pois, seguindo o pensamento de Gomes (2012), a dimensão sociocultural das opiniões e representações de um grupo que tem as mesmas características costumam ter muitos pontos em comum. Entretanto, foram consideradas as diversidades de opiniões quando ocorridas.

### A. Entrevista semiestruturada

Para Minayo et al. (2012), a entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador com o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa. Foram entrevistados todos os funcionários (Tabela 10) que possuem relação direta com as crianças e os adolescentes durante suas atividades. Entende-se que os funcionários também se constituem como usuários que carecem de ambientes dotados de qualidades para desempenharem suas funções.

Tabela 10 – Síntese da amostra

Entrevistado	Quantidade		Forma de resposta
	Masc.	Fem.	
Coordenador		1	Individual
Pedagogo		1	Individual
Funcionários para auxílio		2	Individual



Tabela 10 (Continuação) - Síntese da amostra

Entrevistado	Quantidade		Forma de resposta
	Masc.	Fem.	
Professores	2	4	Individual
Oficineiros	2		Individual
<b>Total: 12 funcionários</b>			

Fonte: Autora

A entrevista adotada neste estudo é semiestruturada – que combina perguntas fechadas e abertas em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada. No que se referem ao estudo proposto, as perguntas de apoio basearam-se em questões referentes ao abordado no referencial teórico deste estudo, que são: comportamento, privacidade e ambiência, no qual se aborda algumas perguntas referentes à sensação de conforto do indivíduo no ambiente construído do CEC em estudo.

Antes de iniciar o procedimento, cada participante recebeu uma cópia do Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE (Apêndices A e B) em que são descritos: o título da pesquisa, descrição, justificativa, objetivos, métodos, benefícios esperados com a pesquisa e garantias de confiabilidade dos dados dos participantes.

Essa técnica foi aplicada, a partir de um formulário (Apêndice C) que traz em seu cabeçalho informações sobre o entrevistado, data e tempo de entrevista, além de um espaço em branco para anotações da pesquisadora. Todas as entrevistas foram gravadas sob o consentimento dos entrevistados e não ultrapassaram duração de 20 minutos cada.

A partir deste momento, apresentam-se os resultados da técnica entrevista semiestruturada com os funcionários do CEC.

#### **4.3.1 Interpretação dos resultados das entrevistas semiestruturadas com os funcionários do CEC Criança fazendo Arte**

Ao interpretar as respostas dos funcionários sobre o comportamento das crianças e dos adolescentes durante as atividades de socialização e convivência realizadas no ambiente do CEC Criança fazendo Arte, foi identificado que o comportamento que estes apresentam é resultante dos valores que recebem em seus núcleos

familiares, e pode-se dizer que na grande maioria destes núcleos ocorre deficiência de desenvolvimento social, psicológico e afetivo. Diante deste cenário, o comportamento oscila entre agressividade, déficit de atenção e agitação durante a realização das atividades.

É observada uma divisão de opiniões sobre as contribuições, ou falta destas, em algum ambiente específico do CEC em estudo durante o desenvolvimento das atividades de socialização e convivência.

Um grupo de funcionários relata que situações diversas podem, em qualquer instante, resultar em comportamentos inapropriados para a vida no CEC durante estas atividades.

“(…) a atividade desperta diferentes comportamentos, no jogo temos a competitividade que é grande aqui. Mas no espaço da quadra, por exemplo, podem acontecer várias coisas independente do momento. Eles já trazem isto do cotidiano deles.”

“(…) acho que a atividade em si faz com que eles tenham um envolvimento maior, independente do local. Muitas vezes o local ajuda, facilita muito, mas se ele não estiver nem aí para a atividade, ele nem olha para o espaço.”

Entretanto, este mesmo grupo ressalta que as atividades que em nada se assemelham as atividades escolares, que ocorrem ao ar livre e/ou em ambientes espaçosos, contribuem para que se tenha um comportamento harmonioso, facilitando o processo de socialização e de convivência entre os usuários envolvidos.

“(…) eles gostam bastante de estar lá fora! Eu acho que é pelo ar livre, de estarem em movimento com bastante liberdade.”

“(…) Eu acho que lá embaixo eles ficam mais tranquilos. É porque eles estão na rua, correm, ficam livres, né?!”

O outro grupo de funcionários afirma que a Brinquedoteca e a Área Externa são os ambientes em que se pode observar um comportamento mais harmonioso durante as atividades ali realizadas, e, igualmente ao primeiro grupo de funcionários mencionado, acreditam que o sucesso destas atividades se dá pelo ambiente espaçoso, ao ar livre e pelas atividades não assemelharem-se as mesmas executadas no ambiente escolar.

“(…) eles adoram a brinquedoteca, os brinquedos. Apesar de lá só poderem ir os menores até 11 anos. Mas eles adoram brincar, vestir as bonecas, jogar.”

“(…) apesar de achar que a brinquedoteca da época que eu entrei aqui para agora deu uma boa defasagem nos materiais, ainda é o melhor ambiente, e tem bastante atrativos para eles, né?! Eles brincam uns com os outros, não têm aquele compromisso, ficam mais livres. São vigiados, porém ficam a vontade.”

Porém, enfatizam que o Refeitório é o ambiente mais conflituoso do CEC em estudo. Neste ambiente, comportamentos agressivos e agitados são facilmente observados, e para justificar esta opinião, destacam o grande número de funções exercidas no ambiente e sua deficiência para atendê-las.

“(…) o refeitório não é adequado. “Tudo é ruim, e são realizadas várias atividades no mesmo ambiente.”

“(…) eu acho que o refeitório é complicado. É um entra e sai, o banheiro fica exposto, bebedouro jorrando água, não tem um local adequado para guardar as mochilas e fica tudo no chão. Não é um ambiente aconchegante, e passou a ser um ambiente de conflito.

Em relação à sensação de **conforto** durante as atividades ministradas pelos funcionários nos ambientes do CEC Criança fazendo Arte, constatou-se que, apesar de cada pessoa possuir interpretação particular, os profissionais compartilham de opiniões similares, e se tem o ruído como fator principal de desconforto e conflito durante as atividades.

Os funcionários que executam suas atividades na Edificação Principal abordam o ruído proveniente de duas fontes diferentes: ruído interno - as inúmeras atividades realizadas no refeitório enquanto outras atividades acontecem nos demais ambientes desta mesma edificação; ruído externo - advindo do estacionamento do Complexo Cidade da Criança, que fica entre as edificações do CEC.

“(…) Fica perto do estacionamento e os motoristas deixam o ônibus ligado, os motoristas chamam palavrão um para o outro, daí com as janelas quebradas não tem como evitar o barulho.”

“(…) As várias atividades no refeitório é complicado! Quer ver quando chove e todo mundo tem que ficar ali. Dá para enlouquecer, e as atividades não acontecem normalmente”.

“(…) Quando eu tô utilizando aqui (Apoio pedagógico 1) e tem uma atividade no refeitório é difícil, porque as crianças se dispensam com o barulho, querem saber o que tá acontecendo ali. Eu fico cansada...”.

Já os funcionários que utilizam a Edificação Secundária expressam sua preocupação devido à dispersão das crianças e adolescentes com o ruído externo proveniente da quadra e pátio, mas também enfatizam que a proximidade com a rua, pelo mesmo motivo, contribui para este problema.

“(…) O barulho interfere no meu trabalho, porque ele atrapalha até quando eu tô falando, porque assim: como aqui é perto dessa rua e também perto do hospital quando passa uma ambulância corre tudo para a janela olhar. A proximidade com um espaço aberto é bom, mas que fosse utilizado só pela gente porque se não mistura tudo e não dá, e perto da rua nem pensar, né?!”

“(…) As nossas salas ficam perto do pátio e da quadra, daí não tem como evitar o barulho, as atividades que se executa lá produzem barulho mesmo, daí as crianças que estão comigo ficam prestando atenção lá fora, e se ouvem alguma coisa se dispersam. O barulho da rua é de vez em quando, mas atrapalha um pouquinho sim.”

Assim como os demais, os funcionários que utilizam a Área Externa como ambientes para ministrar suas aulas também enfatizaram o ruído como maior desconforto. O ruído externo proveniente pela proximidade da área externa com a rua faz com que os professores precisem competir sonoramente com o ruído externo para serem ouvidos pelas crianças e adolescentes, sem esquecer que o contato visual aliado ao ruído são fatores que afetam a concentração destas pessoas durante as atividades.

“(…) O barulho é complicado, né?! Tu já viste um carro de polícia e ambulância passar por ali? Tira completamente a atenção e é complicado porque a quadra também é um espaço de aprendizagem.”

Estes mesmo funcionários relatam que o ruído externo proveniente das atividades realizadas pelas crianças e adolescentes na área externa do CEC em estudo, apesar de inevitável, por muitas vezes incomoda os funcionários que não fazem parte do CEC, mas do Complexo Cidade da Criança nas suas atividades.

“(…) Tem muito espaço aqui, mas a gente não pode ocupar em virtude do barulho porque como existem outros programas funcionando aqui agente pode atrapalhar com eles muito exaltados e muito felizes, que é o que eu já escutei aqui”.

Contudo, apesar de ter se constatado o ruído como fator de maior desconforto no CEC Criança fazendo Arte pelos funcionários, não se pode deixar de mencionar alguns pontos que também foram levantados com menor frequência, mas não menos importantes. A falta de manutenção tanto na estrutura das edificações quanto nos equipamentos dificulta a realização das atividades nos ambientes e, conseqüentemente, afeta o processo de socialização e convivência dos usuários.

“(…) As lâmpadas estão sempre queimadas, os decks lá de fora, os ventiladores nem se fala, tá tudo quebrado! Eu tive que trazer um de casa, porque aqui no verão é muito quente. Sem contar os vidros que estão quebrados.”

Outro ponto levantando foi à falta de espaços cobertos para a prática de atividades de esporte e lazer, pois esta qualificação no ambiente permitiria que os mesmo fossem utilizados em dias de chuva ou nos horários de maior incidência de raios solares.

“(…) Em dias de sol forte muitas vezes a gente tem que achar um lugar para ficar, porque apesar de ter árvores aqui na Cidade da Criança nem sempre é um local ideal para fazer a atividade. Uma quadra com uma cobertura seria ideal, porque se dá uma chuvinha não dá para usar a quadra lá fora”.

“(…) Terça-feira eu sai passando mal da aula, tá certo que o professor fica mais tempo exposto ao sol, mas mesmo assim, porque se o professor não está bem o aluno também não vai ficar bem, né?!”

Na análise das respostas dos funcionários sobre o ambiente do CEC Criança fazendo Arte como um todo, os funcionários consideraram

que o ambiente possui melhor estrutura se comparado as demais Unidades do CEC em Florianópolis. Entretanto, não o avaliam como ideal.

“(…) Olha, eu acho que o CEC é muito bem provido de espaço, mas poderia ser melhor! Eu acho que falta um local para acalmar, porque o acalmar também é importante. O estímulo é importante, mas o acalmar faz com que eles consigam diferenciar o momento de estar calmo para prestar atenção, para se concentrar. E até mesmo para receber os estímulos de maneira correta.”

“(…) Em relação aos outros CECs que eu trabalhei, esse é muito melhor! Em termos de espaço físico é bom, mas tem que melhorar a infraestrutura. Acho que um espaço para atender os adolescentes, porque não tem muito.”

As adaptações realizadas nas edificações para permitirem a realização das atividades do CEC Criança fazendo Arte despertam descontentamento nos funcionários, por exemplo, a má qualidade dos materiais empregados tanto nas edificações quanto no mobiliário que, na opinião dos entrevistados, remetem sensação de esquecimento para com as crianças e adolescentes.

“(…) tem algumas coisas que me chateiam. Eu sei que tudo o que tem aqui é deficiente, e pior, tudo foi ganho, de 2ª mão. Nada é feito pensando neles (crianças e adolescentes) em minha opinião”.

“(…) esse mobiliário é terrível, a medida que vai chegando de doação a gente vai colocando em algum lugar. Mas assim, na minha sala já tem tantos empilhados que as vezes quando alguém vai se levantar tropeça. Sem contar que não é nada do tamanho deles, para os adolescentes ainda vai, mas para as crianças não dá certo”.

O conceito de **Privacidade** foi muito comentado. Os entrevistados relataram a ausência de espaços que promovam este atributo para todos os usuários do CEC em estudo. Como exemplo deste problema citam o Refeitório, os Sanitários e a Área Externa especificamente para as crianças e para os adolescentes.

“(…) Deveria ter um local para a gente levar as crianças para conversar, porque aqui no refeitório é muito ruim. Ou até poderia ser aqui (refeitório),

mas que então o refeitório tivesse outro lugar só para ele.”

“(…) Quando eles precisam ir para o atendimento psicossocial, eles têm que esperar aqui no refeitório, daí já viu, todo mundo fica vendo, perguntando o que foi. As vezes eles estão chorando, daí um debocha, pronto, briga na certa”.

“(…) Esses banheiros aqui de frente para o refeitório é horrível, porque além de não ter uma divisão e vir cheiros desagradáveis, você olha quem entra e sai do banheiro logo quando chega na porta de entrada. Sei lá, acho muito ruim isso”.

“(…) A piscina é complicado! Ela (piscina) foi interditada por causa de falta de manutenção, daí eles aqui não podem usar, mas no verão desce o pessoal do morro e eles pulam a grade e entram na piscina, e o guarda não pode fazer muita coisa porque tem medo, né?! E também a piscina fica exposta, mas isso nem é tão problema para os meninos, é mais para as meninas de maiô, todo mundo que passa na rua fica olhando, eu sei que elas ficam com vergonha”.

Já para os próprios funcionários concordam com a inadequação da Sala dos Professores e, pela primeira vez, citam os pais e responsáveis que também são afetados com a ausência de privacidade no ambiente do CEC.

“(..) Ah...uma sala de professores adequada seria tão bom! Aquela ali foi improviso, ela nem existia quando eu vim para cá. É muita pequena, sem privacidade”.

“(…) Quando a gente quer debater alguma coisa tem que improvisar numa sala das oficinas. E não tem privacidade porque as crianças entram toda a hora, mas eu não as culpo, tá dentro do refeitório elas acham que pode entrar e sair à vontade”.

“(…) Tem alguns que guardam suas coisas aqui (sala de professores), mas eu não, sei lá, não tem controle, eu guardo na sala da coordenadora”.

“(…) Não tem uma recepção, né?! Os pais têm que esperar no refeitório, daí se tem uma atividade lá e é um pai de alguma criança que está nessa atividade, pronto, esse já não presta mais a atenção no que tá fazendo”.

Por fim, se observou nos diálogos que a questão referente à utilização do mesmo lote para implantação de uma unidade do CEC junto a outros serviços, no caso particular do CEC Criança fazendo Arte, serviços que também atendem a população infantojuvenil, interfere no andamento das atividades de socialização e convivência. Como mencionado anteriormente, um fator de conflito para a mescla de uso é o ruído proveniente de algumas atividades. No entanto, alguns funcionários tendem a fracionar este lote, e em alguns espaços as crianças e os adolescentes não podem permanecer. Porém, constatou-se que estes locais são agradáveis a estas pessoas devido à presença de vegetação, boa manutenção e mobiliário atrativo.

“(…) A localização aqui no bairro da Agrônômica é legal! Só que deveria ser um espaço somente para o CEC, porque existem outros serviços aqui e eles reclamam das crianças, que elas correm e que gritam”.

“(…) É que assim... tem o pátio, né?! É um espaço que é deles, mas qualquer coisa que eles façam, já tem uma coordenação que se queixa das crianças. Eles não podem transitar livres por aí”.

“(…) Tem um lugar que eles adoram aqui, fica ali na pracinha. Mas eles não podem ficar usar porque é perto dos outros serviços, as pessoas reclamam do barulho. Mas eles adoram aquele lugar, tem uma árvore grande e se metem dentro do tronco”.

## **B. Jogo de Imagens e Palavras**

Como alternativa para ampliar limites que a linguagem pode oferecer, optou-se pelo Jogo de Imagens e Palavras, desenvolvido pelo arquiteto argelino Saddek Rehal (2002), como técnica para coleta de dados a ser aplicada junto às crianças e adolescentes.

A técnica incide na reflexão das ideias dos participantes sobre suas experiências de vida e o que é possível mudar e/ou melhorar nos ambientes por eles vivenciados. O instrumento utiliza imagens para auxiliar os participantes na expressão de sentimentos e na discussão do assunto abordado (REHAL, 2002). O jogo utiliza os seguintes instrumentos: entrevistas e observações (registros escritos de fatos ou fenômenos significativos), com o auxílio visual das imagens.



No que se refere ao estudo proposto, esta técnica permite que crianças e adolescentes expressem mais claramente suas considerações sobre quais as necessidades e desejos referentes ao ambiente construído em que realizam suas atividades, nesse caso particular a unidade do CEC Criança fazendo Arte, para que se torne um ambiente com atributos que promova o desenvolvimento psicofísico da população infantojuvenil em situação de vulnerabilidade social. Ressalta-se que, para evitar desvios e avaliar a técnica na coleta dos dados, foram feitos cinco testes pilotos de forma individual, e estes foram apresentados na qualificação. Após sugestão da banca de qualificação, optou-se em realizar o jogo não só de forma individual, mas também em grupo, totalizando 42 indivíduos, entre crianças e adolescentes. A Tabela 11 contém os detalhes deste processo.

Tabela 11 – Síntese amostra

Turma	Quantidade		Forma de resposta
	Masc.	Fem.	
A1 (6-7 anos)	2	2	Individual
A2 (8-9 anos)	2	2	Individual
B1(10-11 anos)	2	2	Individual
B2 (12-13 anos)	2	2	Individual
C (14-15 anos)	2	2	Individual
A1 + A2 + B1 (6-11 anos)	3	3	Grupo
B1 + B2 (10-13 anos)	3	3	Grupo
B2 + C (12-15 anos)	5	5	Grupo
<b>Total: 42 crianças e adolescentes</b>			

Fonte: Autora

O procedimento para aplicação da técnica incidiu em apresentar para as crianças e adolescentes imagens de diferentes ambientes relacionando-as com as doze atividades realizadas por elas no CEC. Para cada atividade, apresentaram-se seis diferentes imagens,

totalizando 72 imagens exibidas no instrumento (Anexo A). A escolha destas imagens foi realizada através de um processo. Inicialmente, foram catalogadas 128 imagens, porém este número tornava-se muito cansativo e, para chegar ao número final de 72 imagens foram estabelecidos alguns critérios, e as imagens que mais se destacassem diante destes foram as selecionadas. Os critérios foram os seguintes: ambientes com a presença de cores tanto na sua estrutura física quanto na presença de equipamentos e mobiliário, a situação monocromática também foi adotada; ambientes amplos sem muitas barreiras físicas; ambientes com mobiliário adequado ao uso e função; ambientes fechados sem relação com o meio externo, bem como a situação contrária com inter-relação interior e exterior; ambientes com pouca iluminação e também outros bem iluminados; ambientes naturais como parques, hortas e praças; ambientes lúdicos; ambientes de lazer e esportes.

Ressalta-se que alguns ambientes visualizados nas imagens a primeira vista parecem inapropriados para a prática de atividades, porém, esta estratégia foi proposital em algumas escolhas com o intuito de estimular o diálogo entre pesquisadora e participantes, pois se entende que o sentimento de surpresa desperta diferentes opiniões e estas são muito importantes para esta pesquisa.

Após cada escolha, as imagens eram coladas em uma cartolina e o conjunto destas formava um painel (Figura 74). Durante a aplicação do instrumento, a pesquisadora mantinha diálogos com os participantes e introduzia questões sobre: *Em qual ambiente você gostaria de realizar esta atividade? Por quê?*.



Figura 74: Técnica Jogo de Imagens e Palavras

Fonte: Autora




Optou-se por não gravar e filmar a realização dos jogos com os participantes, pois observações anteriores relataram a curiosidade dos participantes por qualquer aparelho eletrônico. Entretanto, como auxílio para esta técnica, foi utilizada uma planilha que continha algumas informações do(s) participante(s), as referidas escolhas, bem como os critérios a estes atribuídos (Apêndice D). Cada jogo não ultrapassou o limite de 17 minutos, e os participantes mostraram-se receptivos a técnica utilizada, pois o jogo despertou a atenção de todos os indivíduos participantes, não importando a idade. Além disto, o painel confeccionado por eles era a materialização dos seus desejos.

A seção a seguir, expõe a interpretação dos resultados com a técnica Jogo de Imagens e Palavras.

### 4.3.2 Interpretação dos resultados do Jogo de Imagens e Palavras com as crianças e os adolescentes do CEC Criança fazendo Arte








A planilha a seguir traz as figuras escolhidas pelas crianças e pelos adolescentes na dinâmica do Jogo de imagens e Palavras, e os atributos que os mesmos utilizaram nos diálogos para justificarem suas escolhas.

Planilha 5 – Resultado do Jogo de Imagens e Palavras








Atividades	Imagens escolhidas	Atributos
Assistir filmes	 <p>Figura 75: Ilustração 75 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	<p>“Confortável e agradável”.</p> <p>“Confortável, silencioso e TV maior. As almofadas são melhores para deitar, sentado dá muita dor nas costas”.</p>
Brincar	 <p>Figura 76: Ilustração 76 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>  <p>Figura 77: Ilustração 77 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	<p>“Aventura e espaçoso”. (Figura 76)</p> <p>“São diferentes e divertidos”. (Figuras 76 e 77)</p> <p>“Me sinto livre para fazer várias atividades”. (Figura 77)</p>

Fonte: Autora







## Planilha 5 (Continuação) – Resultado do Jogo de Imagens e Palavras

Atividades	Imagens escolhidas			Atributos
Cantar	 <p>Figura 78: Ilustração 78 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	 <p>Figura 79: Ilustração 79 Fonte: Acervo Autora</p>	 <p>Figura 80: Ilustração 80 Fonte: Acervo Autora</p>	<p>“São espaçosos para mais pessoas”.</p> <p>“Parece que o som da voz fica melhor, nos outros é ao ar livre, mais refrescante e inspirador”. (Figura 79)</p> <p>“Parece que não tem barulho, né”? (Figura 80)</p>
Comer	 <p>Figura 81: Ilustração 81 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	 <p>Figura 82: Ilustração 82 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	<p>“É espaçoso, mais organizado, a gente não precisa se espremer. E é colorido e organizado. Ah... também é claro”. (Figura 81)</p> <p>“Esse é na rua, dá para fazer piquenique. A gente pode entrar quando quiser. E dá para todo mundo, porque tem muito espaço”. (Figura 82)</p> <p>“Esses locais são legais porque não tem nenhum banheiro na frente”.</p>	
Cuidar de si	 <p>Figura 83: Ilustração 83 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	 <p>Figura 84: Ilustração 84 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	<p>“Espaçoso, limpo e tem espelhos! Dá para menino e menina”. (Figura 83)</p> <p>“Espaçoso, bonito! É luxuoso, né?!” (Figura 84)</p>	




## Planilha 5 (Continuação) – Resultado do Jogo de Imagens e Palavras

Atividades	Imagens escolhidas		Atributos
Descansar	 <p data-bbox="479 549 725 630">Figura 85: Ilustração 85 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	 <p data-bbox="846 549 1115 630">Figura 86: Ilustração 86 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	 <p data-bbox="1211 549 1458 630">Figura 87: Ilustração 87 Fonte: Acervo Autora</p> <p data-bbox="1534 252 2038 316">“Que legal! Além de descansar a gente pode brincar também!” (Figura 85)</p> <p data-bbox="1534 347 1971 411">“É ao ar livre, tem grama e sol. Parece confortável”. (Figura 86)</p> <p data-bbox="1534 443 2101 539">“Essa vista é muito bonita! E a gente pode ouvir o barulho da água, dos pássaros... de toda a natureza”. (Figura 87)</p>
Estudar	 <p data-bbox="479 933 725 1015">Figura 88: Ilustração 88 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	 <p data-bbox="846 933 1115 1015">Figura 89: Ilustração 89 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	<p data-bbox="1534 635 2056 730">“Colorido, e pode ser usado de várias formas. Parece confortável porque tem lugar para todo mundo, bem espaçoso”. (Figura 88)</p> <p data-bbox="1534 762 2085 858">“É organizado, tem bastante lugar e é grande. Dá para olhar para fora, quem sabe estudar na rua, seria bem legal”. (Figura 89)</p>
Exercitar	 <p data-bbox="479 1329 725 1410">Figura 90: Ilustração 90 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	 <p data-bbox="846 1329 1115 1410">Figura 91: Ilustração 91 Fonte: Acervo Autora</p>	<p data-bbox="1534 1031 2114 1094">“É fácil de fazer! Muito radical, e dá para menino e menina”. (Figura 90)</p> <p data-bbox="1534 1126 2085 1190">“Essa grama tá novinha! Dá até vontade de jogar nisso, mas só entra menino”. (Figura 91)</p> <p data-bbox="1534 1222 2092 1286">“Tudo novo e cuidado! Aqui tá tudo estragado. A quadra tem buraco e a rede tá rasgada”.</p>

## Planilha 5 (Continuação) – Resultado do Jogo de Imagens e Palavras

Atividades	Imagens escolhidas		Atributos
Fazer artes	 <p>Figura 92: Ilustração 92 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	 <p>Figura 93: Ilustração 93 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	<p>“Várias opções, é livre! É bem criativo esse lugar”. (Figura 92)</p> <p>“Que bonito! É bem espaçoso, com muitas cores. Tem um cheirinho de grama gostoso”. (Figura 93)</p>
Festejar	 <p>Figura 94: Ilustração 94 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	 <p>Figura 95: Ilustração 95 Fonte: portalcampeche</p>	<p>“Festa aí é muita adrenalina. O ar puro e o barulho do mar. Depois da festa dá para mergulhar, festa na praia deve ser muito legal”. (Figura 120)</p> <p>“Esses locais são bem legais! Lá fora onde tem as festas é legal também, mas eles podiam apagar aquelas pinturas da parede de fora da Casa do Coral, acho que são de marginais”.</p>
Ler	 <p>Figura 96: Ilustração 96 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	 <p>Figura 97: Ilustração 97 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	<p>“Lugar diferente e confortável. Parece bem silencioso”. (Figura 96)</p> <p>“É confortável e tem lugar para todo mundo. Os pneus ajudam a natureza”. (Figura 97)</p>

## Planilha 5 (Continuação) – Resultado do Jogo de Imagens e Palavras

Atividades	Imagens escolhidas			Atributos
Plantar/reciclar	 <p data-bbox="465 563 741 647">Figura 98: Ilustração 98 Fonte: ecoplantar.worrdpress.com</p>	 <p data-bbox="835 563 1133 647">Figura 99: Ilustração 99 Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	 <p data-bbox="1205 563 1496 616">Figura 100: Ilustração 100 Fonte: iradio.liveradio.com.br</p>	<p data-bbox="1536 264 2067 357">“Esse lugar é muito diferente, ia ficar bonito. E ajuda a natureza também, isso é importante”. (Figura 98)</p> <p data-bbox="1536 395 2096 456">“Espaçoso e tem mais opções para plantar. O solo parece bem fértil e o ar puro”. (Figura 99)</p> <p data-bbox="1536 491 2085 584">“Tem cor, é gostoso estar ali. Dá para colher as flores e enfeitar o CEC, dá para dar para as mães também”. (Figura 100)</p>

Fonte: Autora



## 4.4 ANÁLISE FINAL

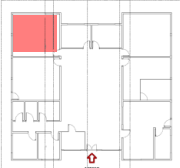

A análise final teve a integração de todos os dados e resultados apresentados até o momento. Desta forma, nesta seção serão explicitadas as considerações da pesquisadora, estas resultantes das técnicas de coleta de dados utilizadas em campo, sobre os critérios analisados, Privacidade e Ambiência, ligados a elementos arquitetônicos presentes nos ambientes destinados ao desenvolvimento das atividades de convivência e socialização CEC em estudo.

Por fim, apresenta-se uma crítica arquitetônico sobre a condição atual do espaço do CEC em Florianópolis.

Ressalta-se que nesta fase é o momento de findar as interações entre pesquisador e pesquisado para desenvolver o procedimento final de análise dos dados e a elaboração do relatório da pesquisa (PATRÍCIO, 1995). A saída do campo coincidiu com o encerramento das atividades do ano de 2012 do CEC Criança fazendo Arte, na festa de Natal. Porém, além dos funcionários, as crianças e os adolescentes do CEC em estudo manifestaram o interesse em conhecer os resultados da pesquisa. Assim, a saída do campo identificou-se com os agradecimentos à todas as pessoas envolvidas neste estudo, bem como em um convite para assistirem a defesa da presente pesquisa.

### 4.4.1 Privacidade

Em relação à privacidade, os cenários que apresentam conflitos para o desenvolvimento das atividades são:

Apoio Pedagógico 1 Atividades: Estudar e jogar	Apoio Pedagógico 2 Atividade: Estudar
 <p data-bbox="225 1286 553 1342">Figura 101: Apoio Pedagógico 1 Fonte: PMF</p>	 <p data-bbox="636 1289 967 1345">Figura 102: Apoio Pedagógico 2 Fonte: PMF</p>

Embora esta atividade seja realizada em grupo, assim como as demais atividades do CEC, cada indivíduo exerce individualmente sua capacidade de concentração, pois as tarefas são referentes à série escolar

em que o mesmo se encontra, e desta forma possuem complexidade diferenciada. Devido a isto, evidenciou-se a necessidade de privacidade para estas atividades.

- **Arranjo do mobiliário:** Nas salas do Apoio Pedagógico, o conflito de privacidade aparece através do arranjo do mobiliário. As figuras a seguir ilustram o conflito observado. A distância entre os usuários é muito próxima, e está na classificação de distância íntima ( $<0,15$  a  $0,40m$ ) estabelecida por Hall (1986). Os usuários não possuem liberdade de movimento em seu local de atividade, e acabam por invadir o espaço do colega, interferindo no estado de concentração deste.



Figura 103: Distância íntima na sala do Apoio Pedagógico 1  
Fonte: Autora



Figura 104: Distância íntima na sala do Apoio Pedagógico 2  
Fonte: Autora

- **Aberturas:** Em especial no ambiente do Apoio Pedagógico 1 (Figura 105), constatou-se a ausência de controle de acesso. O professor não controla quem entra e sai do ambiente e ao mesmo tempo ministra a atividade. Um fator que reforça este conflito é a sua localização próxima a ambientes que abrigam atividades que não exigem privacidade.



Figura 105: Criança realizando a atividade Jogar na sala do Apoio Pedagógico  
Fonte: Autora

- **Disposição dos espaços:** Com a atividade “jogar” (Figuras 106 e 107), a sala do Apoio Pedagógico 1 assume o caráter de ambiente gerador de conflitos. Especialmente na oficina de jogar vídeo game, o ambiente torna-se muito atrativo às crianças e adolescentes do CEC, e, mesmo existindo o cuidado do professor da oficina para que só estejam ali os usuários que estão em atividade, a proximidade do Apoio Pedagógico 1 com os demais ambientes que o circundam faz com que os outros usuários envolvidos em diferentes atividades literalmente fujam de onde estão para ali aglomerar-se. Por fim, isto resulta em conflitos como o comportamento agressivo de algumas crianças e adolescentes quando há a tentativa de realocá-los ao ambiente de origem, bem como a perturbação da rotina de atividades do dia.



Figura 106: Atividade  
Jogar no ambiente Apoio  
Pedagógico  
Fonte: Autora



Figura 107: Atividade  
Jogar no ambiente Apoio  
Pedagógico  
Fonte: Autora

---

Sala Meio Ambiente  
Atividade: Assistir filmes

---



Figura 108: Meio Ambiente  
Fonte: PMF

---

- **Controle de acesso:** Neste ambiente, igualmente ao Apoio Pedagógico 1, observou-se a inexistência de controle de acesso, conflito que é agravado pela posição da porta de acesso a este cenário, conforme ilustrado pela Figura 109, ao lado da televisão. Ou seja, toda a atenção

inconscientemente está voltada para ela. Estes conflitos mencionados geram inúmeras interrupções na atividade, o que tende a dispersar as crianças e adolescentes.

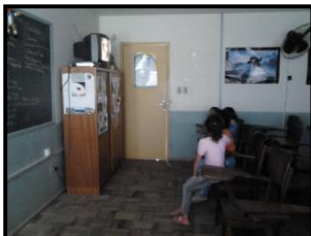


Figura 109: Porta de acesso junto à televisão  
Fonte: Autora

---

### Refeitório

Atividades: Brincar, comer e festejar

---

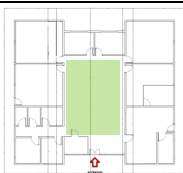


Figura 110: Refeitório  
Fonte: PMF

---

- **Incompatibilidade de uso e função:** O Refeitório é o ambiente com maior número de conflitos observados e também é gerador de conflitos. Como não existe recepção, visitantes e pais/responsáveis acessam o CEC diretamente pelo refeitório e ali permanecem até serem atendidos (Figura 111). Como se sabe, este é um espaço interno destinado aos usuários, e o seu uso também como recepção resulta em constrangimentos especialmente para os visitantes, pais/responsáveis e funcionários. Para as crianças/adolescentes, este fato desperta curiosidade, mas isto não pode ser visto como fator positivo, porque a curiosidade interfere no desenvolvimento da atividade que está sendo realizada no Refeitório.

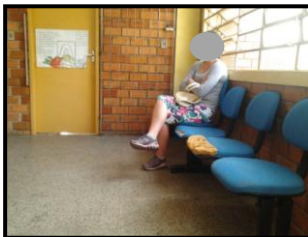


Figura 111: Mãe aguardando a coordenadora no Refeitório

Fonte: Autora

Como o Refeitório é o maior ambiente interno do CEC, quando existe algum problema que precise ser resolvido com um número maior de crianças e adolescentes, tais como brigas e discussões, os funcionários necessitam fazer uso deste ambiente para este feito (Figura 112). Estas situações podem ocorrer em qualquer horário do dia.



Figura 112: Professora conversando com crianças/adolescentes

Fonte: Autora

Durante as refeições, período que o Refeitório abriga todos os usuários do CEC, esta característica tende a resultar em mais conflitos por parte das crianças e adolescentes, pois o que está sendo abordado torna-se assunto de todos.

---

**Sanitários feminino e masculino****Atividade: Cuidar de si**

---



Figura 113: Sanitários

Fonte: PMF

---

- **Barreira visual:** O principal conflito em relação à privacidade é a ausência de barreira visual entre o acesso aos sanitários e os demais ambientes do CEC. A pior situação é exemplificada através da ligação que estes ambientes possuem com o Refeitório, e também com a porta de acesso principal da edificação que está orientada diretamente para os mesmos (Figuras 114 e 115 respectivamente).



Figura 114: Inexistência de barreiras entre os sanitários e o refeitório principal do CEC

Fonte: Autora



Figura 115: Visão dos sanitários através da porta principal do CEC

Fonte: Autora

Outro ponto observado foi ausência de barreira física para proteger o usuário do campo visual dos demais enquanto estiver se aprontando para o banho, ou tiver saído dele, pois, como os sanitários são coletivos e não podem ser fechados quando alguma pessoa está a banhar-se, este conflito também gera constrangimentos (Figura 116).

- **Carência de manutenção:** No interior dos Sanitários, tanto feminino quanto masculino, a carência de manutenção permanente também interfere na privacidade dos usuários. Como também ilustra a Figura

116, as portas dos boxes do chuveiro não possuem vedação, e isto tende a constranger as pessoas que necessitam fazer uso do local.

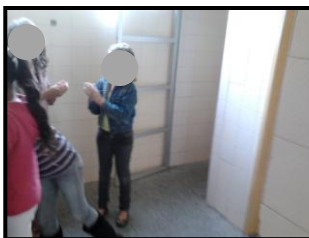


Figura 116: Ausência de barreira física entre a área de banho e coletiva dos Sanitários

Fonte: Autora

---

### Biblioteca

Atividades: Descansar e ler

---



Figura 117: Biblioteca

Fonte: PMF

---

- **Espaço reduzido:** O descanso acontece nos intervalos do almoço, e para este propósito, os usuários fazem uso da Biblioteca. Entretanto, neste mesmo período, outros usuários também acessam o ambiente com diferentes propósitos, tais como ler, conversar e brincar. Devido à falta de espaço, a mescla dessas atividades no mesmo momento ocasiona conflitos de privacidade devido à área reduzida do ambiente. Assim, os usuários que desejam descansar se incomodam com burburinhos e a aglomeração no local. Em especial à distância, através das Figuras 118 e 119 observa-se que nestes momentos tem-se a distância íntima (<0,15 a 0,40m) estabelecida por Hall (1986), fator que explica algumas reações não amistosas no ambiente, visto que muitos destes usuários acordaram muito cedo para ir ao CEC pela manhã ou

chegam da escola cansados, e desejam encontrar neste local o conforto para descansar.



Figura 118: Mescla de atividades na Biblioteca  
Fonte: Autora



Figura 119: Mescla de atividades na Biblioteca  
Fonte: Autora

---

Atendimento  
Atividade: Psicoterapia

---

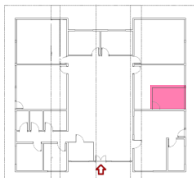


Figura 120: Atendimento  
Fonte: PMF

---

- **Disposição dos espaços:** Conforme pode ser observado na Figura 121, este ambiente está localizado dentro da Biblioteca, característica que gera diversos conflitos que afetam diretamente a privacidade. Para acessar o ambiente, as crianças/adolescentes, funcionários ou pais/responsáveis, devem fazer uso do espaço da biblioteca como ligação. Desta forma, ficam expostos aos indivíduos que por alguma razão estão na neste local.





Figura 121: Acesso ao Atendimento pela Biblioteca

Fonte: Autora

- **Espaço reduzido:** A falta de espaço no ambiente de atendimento, agravado pelo conflito deste estar dentro da Biblioteca, faz com que os usuários que aguardam sua vez para atendimento, necessitem utilizar o Refeitório para este fim de espera, estando expostos aos demais usuários (Figura 122).



Figura 122: Crianças aguardando a Psicoterapia no refeitório

Fonte: Autora

---

Área externa

Atividade: Brincar, exercitar e festejar

---



Figura 123: Área externa

Fonte: PMF

---

- **Vedações:** As atividades brincar e exercitar apresentam conflitos em relação à privacidade quando são realizadas na área externa do CEC em estudo. A vedação desta área é feita por gradil (vide Figuras 124 e 125), o que faz com que as crianças, os adolescentes e os professores fiquem expostos aos pedestres e veículos que circulam pela Rua Cmte. Constantino Nicolau Spydes. Relacionado a este quadro, observou-se que, devido ao CEC estar implantado próximo a comunidades de muitos usuários, algumas crianças e adolescentes residentes destes locais e que não fazem parte do programa, porém os conhecem, passam longo tempo do lado de fora interferindo no andamento habitual das atividades do CEC.



Figura 124: Rua Cmte.  
Constantino Nicolau  
Spydes visão direta área  
externa de lazer  
Fonte: Autora



Figura 125: Rua Cmte.  
Constantino Nicolau  
Spydes visão direta área  
externa de lazer  
Fonte: Autora

Para as meninas, a privacidade é especialmente conflituosa, pois a piscina, devido à utilização de gradil, também está totalmente exposta à via pública e os constrangimentos não podem ser evitados. No entanto, ressalta-se que, por ausência de manutenção, a piscina encontra-se fechada para uso das crianças e adolescentes do CEC. Porém, isto não impede que pessoas que não possuam vínculo com o local entrem neste espaço para banhar-se em dias de altas temperaturas, gerando sensação de invasão e insegurança a todos os usuários (Figura 126).



Figura 126: Vista do lado externo da piscina do CEC

Fonte: Autora

#### 4.4.2 Ambiência: Sistema de orientação básico

O sistema de orientação básico explica alguns dos conflitos de privacidade encontrados e mencionados anteriormente no CEC Criança fazendo Arte, pois se observou que os usos, espaços, acessos e circulações não estão bem definidos nos cenários, o que afeta diretamente o sentido de orientação dos usuários.

Durante as observações feitas pela pesquisadora, constatou-se o seguinte conflito na Área Externa:

- **Indefinição de acessos:** Apesar de existir dois portões com dimensões diferentes (vide Figura 127), um para automóveis e outro para pedestres, faz-se uso quase sempre somente do portão para automóveis, o que gera indefinição dos acessos. Além disto, tem-se a indefinição das vagas de estacionamento e a inexistência de marcações de caminho que conduzam o pedestre ao ambiente construído (Figuras 128, 129 e 130, respectivamente). As únicas demarcações encontradas foram calçadas que circundam as edificações, porém estas não se ligam a nenhuma outra.



Figura 127: Acesso ao Complexo Cidade da Criança  
Fonte: Autora



Figura 128: Inexistência de marcações de estacionamento  
Fonte: Autora



Figura 129: Inexistência de marcações de caminhos  
Fonte: Autora



Figura 130: Inexistência de marcações de caminhos  
Fonte: Autora

Contudo, é com base nessas limitações que estabelecemos uma relação entre nosso corpo e os planos espaciais do ambiente, e assim definimos a possibilidade do trajeto a ser percorrido. A ausência destas limitações planejadas no local estudado faz com que as crianças e adolescentes tendam a ocupar lugares que para elas promovem o sentimento de bem estar, mesmo que em alguns casos os locais não sejam permitidos por pertencerem a outros serviços.

Já na Edificação Principal, o conflito observado foi:

- **Disposição dos ambientes:** Como pode ser observado nas figuras abaixo, a configuração dos cenários nesta edificação prejudica a orientação espacial das crianças e adolescentes, que muitas vezes ignoram o impedimento de entrar em algum cenário quando os mesmos não fazem parte da turma que está desenvolvendo alguma atividade. Ou seja, em planta (Figura 131) observa-se que não foi planejada uma hierarquia norteadora para a disposição dos cenários que abrigam as atividades detentoras de maior grau de privacidade.

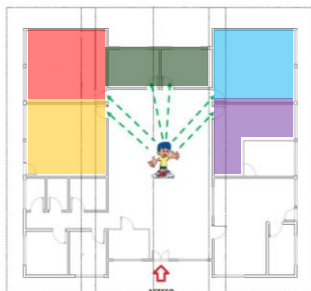


Figura 131:  
Localização dos  
cenários  
Fonte: Autora



Figura 132: Apoio  
Pedagógico 1  
Fonte: Autora



Figura 133: Meio  
Ambiente  
Fonte: Autora



Figura 134:  
Sanitários  
Fonte: Autora



Figura 135: Sala de  
Artes  
Fonte: Autora



Figura 136:  
Biblioteca  
Fonte: Autora

Na Edificação Secundária, as crianças e adolescentes estão em menor número e só acessam este local acompanhados pelo professor responsável. Acredita-se que, por estes motivos, não se observou entraves durante o desenvolvimento das atividades na edificação.

Além dos fatores anteriormente mencionados, o sistema de orientação básico também é responsável por nosso equilíbrio, pelo entendimento da escala e das proporções do ambiente com base em nossos corpos. É com base neste entendimento que se aborda a questão do mobiliário no CEC em estudo.

- **Escala inapropriada dos móveis:** Este é um fator que tem prejudicado alguns usuários durante o desenvolvimento de suas atividades e, em especial, podem-se citar as atividades: estudar, assistir filmes, ler e jogar (Figuras 137, 138, 139 e 140). Em todas essas atividades o uso do mobiliário é constante e por vezes indispensável.



Figura 137: Cadeiras sala  
Apoio  
pedagógico 2  
Fonte: Autora



Figura 138: Cadeiras sala  
Meio ambiente  
Fonte: Autora



Figura 139: Cadeiras  
Biblioteca  
Fonte: Autora



Figura 140: Bancos  
refeitório

#### 4.4.3 Ambiência: Sistema háptico e Sistema visual

Para esta análise, faremos a junção dos sistemas háptico e visual através das verificações sobre as texturas e as cores utilizadas nos ambientes do CEC Criança fazendo Arte.

Durante as leituras espaciais e observações se pode constatar que a escolha dos elementos arquitetônicos e paisagísticos foi determinada somente por princípios de economia. Para fins de projeto arquitetônico, entende-se importante prever os gastos financeiros de uma obra. No entanto, o mesmo não deve prejudicar a habitabilidade na edificação, fato que aconteceu no CEC em estudo.

- **Ausência de elementos visuais:** De uma análise geral, as duas edificações que compõe este CEC (Figuras 141 e 142) não possuem elementos visuais que as diferencie do contexto urbano e a destaque, revelando sua importância e significado enquanto ambiente destinado à socialização, com imagem reconhecida pela sociedade.



Figura 141: Ausência de identidade visual –  
Edificação principal  
Fonte: Autora



Figura 142: Ausência de identidade visual –  
Edificação secundária  
Fonte: Autora

Pode-se afirmar que esta ausência de identidade visual tende a refletir também no Sistema de orientação básico, pois estas edificações formam um conjunto que desconexo torna-se conflituoso não só para os usuários que já criaram um mapa mental deste espaço, mas para pais/responsáveis, visitantes e comunidade que possuem pouco contato com o espaço.

- **Textura e cores:** Na área interna de ambas as edificações que compõe este ambiente, observou-se que as texturas e cores utilizadas não foram pensadas com objetivo de aguçar e estimular a criatividade e desenvolvimento psicofísico dos seus usuários, sendo somente decorrente dos materiais construtivos adotados.

Na Edificação Principal, os pisos dos cenários Apoio Pedagógico 1, Sala do Meio Ambiente, Sala de Artes, Biblioteca e Atendimento são em tacos de madeira. Porém, esta escolha não respeita as características e necessidades das atividades desenvolvidas nestes locais, apesar da madeira contribuir para a sensação de conforto térmico. Isto fica evidente através das marcas deixadas nos pisos (Figura 143), como exemplo tintas e colas, bem como no mau estado de conservação dos mesmos devido à higienização necessária pelo constante fluxo de usuários nos cenários mencionados, uma vez que a madeira não apresenta boa resistência à umidade e substâncias de produtos de limpeza.

Outro fator observado foi a utilização de tapetes nos cenários da Biblioteca e Apoio pedagógico 1 (Figura 144), como forma de humanizar o ambiente para atividades que requerem a utilização do plano horizontal como apoio de trabalho. E esta estratégia dificulta o processo de higienização devido a acúmulo de poeira e também pode gerar acidentes como tropeços e quedas.



Figura 143: Piso Sala de artes

Fonte: Autora



Figura 144: Tapete Apoio pedagógico 1

Fonte: Autora

Já os cenários Refeitório e Sanitários possuem piso em concreto polido (Figuras 145 e 146 respectivamente), e para seus usos principais a textura é satisfatória a higienização, apesar de representarem insegurança quando molhados.



Figura 145: Pisos molhados no Refeitório

Fonte: Autora



Figura 146: Pisos molhados nos Sanitários

Fonte: Autora

Do mesmo modo, como se pode observar nas figuras a seguir, as texturas das paredes desta edificação são praticamente inexistentes, tanto interna quanto externamente, pois se entende que as diferenciações dos tijolos aparentes no cenário do Refeitório e revestimento cerâmico nos cenários dos Sanitários não possam ser consideradas texturas que tendem a estimular sensações em seus usuários.





Figura 147: Paredes internas do Refeitório  
Fonte: Autora



Figura 148: Paredes internas dos sanitários  
Fonte: Autora

Quando se fala da Edificação Secundária, o quadro torna-se satisfatório em casos pontuais, porém, com ressalvas. No cenário Apoio Pedagógico 2 (Figura 149), o piso em cerâmica facilita a higienização do local, mas torna-se desconfortável caso se necessite fazer uso do chão como superfície para trabalhos devido ao desconforto térmico.

No cenário da Sala de capoeira (Figura 150), o piso em tábuas de madeira desperta a sensação de conforto nos usuários, seja térmico ou até mesmo ao amortecer pulos e quedas tão frequentes na atividade da capoeira. Porém, como o local necessita ser constantemente higienizado, o material certamente não apresentará grande durabilidade devido à umidade e substâncias presentes nos produtos de limpeza.



Figura 149: Piso cerâmico  
Ap. pedagógico 2  
Fonte: Autora



Figura 150: Piso em madeira Sala de capoeira  
Fonte: Autora

O cenário Sala de Tênis de Mesa (Figura 151) possui piso em cerâmica e, para este ambiente, o material é adequado, pois facilita a higienização, e é agradável para a sensação de controle térmico, visto que o ambiente possui ineficiente sistema de ventilação.



Figura 151: Piso em cerâmica Sala de tênis de mesa  
Fonte: Autora

Quanto às texturas das paredes internas e externas, igualmente a edificação anterior, a edificação secundária não toma partido deste elemento para criar uma atmosfera diferenciada e atrativa ao ambiente deste CEC e, mais uma vez, observa-se que a economia ou até mesmo falta de conhecimento foi responsável por um ambiente que não estimula os sentidos perceptivos de seus usuários.

Na Área Externa, local muito apreciado pelas crianças e adolescentes, o cenário encontra-se semelhante aos demais. Pode-se observar nas figuras abaixo que as texturas encontradas não acrescentam atrativos ao espaço, seja de elementos da natureza, como árvores, flores, pedras; ou de elementos artificiais. O piso em grande parte constitui-se em areia, exceto a quadra e piscina, pois o *deck* em madeira está interdito ao uso.



Figura 152: Piso área externa – areia e grama  
Fonte: Autora



Figura 153: Piso área externa – deck em madeira  
Fonte: Autora

Essa atual realidade também pode contribuir para justificar a preferência das crianças e adolescentes por áreas externas do Complexo

da Criança, ditas proibidas para elas. Nestes locais (Figuras 154 e 155), observa-se a presença de diferentes texturas, seja nas árvores, pisos e no mobiliário, o que se constitui em um ambiente que desperta a criatividade e apegos para o uso.

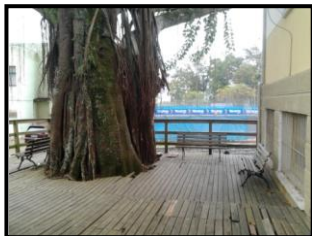


Figura 154: Área proibida às crianças e adolescentes  
Fonte: Autora



Figura 155: Área proibida às crianças e adolescentes  
Fonte: Autora

Ao analisar a relação das cores no ambiente do CEC, pode-se afirmar que o ambiente construído como um todo reflete uma atmosfera monocromática, pois, mesmo que exista uma diferenciação de cores, entende-se que isto não foi resultado de um estudo próprio ao ambiente.

Para justificar a afirmação anterior, apresenta-se especificamente os cenários do Apoio pedagógico 1, Sala de Artes e Sala do Meio Ambiente localizados, na Edificação Principal. Nestes cenários, a diferenciação de cores nas paredes foi executada para garantir maior durabilidade à pintura interna, que tendem a ser danificadas por rabiscos e arranhões da mobília quando movimentadas (vide Figura 156). No refeitório (Figura 157), os tijolos aparentes na cor vermelha despertam sensações de agitação. Completando este conjunto, os pisos, sejam em madeira ou concreto, possuem cores muito escuras que em nada despertam sensação de amplidão, higiene e contribuem para difundir a luz no ambiente.

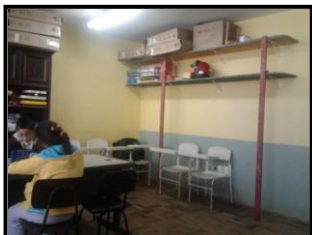


Figura 156: Piso em madeira –  
Ap. pedagógico 1  
Fonte: Autora



Figura 157: Piso em  
concreto – Refeitório  
Fonte: Autora

Entretanto, cabe aqui ressaltar a iniciativa dos professores deste CEC em promover identidade ao local ao exporem os trabalhos dos usuários nas paredes internas da edificação principal (Figuras 158 e 159). Com este ato, os cenários ganham não só diferentes cores, mas também texturas.



Figura 158: Trabalhos  
expostos no Refeitório  
Fonte: Autora



Figura 159: Trabalhos  
expostos no Refeitório  
Fonte: Autora

Em relação às cores na Edificação Secundária, esta se resume ao cenário da Sala de Tênis de Mesa (Figura 160), onde existem alguns desenhos pintados em uma das paredes, mas como não foram executados pelos próprios usuários, em nada parecem despertar sensações. Os demais cenários, Apoio pedagógico 2, Sala de capoeira e Brinquedoteca (Figuras 161, 162 e 163 respectivamente) são monocromáticos, porque entende-se que algumas colagens de letras e animais não representem significância ao local.



Figura 160: Parede interna -  
Sala de tênis de mesa  
Fonte: Autora



Figura 161: Paredes internas  
– Ap. pedagógico 2  
Fonte: Autora



Figura 162: Paredes  
internas – Sala de capoeira  
Fonte: Autora



Figura 163: Paredes  
internas – Brinquedoteca  
Fonte: Autora

A Área Externa, apesar de todo seu potencial, compartilha da mesma situação dos demais ambientes: as cores são pouco exploradas, e as paredes externas em amarelo da edificação secundária se fundem ao amarelo da areia do piso, visto o pouco espaço que ocupam as gramíneas (Figuras 164 e 165).



Figura 164: Área externa  
Fonte: Autora



Figura 165: Área externa  
Fonte: Autora

- **Mobiliário:** Os exemplos ilustrados nas figuras a seguir relatam que a mescla de mobiliários resultante das diferentes doações de escritórios,

escolas e residências ocasionam diversas texturas e cores. No entanto, neste caso, esta característica não contribui para estimular sensações perceptivas positivas nas crianças e adolescentes durante o desenvolvimento de suas atividades, seja pelas cores monocromáticas e escuras, bem como pelos materiais inadequados ao uso do ambiente destinado ao SCFV.



Figura 166: Mobiliário Sala meio ambiente  
Fonte: Autora



Figura 167: Mobiliário Ap. pedagógico 1  
Fonte: Autora

- **Aberturas:** Outro fator importante a ser abordado é a ausência de cores provenientes da relação do ambiente interno com o meio exterior. Como pode ser observado nas figuras a seguir, em ambas as edificações que compõe o CEC em estudo as aberturas não possibilitam o contato visual dos seus usuários com o ambiente externo, seja por características dos materiais de vedação utilizados ou pela altura do peitoril. Desta forma, o impedimento afeta não só a presença de cores originárias do meio externo, mas também a introdução de conceitos topológicos como o dentro/fora, perto/longe.



Figura 168: Janela da Edificação principal – exemplo Apoio pedagógico 1  
Fonte: Autora



Figura 169: Janela da Edificação secundária – exemplo Apoio pedagógico 2  
Fonte: Autora

Ainda em relação as aberturas, por mais que não tenha sido mencionado tanto pelos funcionários quanto pelas crianças e adolescentes, observa-se em grande parte das figuras expostas nesta seção que a orientação em que as edificações do CEC em estudo se encontram no lote, ocasiona momentos de ofuscamento dentro dos ambientes devido aos raios solares.

Por fim, porém não menos importante, destaca-se as cores e texturas dos caixilhos e vistas das aberturas, todas estas, sejam interna ou externamente, possuem mesma cor e textura (Figuras 170 e 171), o que tende também a interferir no sistema de orientação básico das crianças e adolescentes por não marcarem nenhum ambiente em especial.

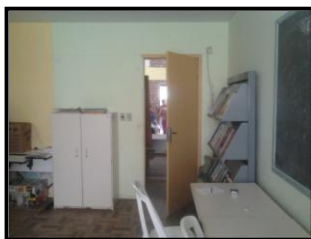


Figura 170: Portas Ed.  
Principal - Biblioteca  
Fonte: Autora



Figura 171: Caixilhos Ed.  
secundária -  
Brinquedoteca  
Fonte: Autora

#### 4.4.4 Ambiência: Sistema paladar/olfato

Apesar da importância do paladar em nossas vidas, neste momento, analisa-se somente o sentido do olfato através dos **aromas**.

Uma importante característica do ambiente construído deste CEC, mais precisamente da Edificação Principal, é, além dos odores explicitados pelos funcionários provenientes dos sanitários ao refeitório, a presença dos aromas de alimentos sendo preparados na cozinha. A partir deste ambiente os odores se propagam através do refeitório aos demais espaços de atividades da edificação (Figura 172). Por essa razão, todos estes ambientes em alguns minutos acabam por adquirir a mesma atmosfera da cozinha (Figura 173), e para as crianças e adolescentes esta característica contribui negativamente para não mais perceberem qual o comportamento adequado ao desenvolvimento das atividades específicas de convivência e socialização nos ambientes específicos.



Figura 172: Ligação  
cozinha com o refeitório

Fonte: Autora



Figura 173: Dissipação  
dos aromas para os  
demais ambientes pelo  
refeitório

Fonte: Autora

Na Edificação Secundária, onde existem quatro cenários destinados às crianças e aos adolescentes, têm-se situações diferenciadas. Os cenários destinados à Sala de Capoeira e Sala de Tênis de Mesa (Figuras 174 e 175) abrigam atividades que exigem muito esforço físico e produzem considerável ruído, características normais para as atividades. Porém, ambas as salas possuem aberturas com dimensões muito reduzidas que são ineficientes para a ventilação natural bem como não possuem outro tipo de sistema artificial de ventilação. Aliado a isto, o ruído exige que essas salas permaneçam, quando em uso, com as portas fechadas. Todo este panorama resulta em dois ambientes que afetam a sensação de conforto dos usuários, e onde o odor de suor torna-se muito desagradável.



Figura 174: Sala de capoeira

Fonte: Autora



Figura 175: Sala de tênis de mesa

Fonte: Autora

Ainda na edificação secundária, no cenário do Apoio Pedagógico 2, não há qualquer odor, seja agradável ou não. Já a Brinquedoteca localizada no embasamento desta edificação compartilham com a Área Externa os únicos odores ali percebidos, os gases produzidos pelos



veículos que trafegam nas vias públicas que circundam o CEC (Figuras 176 e 177).



Figura 176: Área externa costeada por via pública  
Fonte: Autora



Figura 177: Brinquedoteca e área externa  
Fonte: Autora

#### 4.4.5 Ambiência: Sistema auditivo

Como já mencionado na seção referente à metodologia da pesquisa, o presente estudo possui abordagem predominantemente qualitativa. Entretanto, após a aplicação das técnicas de coleta de dados junto aos usuários do CEC em estudo referente a **altos níveis de pressão sonora** em alguns cenários, que segundo eles prejudicam o desenvolvimento das atividades de socialização e convivência, entende-se necessário analisar estas afirmações com auxílio de valores numéricos para melhor compreensão dos conflitos, e assim propor diretrizes adequadas.

Diante disso, realizou-se medições para verificar o nível de pressão sonora nos cenários consideráveis mais conflituosos em relação ao ruído segundo os resultados das entrevistas semiestruturadas com os funcionários do CEC em estudo.

Neste momento, cabe ressaltar que os ruídos presentes no ambiente do CEC Criança fazendo Arte referem-se ao ruído aéreo, que segundo Souza et. al (2011), dizem respeito aos ruídos originados no ar e continuamente nele prolongados, além daqueles que também são gerados no ar, provocando a vibração de uma superfície, que, por sua vez, provoca a vibração do ar adjacente à sua face oposta.

As medições foram realizadas utilizando-se um sonômetro modelo *Briel & Kjae 2250*, através de uma média temporal com duração de 20 minutos. Foi realizada em cada cenário apenas uma medição, porém estas foram realizadas em dias e períodos diferentes, com intuito de buscar as situações de uso dos locais mais críticas conforme indicações dos funcionários.

Os valores obtidos nestas medições servem, apenas, como um indicativo dos possíveis níveis de pressão sonora presentes nos ambientes mais ruidosos durante a jornada de atividades dos usuários do CEC em estudo. Ressalta-se que para estudos mais detalhados sobre conforto acústico no ambiente, o ideal seria realizar as medições ao longo da jornada diária semanal do ambiente construído.

A Tabela 12 organiza as informações obtidas através deste instrumento. A primeira coluna traz os cenários bem com as atividades que neles estavam sendo realizadas; as três colunas seguintes exibem os valores máximos recomendados pelas normas referentes ao tema em estudo: ABNT/NBR 10.151 e 10.152, bem como os valores do nível de pressão sonora, em escala dB(A), obtidos nas medições; e a última coluna ressalta as observações que registram as situações críticas habituais do CEC.

Os valores obtidos através das medições nos cenários pontuais evidenciam que, nos períodos escolhidos devido as situações críticas abordadas, os estavam superiores aos valores dos níveis de pressão sonora adotados nas normas estudadas.

Tabela 12 – Resultado das medições de pressão sonora x Norma ABNT

<b>Cenário/Atividade</b>	<b>Valor dB(A) ABNT/10.151</b>	<b>Valor dB(A) ABNT/10.152</b>	<b>Valor medição dB(A)</b>	<b>Observações</b>
Refeitório/Comer (almoço)	-	40 - 50	<b>79.43</b>	Porta da cozinha para o refeitório aberta e liquidificador funcionando
Área externa entre a parede do refeitório e a Rua Rui Barbosa/ Comer (almoço)	65	-	<b>71.31</b>	Turmas do período matutino e vespertino juntas
Refeitório/Jogar (atividades em grupo)	-	35 - 45	<b>88.82</b>	Duas turmas no horário matutino no mesmo período de uso da sala do Ap. pedagógico 1 com a
Apoio pedagógico 1/ Estudar	-	40 - 50	<b>71.4</b>	Mesmo período em que se usava o Refeitório para jogar
Refeitório/Fazer artes (teatro)	-	35 - 45	<b>85.77</b>	Todas as turmas do período vespertino
Pátio externo/Exercitar	65	-	<b>72.69</b>	Duas turmas no horário vespertino na quadra
Parquinho/Brincar	65	-	<b>74.25</b>	Duas turmas no horário vespertino
Apoio pedagógico 2	-	40 - 50	<b>52.11</b>	Medição feita durante a execução da atividade de esporte na quadra externa

Fonte: Autora

Como forma de análise, observa-se que o cenário Refeitório, mediante atividades não adequadas ao local, apresentou-se, no período escolhido para medição, como um ambiente extremamente ruidoso. Especificamente na Edificação Principal, os cenários Apoio Pedagógico 1, Biblioteca e Sala do Meio Ambiente, que acomodam atividades que exigem considerável grau de concentração e privacidade, são diretamente afetados devido a proximidade ao cenário Refeitório. Como exemplo, tem-se o cenário Apoio Pedagógico 1, que durante a medição apresentou nível de 71.4 dB(A).

Na Edificação Secundária, no cenário apontado como mais crítico, o Apoio Pedagógico 2, verificou-se que no momento onde duas turmas estavam utilizando a área externa, o nível de pressão sonora interno neste local era de 52.11 dB(A), valor muito pouco acima do estabelecido pela norma. Sendo assim, pode-se afirmar que o fator distração neste cenário está relacionado à falta de estímulos que este contém em sua arquitetura, o que faz da área externa próxima, por sua vez, um espaço mais atrativo aos usuários.

Quanto à Área Externa, entende-se que a proximidade as vias públicas com intenso fluxo de veículos no período de funcionamento do CEC aliada e ausência de barreiras acústicas certamente contribuem para os altos níveis de pressão sonora neste cenário.

Diante do exposto, ressalta-se que, como visto no capítulo de fundamentação teórica, ambientes com a finalidade de um CEC, destinados à produção cultural e formação do cidadão pode, por vezes, ser um ambiente ruidoso pelas próprias atividades que ali se desenvolvem. E esta atmosfera garante identidade ao espaço, uma vez que ambientes com uso infantojuvenil envolvem uma gama de sentimentos e emoções, o que tende a ser positivo ao desenvolvimento psicofísico de seus usuários.

No entanto, não se pode desprezar o entendimento de que o ambiente construído do CEC em estudo está muito aquém de propiciar sensação de conforto acústico aos seus usuários durante a realização das atividades de socialização e convivência. O isolamento entre os cenários, bem como a geometria e absorção interna dos mesmos são ineficientes ao uso que lhes foi ordenado. E, mais uma vez, percebe-se que o fator adaptação do ambiente ao uso contribui negativamente, já que não foram realizadas modificações na ordenação dos espaços, e assim, os cenários que requerem maior privacidade devido à atividade ali desenvolvida estão alocados muito próximos a cenários muito ruidosos, sejam estes no ambiente interno ou externo.

## **5 RECOMENDAÇÕES AO PROJETO ARQUITETÔNICO**

Este capítulo apresenta recomendações para futuros projetos de construção ou requalificação de unidades do Centro de Educação Complementar (CEC) que desenvolvem o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) no município de Florianópolis. Estas recomendações visam solucionar os problemas arquitetônicos diagnosticados por meio das diferentes óticas dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

Para tanto, apresenta-se inicialmente uma síntese dos problemas diagnosticados e suas influências na inter-relação humano x ambiente, como foco em Ambiência e Privacidade. Logo após, tem-se uma breve discussão sobre a situação dos ambientes construídos das demais unidades do CEC, com intuito de identificar as possíveis semelhanças entre estes ambientes junto à unidade do CEC estudada.

Por fim, expõem-se as diretrizes arquitetônicas traçadas para o ambiente do Centro de Educação Complementar.

### **5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

#### **5.1.1 Síntese dos resultados encontrados**

A tabela a seguir expõe os problemas diagnosticados neste trabalho. Observa-se nesta síntese que a maior parte dos problemas pode ser resolvida tecnicamente pelo arquiteto responsável pelo projeto arquitetônico de uma unidade do CEC. Outros problemas dizem respeito a decisões administrativas, como o tempo para elaboração do projeto e o recurso financeiro destinado à execução da obra e escolha de materiais.

Tabela 13 – Síntese dos problemas diagnosticados

Problemas diagnosticados	Conflitos					
	Privacidade	Ambiência				
		S. O. B	S. V.	S. H.	S. P. O.	S. A.
1. Ausência de limites e marcações no ambiente interno e externo	X	X	X	X		
2. Organização espacial inadequada	X	X				X
3. Manutenção ineficiente das edificações e má qualidade dos materiais utilizados	X	X	X	X	X	
4. Ausência de elementos visuais	X	X	X	X		
5. Ambientes não comportam flexibilização de usos	X	X	X	X	X	X
6. Ausência de controle	X	X				
7. Tipo e escala inadequada do mobiliário		X				
8. Ambientes (mobiliário/acabamentos/elementos arquitetônicos) monocromáticos			X	X		
9. Aberturas que dificultam e/ou impedem a visualização do meio exterior		X	X	X		
10. Ambientes com texturas (mobiliários/elementos arquitetônicos/elementos da natureza) inexistentes ou inadequadas ao uso		X	X	X		X
11. Ausência de aromas estimulantes no ambiente					X	
12. Presença de aromas que criam atmosfera confusa para os usuários ou afetam a saúde física	X	X			X	
13. Ausência de barreira acústica na área externa	X	X				X
14. Materiais construtivos e geometria do espaço inadequado ao isolamento acústico dos cenários	X	X				X
15. Ambientes não abrangem as necessidades específicas da faixa etária do público alvo	X	X	X	X	X	X
16. Agrupamento de usos diferentes no mesmo lote	X	X				X
17. Falta de segurança na área externa do local	X	X	X			X

S.O.B.: Sistema de Orientação Básico - S.V.: Sistema Visual - S.H.: Sistema Háptico - S.P.O.: Sistema Paladar/Olfato - S.A.: Sistema Auditivo

Fonte: Autora

### 5.1.2 Breve análise da situação das demais unidades do CEC em Florianópolis

Durante a realização do trabalho de campo no CEC Criança fazendo Arte, a pesquisadora sentiu a necessidade de visitar as outras unidades do CEC no município de Florianópolis, com intuito de conhecer as realidades destes ambientes, e até mesmo verificar se as mesmas compartilham do cenário encontrado no CEC em estudo.

Diante disto, esta seção aborda as constatações da pesquisadora arquiteta durante as visitas nas unidades visitadas.

As unidades do CEC em Florianópolis não possuem **projeto arquitetônico** idealizado para suas necessidades físicas a partir das atividades socializadoras e de convivências propostas. Além da situação de adaptação do ambiente construído do CEC Criança fazendo Arte, como já mencionado neste trabalho, o CEC Itacorubi (Figura 178) ocupa um espaço que foi desenvolvido a partir de estrutura física já existente, uma antiga lavanderia, e pouco foi feito para tornar esta edificação eficiente ao seu uso.



Figura 178: CEC Itacorubi

Fonte: Autora

Os CECs Chico Mendes, Monte Verde e Promorar (Figuras 179, 180 e 181) estão implantados em edificações residenciais alugadas pela prefeitura. Esta condição dificulta a realização das atividades, pois estas construções não possuem qualidades para facilitar este processo. Além disso, o fator aluguel limita a intervenção por parte do poder público para possíveis adaptações e manutenção necessária, visto que o proprietário precisa sempre estar ciente e aceitá-la.



Figura 179: CEC Chico Mendes  
Fonte: Autora



Figura 180: CEC Monte Verde  
Fonte: Autora



Figura 181: CEC Promorar  
Fonte: Autora

Os CECs Costeira (Figura 182) e Novo Horizonte dividem seus ambientes respectivamente com a Associação de Pais e Amigos da Criança e do Adolescente da Costeira do Pirajubaé e com a Associação de Moradores do Novo Horizonte.



Figura 182: CEC Costeira  
Fonte: Autora

O CEC Tapera (Figura 183) e CEC Vila União (Figura 184) estão implantados em um espaço projetado e construído para abrigar um centro de saúde, porém, em relação as demais unidades visitadas do



CEC, estas duas edificações possuem melhores condições físicas referentes a dimensão e geometria espacial.



Figura 183: CEC Tapera  
Fonte: Autora



Figura 184: CEC Novo Horizonte  
Fonte: Autora

Quanto aos **ambientes existentes**, as unidades do CEC diferem consideravelmente em relação a quantidade e qualidade. As unidades do CEC Costeira, Monte Verde e Promorar possuem menor número de ambientes internos para o desenvolvimento das atividades. Nos CECs Monte Verde e Promorar, os quartos dão lugar às salas de atividades coletivas (Figuras 185 e 186, respectivamente).



Figura 185: Sala atividades coletivas  
CEC Monte Verde  
Fonte: Autora



Figura 186: Sala atividades coletivas  
CEC Promorar  
Fonte: Autora

Os CECs Chico Mendes, Costeira, Itacorubi (Figura 187) e Tapera possuem como área de lazer e esportes pátio ao ar livre. Os CECs Monte Verde, Promorar (Figura 188) e Vila União utilizam os equipamentos públicos do bairro onde estão inseridos, esta necessidade muitas vezes resulta em situações conflituosas entre comunidade e funcionários do CEC.



Figura 187: Área externa CEC  
Itacorubi  
Fonte: Autora



Figura 188: Área externa CEC  
Promorar  
Fonte: Autora

O **mobiliário** encontrado em todas as unidades do CEC visitadas é adaptado ao uso, igualmente ao CEC em estudo (Figura 189) e constatou-se que estes são provenientes de doações, seja por parte de outras instituições públicas ou privadas, e também por terceiros (Figura 190).



Figura 189: CEC Criança  
fazendo Arte  
Fonte: Autora



Figura 190: CEC Itacorubi  
Fonte: Autora

No **uso do lote**, igualmente ao CEC em estudo, o CEC Itacorubi divide seu lote com o Posto de Saúde do bairro (Figuras 191 e 192, respectivamente). E, como já relato anteriormente, este fato gera inúmeros conflitos devido a mescla de usos com funções muito diferentes entre si.



Figura 191: Edificação Serviço de Assistência Infantojuvenil  
Fonte: Autora



Figura 192: Edificação posto de saúde Itacorubi  
Fonte: Autora

Em relação ao **conforto ambiental**, nas edificações das unidades visitadas, conclui-se que todas possuem deficiências em termos de conforto acústico, térmico e lumínico/visual, onde estas deficiências são acentuadas por elementos arquitetônicos, materiais e técnicas construtivas (Figuras 193).



Figura 193: Iluminação artificial deficiente – CEC Itacorubi  
Fonte: Autora

A partir do exposto, pode-se constatar que as todas as unidades do CEC descritas possuem condições similares ou até mesmo piores que a unidade do CEC Criança fazendo Arte. Estas não apresentam características que estimulem seus usuários para a curiosidade, o comportamento exploratório e o desenvolvimento humano. A falta de complexidade no ambiente faz com que seus usuários, principalmente os adolescentes, procurem nas ruas outros meios para se ocuparem, fato já constatado neste trabalho.

Como forma de contribuir para a requalificação destes ambientes, a seguir serão apontadas diretrizes para os problemas diagnosticados.

Ressalta-se que estas recomendações podem ser aplicadas nas demais unidades do CEC, pois, além do ambiente construído similar, todas estão implantadas em comunidades em situação de vulnerabilidade social com características muito semelhantes entre si; o público alvo possui características, segundo faixa etária, semelhantes.

## 5.2 DIRETRIZES PROJETUAIS

### 5.2.1 Programa de necessidades

No Capítulo 3 desta dissertação foi apresentado e analisado o programa de necessidades para ambientes do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos, previamente definido pelos seguintes documentos:

- **Manual de Instruções, Diretrizes e Procedimentos Operacionais para contratação e execução de Programas e Ações da Secretaria Nacional de Assistência Social (BRASIL-b, 2010);**
- **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2009).**

Após este estudo, bem como os resultados das ponderações feitas pelos usuários do CEC Criança fazendo Arte e pela pesquisadora, procurou-se expandir o olhar sobre estes ambientes buscando soluções que contemplem as necessidades dos usuários perante a realização de suas atividades, considerando a privacidade e Ambiência como referências a efetivação do processo de socialização e convivência.

Sob este enfoque, o programa de necessidades (Quadro 6) proposto foi dividido em conjuntos, onde cada um abriga ambientes que apresentam semelhanças quanto a suas características físicas (mobiliário, equipamentos, condicionantes ambientais) e funcionais (uso, fluxos) facilitando a composição da estrutura físico-funcional do ambiente do CEC.

Quadro 6 – Programa de necessidades alterado

Conjunto	Ambientes
<b>Conjunto pedagógico</b>	<p>Áreas de esporte (Exercitar)            Auditório (Palestras e Shows)            Horta (Plantar)            Parque (Brincar)            Refeitório (Comer)            Salas de atividades:            - Sala apoio pedagógico (Estudar)            - Sala de artes (Fazer artes)            - Sala de dança (Exercitar)            - Sala de artes marciais e capoeira (Exercitar/Jogar)            - Sala meio ambiente (Planta/Reciclar)            - Sala multiambientes 1 (Assistir filmes, Brincar, Jogar)            - Sala multiambientes 2 (Descansar, Ler)            - Sala de música e instrumentos (Cantar)</p>
<b>Conjunto vivência e assistência</b>	Sanitários masculino e feminino (Cuidar de si)
<b>Conjunto administrativo e apoio</b>	<p>Recepção            Sanitários para visitantes (feminino e masculino + acessível)            Sala da coordenação            Sala de reunião            Sala de professores            Copa            Sala de atendimento            Sanitários para funcionários e professores (masculino e feminino + acessível)            Almojarifado            Depósito de mobiliário</p>

Fonte: Autora

Quadro 6 (Continuação) - Programa de necessidades alterado

Conjunto	Ambientes
<b>Conjunto de serviços gerais</b>	Cozinha Despensa Depósito de materiais de limpeza (DML) Sala de descanso Vestíários feminino e masculino + sanitários

Fonte: Autora










A partir do programa de necessidades proposto, entende-se que alguns dos conflitos analisados neste estudo já possam ser solucionados. Como exemplo, tem-se a flexibilização do ambiente para atividades semelhantes entre si, como é o caso da Sala de atividades Multiambientes 1 e 2.

A seção seguinte aborda as diretrizes projetuais para os ambientes que compõe os conjuntos apresentados, tendo como parâmetros norteadores, as relações de Privacidade e de Ambiência ligada aos sentidos perceptivos humanos.

### **5.2.2 Atributos arquitetônicos aplicados ao projeto do Centro de Educação Complementar**

Após a sistematização dos resultados, elaborou-se um conjunto de atributos a serem incorporados no projeto arquitetônico do Centro de Educação Complementar (CEC), e como forma de melhor ilustrá-los, fez-se uso de algumas imagens indicadas no Jogo de Imagens e Palavras. A tabela 14 organiza estes atributos.

Tabela 14 – Tabela síntese de atributos ao projeto arquitetônico

Atributos	Figuras ilustrativas	Atributos	Figuras ilustrativas	Atributos	Figuras ilustrativas
<b>Ar livre e contato com a natureza</b>	 <p>Figura 194: Ativ. Plantar e reciclar Fonte: iradio.liveradio.com.br</p>	<b>Conforto</b>	 <p>Figura 195: Ativ. Assistir filmes Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	<b>Flexibilidade</b>	 <p>Figura 196: Ativ. Descansar Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>
<b>Aventura</b>	 <p>Figura 197: Ativ. Exercitar Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	<b>Cores</b>	 <p>Figura 198: Ativ. Estudar Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	<b>Organização</b>	 <p>Figura 199: Ativ. Comer Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>
<b>Consciência ambiental</b>	 <p>Figura 200: Ativ. Exercitar Fonte: ecoplantar.wordpress.com</p>	<b>Dimensões de espaço confortáveis</b>	 <p>Figura 201: Ativ. Cantar Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>	<b>Zelo e manutenção</b>	 <p>Figura 202: Ativ. Cuidar de si Fonte: thearchitectureofearlychildhood</p>

Fonte: Autora

Especialmente para satisfazer as necessidades atribuídas pelo fator psicofísico de cada etapa de desenvolvimento dos usuários infantojuvenis, dividem-se estas pessoas em dois grupos, seguindo o referencial teórico estudado com intuito de tornar os ambientes atrativos a seus usuários (MAHONEY, 2002; RIES, 2001; WOOLFOLK, 2000; PIKUNAS, 1979). Com base neste entendimento, os ambientes dentro dos conjuntos são diferenciados em:

- **Ambientes destinados a usuários da 3ª infância:** 6 a 11 anos;
- **Ambientes destinados a usuários da 1ª adolescência:** 12 a 15 anos.

Sendo assim, os cenários que recebem estas diferenciações são:

- **Conjunto pedagógico:** Sala Apoio Pedagógico (Estudar); Sala de Artes (Fazer artes); Sala Meio Ambiente (Planta/Reciclar); Sala Multiambientes 1 (Assistir filmes, Brincar, Jogar); Sala Multiambientes 2 (Descansar, Ler). O cenário Refeitório (Comer) é utilizado por ambos os grupos de usuários, porém, para este ambiente, sugere-se a criação de espaços com mobiliário adequado as diferentes idades.

- **Conjunto de vivência e assistência:** Sanitários masculino e feminino (Cuidar de si)

Diante disto, apresentam-se primeiramente diretrizes gerais ao ambiente do CEC. Estas explicitam estratégias que têm como objetivo facilitar a compreensão do espaço pelos usuários, e também associar atributos alusivos aos conceitos estudados nesta dissertação: Privacidade e Ambiência para a promoção de socialização e convívio da população infantojuvenil em situação de vulnerabilidade social.

Após elencar as diretrizes gerais, expõem-se diretrizes projetuais específicas aos conjuntos de ambientes que representam a interação direta entre usuários, crianças e adolescentes: Conjunto pedagógico e Conjunto vivência e assistência.

Para ilustrar algumas das recomendações serão utilizados *croquis* de autoria da pesquisadora.

### 5.2.3 Diretrizes projetuais globais

#### 5.2.3.1 Privacidade

A dimensão dos ambientes tende, juntamente a outros fatores, a atuar no comportamento dos usuários quando em atividades, pois espaços com dimensões reduzidas geram aglomeração, o que afeta negativamente a privacidade. Além disto, o tamanho influencia na flexibilização. Com dimensões mais generosas o espaço torna-se



flexível e consegue desta forma acomodar as atividades ativas e tranquilas simultaneamente.

O estudo realizado nesta dissertação relacionando às normas vigentes aos ambientes do SCFV constatou que a área adotada por usuário é 1,2m<sup>2</sup>/pessoa. Porém, a pesquisadora, após suas observações, entende que a mesma é insuficiente para promover privacidade aos usuários, uma que ambientes devem possibilitar a realização de atividades agitadas, tranquilas, e também permitirem que os usuários, seja a criança ou o adolescente, fiquem sós, se assim desejarem.

A partir disto, aconselha-se adotar o valor sugerido por Elali (2004). A autora propõe que a área mínima por usuário em edificações de caráter educacional seja de 2 a 2,5m<sup>2</sup>/criança e, no caso de cadeirantes, sugere-se adotar a área de 2,7m<sup>2</sup>, área mínima para uma situação confortável de giro de cadeira de rodas de 180°.

#### 5.2.3.2 Ambiência: Sistema de orientação básico

A proximidade das unidades do CEC com as instituições de ensino escolar é um fator fundamental para afetar positivamente a frequência e permanência de crianças e adolescentes nas unidades. Após esta estratégia inicial, sugerem-se edificações térreas para este fim no intuito de facilitar o acesso das crianças menores bem como promover acessibilidade, uma vez que os recursos financeiros tendem a ser reduzidos para estes ambientes.

Em relação aos limites e caminhos devem-se propor elementos que favoreçam a estruturação do espaço, seja interior ou exterior. Para área interna os caminhos podem definir áreas de vivência coletiva, por exemplo; já na área externa, o tratamento paisagístico conformando caminhos irá facilitar a compreensão dos usuários em áreas muito amplas. No caso específico do CEC Criança fazendo Arte, esta estratégia auxilia na compreensão espacial dos usuários ao criar uma interação entre as duas edificações utilizadas para as atividades, formando assim um conjunto construído.

Outra estratégia destinada a este sistema é a preocupação em implantar ambientes que necessitam de maior grau de privacidade para realização de atividades distantes de ambientes naturalmente ruidosos, sejam construído ou externo. Como exemplo para este último tem-se as áreas de lazer e esporte e vias públicas. Ressalta-se que estas diretrizes influenciarão diretamente na privacidade dos usuários no ambiente.

O uso da escala adequada aos grupos de faixa etária atendidos é um fator indispensável para este sistema, e, para atender o maior número

de usuários, sugere-se a utilização de mobiliário – cadeiras e mesas - com regulagem de altura.

### 5.2.3.3 Ambiência: Sistemas háptico e visual

Aconselha-se a escolha cuidadosa de materiais de revestimento, evitando os materiais muito lisos e derrapantes, e também os muito ásperos que tendem a machucar. Estas medidas simples auxiliam na manutenção e conservação do ambiente e também impedem a ocorrência de pequenos acidentes.

O uso de texturas pode juntamente aos caminhos e limites do sistema de orientação básico, contribuir para compreensão espacial dos usuários, e conseqüentemente fornecer privacidade. Uma estratégia constitui-se em fazer uso de texturas maiores e mais ásperas no lado externo, contra uma textura mais suave e menor no lado interno. A partir desse recurso, o usuário é sutilmente conduzido do lado externo para o interno, e inconscientemente esta variação evoca uma associação aos espaços. Isto pode ser expandido para os ambientes que requerem maior privacidade, por exemplo, mais suaves seriam as texturas e mais aconchegantes se tornam os cômodos.

A cor também deve estar presente no ambiente do CEC, porém deve ser utilizada de modo consciente. Como exemplo, para o teto sugere-se cores claras como o branco para contribuir na luminosidade do ambiente. É recomendado, ainda, marcação de entrada nas unidades e o uso de comunicação visual interna. Como exemplo para este último sugere-se a criação de cores para cada grupo de faixa etária, e que estas marcas visuais sejam utilizadas nas portas de cada sala de atividade. Essa estratégia facilita a localização do usuário no ambiente ao mesmo tempo em que cria uma limitação de uso e privacidade (Figura 203).

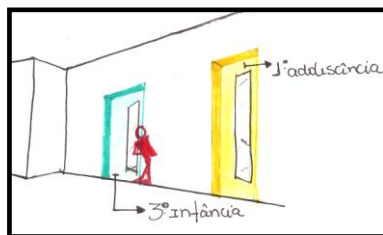


Figura 203: Exemplo de comunicação visual interna

Fonte: Autora

Cabe ainda ressaltar que a utilização de elementos da natureza: vegetação, flores, pedras, areia, água também são imprescindíveis para estimular os sentidos humanos presentes nestes sistemas. Estes elementos ultrapassam o meio interno da edificação através de aberturas que respeitem a estatura de seus usuários. A Figura 204 exemplifica a altura máxima do peitoril a ser adotada nas unidades do CEC, entretanto, devem-se prever dispositivos de proteção externa de acordo com a orientação de cada ambiente em específico para controlar o ofuscamento.

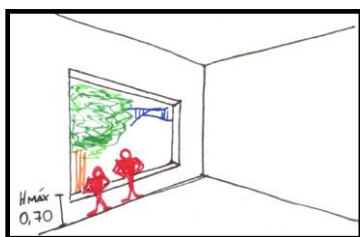


Figura 204: Exemplo de altura de peitoril para janelas  
Fonte: Panero e Zelnik (1991) adaptado pela Autora

#### 5.2.3.4 Ambiência: Sistema paladar/olfato

Para este sistema nos deteremos no sentido olfato. A aromatização do ambiente auxilia as pessoas a lidarem com suas emoções, tais como ansiedade, tensão, irritabilidade, entre outros. Porém, após alguns minutos, os mesmos odores se tornam quase imperceptíveis. Assim sendo, se quisermos conduzir os usuários das unidades do CEC a diferentes atmosferas com base em seu olfato, é importante projetar variações de aromas ou de suas intensidades para que estas pessoas não deixem de perceber os odores presentes no ambiente.

Para tanto, sugere-se que cada ambiente possua um aroma singular aos demais, o que sugere também identidade ao espaço. Por exemplo, podem-se utilizar aromas estimulantes para atividades que exigem maior agitação, aromas relaxantes para atividades que necessitem maior grau de concentração, e aromas refrescantes nos sanitários aliados a ventilação efetiva neste ambiente. Tal medida estabelecerá uma conexão entre as diferentes atmosferas de um lugar.

Outra forma de criar uma atmosfera aromática no ambiente se faz através da presença de flores, vegetações e de materiais naturais onde os

aromas podem ser perceptíveis no ambiente interno através de conexões entre ambiente interno e externo.

Cabe aqui ressaltar a preocupação de prever aberturas e exaustores sobre os equipamentos de cocção na cozinha para amenizar os aromas provenientes deste ambiente.

#### 5.2.3.5 Ambiência: Sistema auditivo

A diretriz básica para a concepção de qualquer projeto arquitetônico é o local. E, para a acústica isto não é diferente, pois a inserção de uma edificação no meio interfere e sofre interferência das características acústicas do local. Para tanto, é necessário observar no momento da escolha do lote, tanto para as unidades do CEC quanto para edificações similares, alguns parâmetros como: uso e ocupação do solo; características do sistema viário; e características das edificações vizinhas.

Outro fator muito importante, porém totalmente ignorado na unidade do CEC, é considerar a distribuição das atividades internas ao ambiente construído. Estas podem ser classificadas acusticamente em: atividades geradoras de ruído e atividades sensíveis ao ruído. Esta divisão possibilita que as mesmas possam ser agrupadas dentro da edificação de maneira adequada.

Para isolar os ruídos existentes no ambiente interno decorrentes das atividades internas, recomenda-se atenção aos seguintes elementos arquitetônicos: aberturas (janelas e portas) e suas frestas; paredes; pisos; e tetos, pois estes são os principais responsáveis pela transmissão de ruídos aéreos. Entretanto, o propósito deste isolamento não é a extinção total de ruído, e sim possibilitar condições de conforto acústico a inteligibilidade necessária em cada ambiente, uma vez que o silêncio total é perturbador ao ouvido humano.

O isolamento promovido por uma superfície depende de sua massa, de sua flexibilidade e de sua capacidade de amortecimento das ondas sonoras. Por isso, para controlar as vibrações, deve-se fazer uso de materiais com maior massa e rigidez, sendo a massa fator de referência preponderante.

Visando estes aspectos, são recomendadas algumas estratégias para os elementos arquitetônicos acima mencionados:

- **Paredes:** Para as unidades do CEC, sugere-se a utilização de paredes, tanto externas quanto internas, de tijolos maciços ou materiais com características similares. Nos locais de circulação a presença de

materiais de absorção nas paredes também contribui para atenuar as reflexões no ambiente.

-**Tetos**: A atenuação da transmissão do ruído pode ser feita pela aplicação de materiais absorventes no teto.

- **Aberturas** (portas e janelas): estes são os elementos mais prejudiciais ao isolamento acústico, pois toda a vez que uma superfície apresenta aberturas sua capacidade de isolamento decai consideravelmente. Na elaboração do projeto, a distribuição das aberturas deve ser cuidadosamente pensada, pois quanto mais próximas uma das outras, maior é a influência sonora de um ambiente sobre o outro (Figura 205).

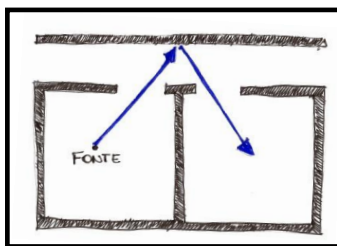


Figura 205: Exemplo de distribuição conflitiva de aberturas

Fonte: Autora

Portas: Para áreas sujeitas a grande intensidade sonora devem ser utilizadas portas maciças. No caso dos ambientes do CEC, isto pode ser aplicada aos seguintes ambientes: Sala de Dança; Sala de Lutas e Artes Marciais; Sala Música e Instrumentos; e Sala Multiambientes 1; acrescentam-se ainda as portas externas da edificação. Deve-se prever também a vedação de bordas, orifícios e soleiras, pois estes são pontos de transmissão de som.

Janelas: Em geral as janelas apresentam baixo isolamento acústico. Devido a isto, devem-se utilizar vidros mais espessos para atenuar o ruído transmitido, como por exemplo, vidros laminados compostos por camadas de vidros interpostos por camadas de plástico. As juntas necessitam serem vedadas com materiais resilientes como borrachas para amortecer a vibração do painel e vedar as pequenas frestas que permitem a passagem do som.

Os elementos arquitetônicos mencionados que estão em contato direto com o meio externo através de sua superfície também contribuem para isolar o ambiente interno das fontes de ruídos aéreos externos, sejam eles provenientes de fontes sonoras, como as vias públicas,

tráfego e vizinhança, bem como das atividades esportivas e de lazer realizadas pelos usuários.

Para promover barreira acústica dos ruídos aéreos urbanos, sugere-se ao ambiente externo do CEC o uso do muro como elemento arquitetônico de vedação quando em unidades muito próximas a vias públicas com intenso fluxo, como o caso do CEC em estudo, e este deve ser projetado levando em consideração a relação geométrica entre a fonte, o meio e o receptor com vistas a eficiente proteção acústica (Figura 206). Já para unidades em locais mais afastados e com privacidade visual, massas densas de vegetação também desempenham este papel (Figura 207).

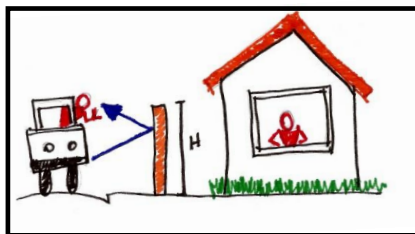


Figura 206: Exemplo de barreira acústica por muro

Fonte: Autora

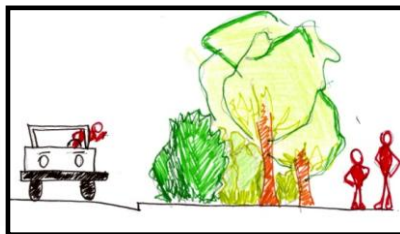


Figura 207: Exemplo de barreira acústica por massa de vegetação

Fonte: Autora

### 5.2.3.6 Outras recomendações

Aconselha-se localizar a área administrativa de forma adjacente à entrada da unidade do CEC pois, com esta estratégia se permite a visualização e controle da entrada e saída das pessoas na unidade. Além disto, este conjunto também deve possuir ligação aos demais para facilitar o controle visual dos locais mais frequentados pelas crianças e adolescentes.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que o projeto leve em conta as necessidades dos funcionários e ofereça espaços onde estas pessoas possam desempenhar suas funções com qualidade, tendo como suporte equipamentos e mobiliário adequado à fase adulta.

A orientação da edificação no lote deve ser estudada de acordo com a região geográfica, portanto, recomenda-se que o projeto adote estratégias que possibilitem a presença de iluminação e ventilação natural no interior das edificações, e quando necessário prever a utilização de sombreamentos arquitetônicos (pergolados, marquises,

brises, etc.), talvez com o uso de vegetação. Ainda sobre o quesito implantação, sugere-se a escolha de lotes distantes de vias públicas muito ruidosas, porém quando esta estratégia não for possível, se recomenda localizar os ambientes que necessitam maior grau de privacidade distantes destas áreas.

Ressalta-se que a análise de acessibilidade não foi o foco deste estudo. No entanto, sugere-se que as unidades do CEC sejam possuidoras de acessibilidade integral conforme as diretrizes da NBR9050/2004, tais como: rampas com corrimão, portas largas nos acessos aos cenários, circulações que permitam giro da cadeira de rodas, mobiliário e equipamentos adequados às diversas necessidades motoras e visuais dos usuários.

## 5.2.4 Diretrizes projetuais específicas

### 5.2.4.1 Conjunto pedagógico

#### - Área de esporte e parque (Brincar, Exercitar e Jogar)

Sugere-se que áreas para esporte e parque estejam próximas entre si com intuito de promover um complexo atrativo ao ar livre para toda a faixa etária atendida. Os espaços ao ar livre se destacam por permitir que crianças e adolescentes brinquem e se exercitem livremente. No entanto, ressalta-se a importância de prever nestas áreas espaços cobertos e também sombreados por diferentes espécies de vegetação, incluindo o paisagismo produtivo. Desta forma, estes locais poderão ser utilizados em dias chuvosos ou em horários com alta incidência de raios solares. Recorda-se que isto é inexistente no CEC em estudo, o que gera muito conflito devido aglomeração dos usuários na edificação principal em dias chuvosos devido a inexistência de espaços cobertos para esporte e lazer.

Para tornar o parque mais aconchegante e ampliar suas possibilidades de uso se aconselha organizá-lo em áreas menores, tendo variações de escala, materiais e formas. Com isto o espaço tende a ser atrativo mediante diversidade de texturas e cores não só para as crianças, mas para os adolescentes pela utilização de equipamentos e mobiliários que estimulem a criatividade e o instinto de aventura. Ainda para este grande espaço, se torna necessária a presença de jardins e pequenos nichos de convívio, tais como praças. Estas estratégias promovem aos usuários momentos de privacidade quando desejado.

Para promover privacidade nesta área, aconselha-se a vedação do lote com muros em alvenaria conforme a Figura 222, quando em unidades implantadas em áreas próximas a vias públicas muito movimentadas e sem privacidade visual, como o caso do CEC em estudo. Para este elemento, se pode prever o revestimento com painéis cerâmicos na sua face interna para atividades com tinta que podem ser lavados e repintados. Já na face externa, as crianças e os adolescentes também podem continuar este trabalho e desta forma criar um marco visual para a unidade do CEC na região onde está localizado. Esta estratégia promove, além de diversidade de cores e texturas, a identidade deste espaço perante a sociedade.

Para unidades implantadas em locais mais afastados e com certa privacidade visual, a presença de vegetação densa circundada por gradil também desempenha este papel.

Para o mobiliário, deve-se especificar bancos, mesas e lixeiras com alturas acessíveis aos grupos de faixa etária atendida pelo CEC, bem como para adultos. Ressalta-se a necessidade de bebedouros também acessíveis, além de torneiras para higienização.

#### **- Sala de atividades**

Estas salas necessitam de diretrizes diferenciadas devido ao uso. São elas:

- **Sala de Apoio Pedagógico (Estudar) e Sala Multiambientes 2 (Descansar e Ler):** Estes ambientes necessitam de maior grau de privacidade compatível com as atividades neles desenvolvidas, que requerem concentração. Diante disto, os mesmos devem estar localizados distantes de outros ambientes que abrigam atividades geradoras de ruído, porém, podem estar próximos um ao outro por assemelharem-se em uso, o que contribui para os espaços não ficarem isolados na edificação.

A utilização de portas de vidro deslizantes que se abrem para o exterior permite a entrada de luz natural nos ambientes, colabora na ventilação e permite a visualização da área externa. Isto pode ser aliado à presença de terraços anexos voltados para áreas ajardinadas. Como apresentado na Figura 208, nestes espaços deve-se prever a utilização de coberturas que se estendem a partir das paredes externas para evitar incidência direta de raios solares no interior da sala, criando-se a possibilidade de utilizar espaços alternativos para as atividades. Como forma de evitar acidentes, deve-se prever a utilização de peitoril nos terraços.



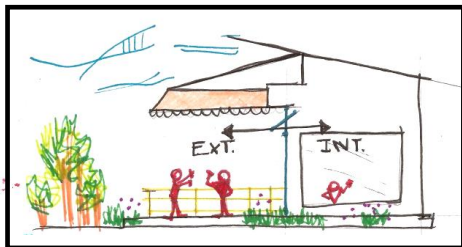


Figura 208: Relação exterior/interior

Fonte: Autora

O mobiliário recomendável são mesas e cadeiras individuais leves e empilháveis, facilitando o deslocamento para formação de grupos ou espaços individuais dependendo da necessidade da atividade. Recomenda-se ainda a presença de escaninhos para que os usuários possam guardar seus pertences e assim permitir a livre circulação pela sala, quadro branco para explanações, armários fixos para guardar materiais de auxílio ao professor e prateleiras na altura da faixa etária atendida com materiais destinados aos mesmos. Especificamente na Sala Multiambientes 2, um sistema de som deve ser previsto.

Em relação às texturas internas destes ambientes, aconselha-se que as paredes sejam revestidas com material de fácil limpeza e conservação; já os pisos devem ser lisos, porém não escorregadios, de fácil limpeza e conservação e confortáveis termicamente, pois os usuários costumam realizar as atividades “descansar” e “ler” deitados no chão. A cor sugerida na Sala de Apoio Pedagógico é o amarelo em tons claros, porém, segundo Lacy (1996), não se deve utilizá-lo em excesso, sob o risco de tornar o ambiente monótono e cansativo. Já para a Sala Multiambiente 2 a cor sugerida é o violeta em tons claros, destacando somente alguns pontos do lugar, a fim de tornar o ambiente mais relaxante.

• **Sala de Artes (Fazer artes):** Este ambiente não necessita de elevado grau de privacidade, pois as atividades nele realizadas são dinâmicas e descontraídas. Além disto, os usuários costumam se movimentar muito pelo espaço.

O mobiliário recomendável caracteriza-se por mesas amplas e cadeiras individuais leves e empilháveis, facilitando o deslocamento caso se necessite ficar de pé durante a realização da atividade. Recomenda-se ainda a presença de escaninhos para que os usuários possam guardar seus pertences e assim permitir a livre circulação pela sala, armários fixos para guardar materiais de auxílio ao professor e

pequenos armários móveis para serem utilizados durante as atividades. Para este ambiente sugere-se a utilização da cor rosa, que conforme apresentado na fundamentação teórica, está diretamente ligada à delicadeza, sendo este adjetivo muito explorado nas atividades manuais.

Sugere-se que as texturas presentes na sala de artes caracterizem-se por paredes revestidas com material de fácil limpeza e conservação; os pisos devem ser lisos, porém não escorregadios, de fácil limpeza e conservação para que os usuários possam desenvolver atividades com tintas, água, cola e outros materiais. Tanques para higienização de materiais e mãos também devem estar presentes neste ambiente, porém, sendo acessíveis à faixa etária do grupo usuário e do professor.

A personalização do ambiente colabora com a construção da identidade pessoal das crianças e adolescentes, que para sentirem-se parte deles, precisam se identificar aos espaços. Como a atividade “fazer artes” resulta em criações confeccionadas pelos próprios usuários, observa-se a necessidade de se prever locais para exposição de trabalhos resultantes de algumas atividades em altura acessível a eles (Figura 219).

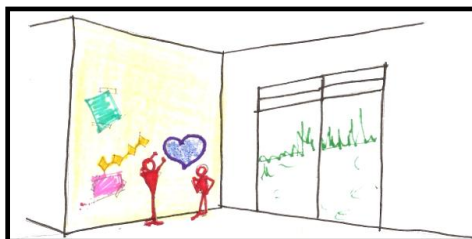


Figura 209: Exemplo Parede Painel

Fonte: Autora

Igualmente a Sala de Apoio Pedagógico, sugere-se que a Sala de Artes possua portas de vidro deslizantes que se abrem para o exterior, estratégia que possibilita as características benéficas já mencionadas, mas especificamente para a atividades “fazer artes”, o trabalho manual realizado no meio externo torna-se muito prazeroso e relaxante.

• **Sala de Dança (Exercitar); Sala de Lutas e Artes Marciais (Exercitar); Sala de Música e Instrumentos (Cantar):** Estes ambientes comportam atividades que geram elevado grau de agitação e conseqüentemente altos níveis de ruído, por isso não devem estar localizados próximos a ambientes que exigem certo grau de privacidade acústica, e sim próximos uns aos outros. Uma forma de melhorar o isolamento nestes locais é projetar *halls* para reduzir a intensidade sonora (Figura 210).

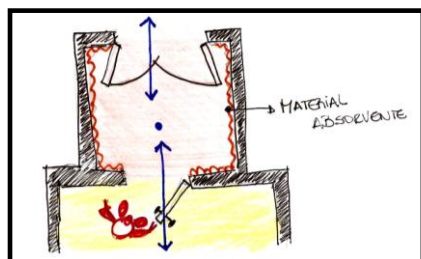


Figura 210: Exemplo Hall

Fonte: Autora

Esses *halls* podem ser tratados com materiais absorventes para evitar a reflexão dos sons e colaborar com a queda da intensidade pela distância percorrida. O melhor isolamento é alcançado, nesse caso, quando as duas portas se encontram fechadas.

Para estes locais recomenda-se espaço amplo sem barreiras fixas para o livre movimento do corpo. Como forma de propor um ambiente mais humanizado, indica-se a presença de amplas janelas voltadas para áreas ajardinadas da unidade do CEC. Entretanto, estas aberturas devem possuir elementos que controlem a incidência de luminosidade, como por exemplo, brises.

Como texturas, neste ambiente aconselha-se que as paredes sejam revestidas com material de fácil limpeza e conservação; os pisos devem ser lisos, porém não escorregadios, de fácil limpeza e conservação e confortáveis termicamente. A cor adequada para a Sala de Dança baseia-se em tons de laranja, cor estimulante, chamando atenção para pontos que devem ser destacados; para a Sala de Lutas e Artes Marciais aconselha-se a utilização da cor azul que simboliza a confiança e integridade; e para a Sala de Música e Instrumentos o amarelo, despertando vivacidade. No entanto, deve-se utilizar tons claros para estas colorações a fim de não saturar o ambiente.

Observa-se a necessidade de mobiliário nestes ambientes. Armário para guardar materiais a serem utilizados em alguma atividade e também especificamente para o sistema de som. A utilização de cabideiro para guardar os pertences das crianças e adolescentes contribui para organização do espaço, além de painéis com espelhos para visualizar o movimento do corpo.

Sala Multiambientes 1 (Assistir filmes, Brincar, Jogar): A sugestão para este ambiente é a criação de espaços específicos para cada

atividade, mas também que estes possam ser complementares entre si ao deixar claro a intenção de ludicidade vinculada a aprendizagem do usuário.

Este ambiente, em relação aos demais, não necessita de elevado grau de privacidade, pois as atividades nele realizadas são dinâmicas e descontraídas.

O mobiliário recomendável caracteriza-se pela leveza e possibilidade de empilhamento, pois isto contribui para o aproveitamento do espaço. Aconselha-se ainda a presença de escaninhos para que os usuários possam guardar seus pertences e assim permitir a livre circulação pela sala; prateleiras e armários fixos acessíveis à altura de cada grupo estabelecido; mesas com altura regulável; e tabuleiros para jogos, tais como tênis de mesa e pebolim. Outro equipamento indispensável para este ambiente é o aparelho de televisão em altura e dimensões compatíveis ao tamanho da sala que será instalado. Especialmente para o grupo da 3ª infância a utilização de cenários como cozinha, sala, teatro torna-se muito atrativo.

Se possível, deve-se prever a localização desta sala próxima a Sala de Artes como meio de ampliar o uso do espaço. Para este ambiente sugere-se a utilização de cores alegres como vermelho, laranja, amarelo, porém não em excesso e em tons suaves, evitando intranquilidade.

Sugere-se que as texturas presentes na Sala Multiambientes 1 caracterizem-se por paredes revestidas com material de fácil limpeza e conservação; os pisos devem ser lisos, porém não escorregadios, de fácil limpeza e conservação e confortáveis termicamente.

Igualmente as Sala de Apoio Pedagógico e Sala de Artes, sugere-se que a Sala Multiambientes 1 possua portas de vidro deslizantes que se abrem para o exterior, estratégia que possibilita as características benéficas já mencionadas.

Sala Meio Ambiente (Planta/Reciclar): O ambiente destinado a esta atividade deve possuir ligação direta com a área externa estratégia que facilita o desenvolvimento de horta e pomar, bem como expande o espaço de aprendizado para o contato direto com a natureza.

Para conforto dos usuários sugere-se a colocação de tanques para higienização com alturas diferentes com intuito de contemplar todas as faixas etárias dos grupos (Figura 211). O mobiliário caracteriza-se por mesas e cadeiras leves e empilháveis, facilitando o deslocamento para ampliar o espaço quando desejado, além de escaninhos para guardar pertences, prateleiras, armários e quadro branco, todos com possibilidade de alcance acessível a todos os usuários.

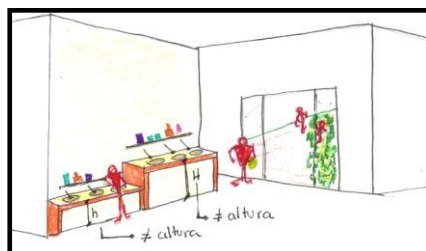


Figura 211: Exemplo Relação exterior/interior e altura dos tanques

Fonte: Autora

Em relação às texturas internas deste ambiente, aconselha-se que as paredes sejam revestidas com material de fácil limpeza e conservação; já os pisos devem ser lisos e impermeáveis, porém não escorregadios, de fácil limpeza e conservação. A cor sugerida na Sala do Meio Ambiente é o verde em tons claros, destacando somente alguns pontos do ambiente proporcionando a sensação de frescor.

Refeitório (Atividade: Comer): O Refeitório deve ser um espaço de uso comum aos dois grupos pré-estabelecidos para este estudo, 3ª infância e 1ª adolescência. Entretanto, entende-se necessária a criação de nichos formados por mobiliário acessível às faixas etárias que formam estes grupos. Esta estratégia permite que se tenha socialização entre todos os usuários, sem que suas necessidades ergonômicas sejam prejudicadas. Outro ponto levantado pelos usuários durante a aplicação do Jogo de Imagens e Palavras foi a necessidade dos assentos serem individuais, cadeiras, o que favorece a privacidade destas pessoas e evita conflitos e acidentes.

Este ambiente deve dispor de um espaço de transição entre interior e a área externa. Como exemplo sugere-se um pátio coberto amplo e livre de barreiras fixas (como pilares, bancos, etc.). Esta estratégia demonstra ser interessante na medida em que possibilita a ampliação da área para dias de eventos, bem como propicia maior flexibilidade de usos.

A textura dos revestimentos para este ambiente deve propiciar que sejam facilmente laváveis, impermeáveis e não escorregadios. A utilização de passa pratos é adequada, o que já acontece no CEC em estudo. Com isto crianças e adolescentes podem buscar e devolver seu prato, trabalhando assim questões de autonomia e independência. Este espaço deve ainda conter bebedouros e pias para higiene pessoal,

possibilitando lavar as mãos antes das refeições. Além disto, sanitários próximos são importantes para estimular a higiene pessoal da escovação dos dentes após as refeições.

No Refeitório recomenda-se o uso da cor verde para criar uma atmosfera de tranquilidade e bem estar durante as refeições.

#### 5.2.4.2 Conjunto de vivência e assistência

Sanitários (Cuidar de si): Devem ser implantados próximos às salas de atividade, área externa e refeitório, entretanto, sem ter comunicação direta com a cozinha e o refeitório, característica negativa e geradora de muitos conflitos observados no CEC de estudo desta dissertação.

As texturas nestes ambientes devem ser cuidadosamente pensadas. Para as paredes aconselha-se a utilização de material impermeável de fácil limpeza e conservação até altura mínima de 1,50m. Na área restante das paredes pode-se utilizar a cor verde clara que cria uma atmosfera de frescor ao ambiente. Para os pisos, material impermeável, antiderrapante, lavável e de cor clara. Sugere-se a presença da cor verde nos sanitários, para se obter a sensação de frescor e limpidez no ambiente.

No cálculo da quantidade de peças sanitárias necessárias, o Manual de Instruções, Diretrizes e Procedimentos Operacionais para contratação e execução de Programas e Ações da Secretaria Nacional de Assistência Social (BRASIL-b, 2010), estabelece somente a quantidade de sanitários, lavatório e mictórios, porém não faz nenhuma relação com a quantidade de crianças e adolescentes. Entretanto, neste estudo indica-se uma relação aproximada de 1 conjunto sanitário (lavatório, sanitário e chuveiro) para cada 15 usuários de cada grupo da faixa etária atendida.

Como anteriormente explicitado, estes ambientes precisam ser adequados à estatura das pessoas de cada etapa de desenvolvimento. Desta forma, bancadas e vasos sanitários precisam ser definidos em várias opções de alturas, e no caso de cabines individuais, as portas devem abrir no sentido da área externa e ficar distante do piso. Para o grupo da 3ª infância as portas das cabines sanitárias não devem possuir chaves ou trincos.

O mobiliário previsto deve conter cabideiro para toalhas e mochilas, além de banco de apoio.

Para propiciar privacidade aos usuários, este ambiente deve possuir uma área central onde devem estar localizadas as bancadas com

pias e espelhos, e duas áreas laterais: área molhada com chuveiros; e outra com as cabines sanitárias (Figura 212).

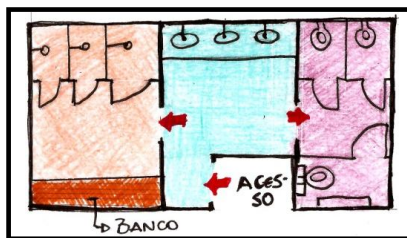


Figura 212: Exemplo Privacidade nos Sanitários

Fonte: Autora

#### 5.2.4.3 Conjunto administrativo e apoio

Sala de atendimento: Este ambiente deve estar próximo à entrada e saída da unidade do CEC, pois esta estratégia promove privacidade aos pais/responsáveis quando for solicitada sua presença no local. Além disto, para o profissional que trabalha nesta sala, o suporte da administração e suas informações o auxilia no trabalho e não o obriga a ausentar-se por longas distâncias pelo edifício caso seja preciso obter alguma ajuda.

Recomenda-se que este ambiente possua ligação com o meio externo através de áreas ajardinadas, estratégia que favorece o relaxamento.

O mobiliário recomendável são mesas e cadeiras para uso adulto destinado ao profissional e aos pais/responsáveis, bem como aos adolescentes maiores, além de mesas e cadeiras com alturas reguláveis para as crianças, visto que o profissional possa, em algum momento, realizar, atividades com esta pessoa durante o atendimento psicossocial. Recomenda-se ainda armários fixos para guardar materiais de auxílio profissional e prateleiras na altura da faixa etária atendida com materiais destinados aos mesmos.

Em relação às texturas internas destes ambientes, aconselha-se que as paredes sejam revestidas com material de fácil limpeza e conservação; já os pisos devem ser lisos, porém não escorregadios, de fácil limpeza e conservação e confortáveis termicamente, pois, igualmente ao mobiliário, os usuários podem realizar atividades deitados no chão.

A cor sugerida na Sala de Atendimento é o azul em tons claros, que segundo Lacy (1996), está associado à delicadeza e paz. Porém, este deve estar presente em alguns pontos do lugar, pois o seu excesso tende a despertar sensação de frieza.

Após as diretrizes apresentadas, cabe neste momento ressaltar que todo profissional envolvido na construção de um ambiente destinado ao SCFV deve: considerar os estudos de viabilidade para sua implantação; a interdisciplinaridade entre os profissionais que atuam neste ambiente; a proposta pedagógica no local empregada; e a participação dos usuários como contribuição na concepção do projeto arquitetônico. A partir destes tópicos iniciais, entende-se que a interação humano x ambiente se dará de forma mais harmônica e tenderá a facilitar o processo de desenvolvimento psicofísico de seus usuários.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou aprofundar o entendimento de quais atributos arquitetônicos devem ser considerados no momento da concepção de ambientes destinados ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) de crianças e adolescentes de 6 a 15 anos.

A realidade apresentada no objeto de estudo de caso, Centro de Educação Complementar (CEC) Criança fazendo Arte é referente ao momento em que se realizou a pesquisa, com um determinado grupo de indivíduos e que, por conta disso, pode sofrer alterações. No entanto, esse fator serve para enfatizar que pesquisas com abordagem qualitativa devem ser práticas regulares para garantir a constante renovação das informações necessárias a melhor estruturação das normas destinadas à construção de ambientes destinados à população infantojuvenil em situação de vulnerabilidade social. Pois, conforme se constatou neste estudo, a falta de consistentes diretrizes arquitetônicas, bem como a adaptação errônea de edificações para a função destes ambientes dificultam o trabalho dos profissionais, o que reflete negativamente no processo de socialização e convivência da população infantojuvenil atendida.

Cabe neste momento ressaltar que o quadro geral das condições arquitetônicas das unidades do CEC visitadas em Florianópolis é extremamente preocupante visto a importância que estes ambientes possuem perante a construção e futuro da sociedade.

Percebeu-se, após a conclusão do estudo, que a promoção das relações de Privacidade e Ambiência através dos elementos arquitetônicos são estratégias importantes, juntamente as atividades oferecidas, para que estas pessoas possam ressignificar vivências de isolamento e de violação dos direitos, propiciando experiências favorecedoras do desenvolvimento de sociabilidades e atuando no sentido preventivo de situações de risco social. Diante deste entendimento, destaca-se que a solução deve caminhar em conjunto e em equilíbrio entre os órgãos administrativos pertinentes ao SCFV para conservar o desenvolvimento das atividades de socialização e convivência diárias, bem como na disponibilização de uma estrutura física que permita a integração destas com seus usuários potenciais, as crianças e os adolescentes.

Ao realizar uma reflexão final sobre a pesquisa como um todo, cabe destacar dois aspectos centrais em relação aos resultados obtidos:

- A combinação de diferentes técnicas de coleta de dados foi muito importante para identificar os aspectos satisfatórios e

insatisfatórios das edificações que compõe o CEC Criança fazendo Arte, bem como as relações dos usuários com o ambiente construído.

- A participação dos usuários desta unidade do CEC em específico foi de extrema importância para a elaboração das diretrizes arquitetônicas propostas, uma vez que estas pessoas manifestaram de forma direta seus anseios e expectativas sobre os ambientes disponibilizados para a realização das atividades de socialização e convivência.

Por fim, espera-se que este estudo, além de contribuir para a concepção de novos ambientes destinados ao SCFV, possa ser também um estímulo ao desenvolvimento de novas investigações arquitetônicas relacionadas à espaços de referência para o convívio grupal, comunitário e social e para o desenvolvimento de relações de afetividade, solidariedade e respeito mútuo.

## 6.1 RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS PESQUISAS

O tema referente a ambientes destinados a socialização e convivência da população infantojuvenil em situação de vulnerabilidade social ainda é muito pouco discutido, de forma que está longe de ser solucionado apenas com os resultados obtidos nesta dissertação. A partir disto, faz-se necessária a recomendação das seguintes propostas de investigação relacionadas ao tema:

- Aplicação de estudos semelhantes em ambientes de comprovado sucesso no processo de socialização e convivência para verificar as diferenças espaciais apresentadas e seus efeitos sobre os usuários.
- Desenvolvimento de pesquisas que analisem as características arquitetônicas de ambientes semelhantes ao estudado em outros países.
- Produzir pesquisas que consideram outras relações referentes a interação Usuário-Ambiente, tais como Territorialidade e Identidade, como forma de completar as análises obtidas neste estudo.

## 6.2 DISSEMINAÇÃO DOS RESULTADOS

Como forma de divulgar os resultados obtidos nesta dissertação, procurar-se-á participar de eventos, nacionais e internacionais, que tenham foco na inter-relação Usuário x Ambiente. Para tanto, serão elaborados artigos que demonstrem esta inter-relação a partir da contribuição da arquitetura, através da elaboração de bons projetos, para

o efetivo desenvolvimento das atividades de convivência e socialização dos espaços do SCFV.

Juntamente a estes recursos, procurar-se-á também divulgar a pesquisa no meio acadêmico, em suas diversas instâncias, para que o mesmo possa ser fonte para novos trabalhos, bem como recurso para proposição de novos espaços destinados as Unidades do CEC e de outros ambientes em contextos similares. Sobre tudo, pretende-se também apresentar os resultados deste estudo aos órgãos da administração pública de Florianópolis, e assim, contribuir efetivamente para o distanciamento dos riscos da população infantojuvenil deste município.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maristela Moraes de. **Análise das Interações entre Homem e o Ambiente** – estudo de caso em agência bancária. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.
- ALMEIDA, Maristela Moraes de. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Centro Tecnológico. **Da experiência ambiental ao projeto arquitetônico:** um estudo sobre o caminho do conhecimento na arquitetura. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- ALVES, Crésio and LIMA, Renata Villas Boas. **Impacto da atividade física e esportes sobre o crescimento e puberdade de crianças e adolescentes.** Rev. paul. pediatri. [online]. 2008, vol.26, n.4, pp. 383-391. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-05822008000400013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822008000400013)>. Acesso em: set. 2012.
- AZEDO, Mariane Brito. **Compatibilização do Conforto Acústico com o Conforto Térmico no Ambiente Construído:** Centro Integrado de Educação Pública. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- BERTOLETTI, Roberta. **Uma Contribuição da arquitetura para a reforma psiquiátrica:** estudo no Residencial Terapêutico Morada São Pedro em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994. 336p.
- BLOOMER, Kent C. **Cuerpo, memoria y arquitectura:** Introduccion al diseno arquitectonico. Madrid: H. Blume, 1982.

BORGES, Monna Michelle Faleiros da Cunha. **Diretrizes para Projetos de Parques Infantis Públicos**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 9. ed. rev. atual. e ampl São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004. 315p.

BRASIL (a). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações Técnicas sobre o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças e Adolescentes de 6 a 15 anos**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2010.

BRASIL (b). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Manual de Instruções, Diretrizes e Procedimentos Operacionais para contratação e execução de Programas e Ações da Secretaria Nacional de Assistência Social**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Saúde, 1990.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996. 267p.

BROUGERE, Gilles; WAJSKOP, Gisela. **Brinquedo e cultura**. 8ª Ed. São Paulo (SP): Cortez, 2010. 116p.

CARNEIRO, Regina Maria Dias. **Cultura e Sociedade**. Disponível em: <[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/banco\\_objetos\\_crv/%7BAB23A422-7B7F-4F70-B544F578B73CBEFF%7D\\_Cultura%20e%20Sociedade.pdf](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BAB23A422-7B7F-4F70-B544F578B73CBEFF%7D_Cultura%20e%20Sociedade.pdf)>. Acesso em: setembro, 2012.

CARVALHO, Maria Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. **Organização dos Espaços em Instituições Pré-Escolares**. In:

OLIVEIRA, Zilma Morais. (org.) Educação Infantil: muitos olhares. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petropolis (RJ): Vozes, 2011. 318p.

CONANDA, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE**. Brasília, 2006.

CONSELHO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (FLORIANÓPOLIS). **Aprova o Plano Municipal de Garantia e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente 2010-2013. Resolução nº 209 de 14 de junho de 2010**. Disponível em: <[http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/27\\_07\\_2012\\_19.19.04.c888d8a23982e45d12b2903b1a9527f9.pdf](http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/27_07_2012_19.19.04.c888d8a23982e45d12b2903b1a9527f9.pdf)>. Acesso em: setembro, 2012.

CONSELHO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (FLORIANÓPOLIS). **Aprova o Plano Municipal de Assistência Social 2010-2013. Resolução nº 209 de 14 de junho de 2010**. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCsQFjAB&url=http%3A%2F%2Fheloabreu.com%2Fwp-content%2Fplugins%2Fdownload-monitor%2Fdownload.php%3Fid%3D126&ei=QeqfUJDOOoqA9QTm3IC4CQ&usg=AFQjCNHM6aJm6beTUBxApXxkAP1ihG03w&sig2=OasmTO9agdLafqFZRzwY7Q>>. Acesso em: setembro, 2012.

CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Aprova a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Resolução Nº 109, de 11 de novembro de 2009**. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica/cras/documento/s/Tipificacao%20Nacional%20de%20Servicos%20Socioassistenciais.pdf>> Acesso em: setembro, 2012.

COSTA, Ana Paula. **As Garantias Processuais e o Direito Penal Juvenil**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005.

DEL RIO, Vicente.; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002. 389 p.

DIAS, Amanda Fontes Aragão. **Análise do uso da luz natural em salas de aula:** estudo de caso em Aracaju-SE. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

ELALI, Gleice Azambuja. **Psicologia e Arquitetura:** em busca do locus interdisciplinar. Estudos de Psicologia. Rio Grande do Norte, 2(2), p. 349-362, 1997.

ELALI, Gleice Azambuja. **O Ambiente da Escola – O Ambiente na Escola:** uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. Estudos de Psicologia. Rio Grande do Norte, 8(2), p.309-319, 2003.

FERRAZ, Osvaldo Luiz. **O esporte, a criança e o adolescente:** consensos e divergências. In: ROSE JUNIOR, Dante de. Esporte e atividade física na infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: ARTMED, 2002. VIII,136p.

FISCHER, Gustave-N. **Psicologia Social do Ambiente.** Trad. Armando Pereira da Silva. Instituto Piaget, Lisboa: Editora SIG – Sociedade Industrial Gráfica Ltda, 1994.

FISCHER, Rosa Maria; SCHOENMAKER, Luana. **Retratos dos direitos da criança e do adolescente no Brasil:** pesquisa de narrativas sobre a aplicação do ECA. São Paulo: Ceats/FIA, 2010. 48 p.

GIBSON, James Jerome. **The senses considered as perceptual systems.** Westport:Greenwood Press, 1983. 335 p.

GIFFORD, Robert. **Environmental Psychology, principles and practice.** Boston: Allyn & Bacon, 1987. 472 p.

HABERT, Nadine. **A década de 70:** apogeu e crise da ditadura militar brasileira. São Paulo: Ática, 1992. 95p.

HALL, Edward Twitchell. **A dimensão oculta.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1986. 258 p.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 6. ed. São Paulo (SP): Perspectiva, 2010. 243p.

HOEBEL, E. Adamson. **A natureza da cultura**. SHAPIRO, Harry Lionel. Homem, cultura e sociedade. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: M. Fontes, 1982. 470p.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: ARTMED, 2004. 119p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**: primeiros resultados. Disponível em: <  
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>>  
Acesso em: setembro, 2012.

IIDA, Itiro. **Ergonomia**: projeto e produção. 2ª. Ed. rev. e ampl. São Paulo (SP): Blucher, 2005. 614 p.

JESUS, Mauricio Neves. **Adolescentes em conflito com a lei**: prevenção e proteção integral. Campinas, SP: Servanda Editora, 2006. 224p.

KAZTMAN, R. **Vulnerabilidad y Exclusión social**: Uma propuesta metodológica para el estudio de las condiciones de vida de los hogares. Chile: CEPAL, 2005.

KROEMER, K. H. E; GRANDJEAN, E. (Etienne). **Manual de ergonomia**: adaptando o trabalho ao homem, 5ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 327p.

LACY, M. L. **O poder das cores no equilíbrio dos ambientes**. Traduzido por Carmen Fischer. São Paulo: Ed. Pensamento, 1996. Tradução de: The Power of Color to Heal the Environment.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: M. Fontes, 1980.

LONARDONI, Fernanda Maria. **Aluguel, informalidade e pobreza**: O acesso à moradia em Florianópolis. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e



Arquitetura da Cidade. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MALARD, Maria Lúcia. **As Aparências em Arquitetura**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

MARTINS, Daniele Comin. **Estatuto da criança e do adolescente & política de atendimento**: a partir de uma perspectiva sociojurídica. Curitiba: Juruá, 2003. 109p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 108p.

OLIVEIRA, Gabriela Bastos de. **Unidade de Socioeducação para Adolescentes Infratores**: a Arquitetura Socioeducativa na conquista da liberdade, 2009. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Sul de Santa Catarina.

ONU. **Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, 2003**. Disponível em: <[http://www.pnud.org.br/IDH/Atlas2003.aspx?indiceAccordion=1&li=li\\_Atlas2003](http://www.pnud.org.br/IDH/Atlas2003.aspx?indiceAccordion=1&li=li_Atlas2003)> Acesso em: setembro, 2012.

ORNSTEIN, Sheila; ROMÉRO, Marcelo de Andrade; BRUNA, G.. **Ambiente construído & comportamento**: a avaliação pós-ocupação e a qualidade ambiental. São Paulo: Ed. Nobel, 1995. 212 p.

PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. **Las dimensiones humanas en los espacios interiores**: estandares antropometricos. 5. ed. Mexico: G. Gili, 1991. 320p. Apêndice: p. 311-320

PAPANEK, V. **Arquitetura e design**: ecologia e ética. Lisboa: Edições 70, 1998. 280 p.

PATRÍCIO, Z. M. **A Dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual-coletivo**: uma questão de bioética numa abordagem holístico-ecológica. 215 f. [Tese] (Doutorado em Filosofia da Enfermagem). Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** 3. ed. Rio de Janeiro (RJ): LTC, c1990. 370p.

\_\_\_\_\_, Jean. **A construção do real na criança.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1996. 392 p.

PILOTTI, Francisco J.; RIZZINI, Irene. **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil.** 2ª ed.rev. São Paulo, SP: Cortez, 2009. 384p.

PINTO, Fabio Machado; VAZ, Alexandre Fernandez; SAYÃO, Deborah Thome. **Educação do corpo em ambientes educacionais: práticas de ensino e de pesquisa em Educação Física.** Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2011. 188p.

RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos de la forma urbana; hacia una confrontacion de las ciencias sociales con el ....** Barcelona [Espanha]: G. Gili, 1978.

REHAL, Saddek. **Words and images for exploration and communication of concepts in the early stages of the design task.** In: PROCEEDINGS OF PDC 2002 AT MALMÖ. Editors Binder, T., Gregory, J., Wagner, I.. Malmö, 2002.

RIZZINI, Irene; CALDEIRA, Paula; RIBEIRO, Rosa e CARVANO, Luiz Marcelo. **Crianças e adolescentes com direitos violados: situação de rua e indicadores de vulnerabilidade no Brasil urbano.** Rio de Janeiro: CIESPI/ PUC-Rio. Apoio: Oak Foundation, 2010 (2ª ed.), 84 p.

ROAF, Sue; FUENTES, Manuel; THOMAS, Stephanie. **Ecohouse: a casa ambientalmente sustentável.** 2ª. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. 408p.

ROSSINI, Diva de Melo. **Uma proposta para projeto arquitetônico de uma unidade de terapia intensiva pediátrica utilizando critérios ergonômicos: O estudo de um caso.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 8. ed Rio de Janeiro: Vozes, 2002. 140p.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **A Ludicidade como ciência**. 2. ed. Petropolis: Vozes, 2008. 227 p.

SCHMID, Aloísio Leoni. A ideia de conforto: reflexões sobre o ambiente construído. Curitiba: Pacto Ambiental, 2005. 338 p.

SOARES, Carmen Lucia. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992 119p.

SOMMER, Robert. **Espaço Pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamento**. Tradução Dante Moreira Leite. São Paulo: Ed. EPU/ EDUSP, 1973. 220 p.

SOUZA, Marli Palma. **Crianças e adolescentes: absoluta prioridade?** Revista Katálysis, Florianópolis, SC, nº 2, p. 41-48, maio 1998.

SOUZA, Rejane Maria de. **O Perfil das Famílias das Crianças e Adolescentes Inscritos no Centro de Educação Complementar (CEC) Itacorubi**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SOUZA, Léa Cristina Lucas de; ALMEIDA, Manuela Guedes de; BRAGANÇA, Luís; NASCIMENTO, Luís Renato do. **Bê-a-bá da acústica arquitetônica: ouvindo a arquitetura**. São Carlos, SP: EDUFSCAR, 2011. 149 p

SNYDER, James C.; CATANESE, Anthony. **Introdução à Arquitetura**. Tradução Heloisa Frederico. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1984. p. 65-88.

TRETTO, Paula Taciana. **Guerreiras desconhecidas: Mulheres chefes de família**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Sao Paulo: DIFEL, 1983. 250p.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980. 288p.

TUBINO, Manoel Jose Gomes. **Dimensões sociais do esporte.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. 79p. (Polêmicas do nosso tempo 44)

VIANNA, Nelson. S. e GONÇALVES, Joana C. **Iluminação e Arquitetura.** UniABC Virtus, São Paulo, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZALESKI, Caroline Bollmann. **Materiais e conforto:** Um estudo sobre a preferência por alguns materiais de acabamento e sua relação com o conforto percebido em interiores residenciais da classe média de Curitiba. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Construção Civil. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

## APÊNDICES

## **APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Funcionários)**

**Título do Projeto:** Centro de Convivência para Crianças e Adolescentes em Situação de Risco Social: Espaço possibilitador de transformação e socialização,

**Nome do Investigador Principal:** Gabriela Bastos de Oliveira

**Unidade:** Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (Pós-ARQ/CTC/UFSC).

**Instituição Envolvida:**

**Nome do Responsável pela Instituição:**

O objetivo principal desta pesquisa é a criação de diretrizes de projeto de arquitetura para Centros de Convivência para Crianças e Adolescentes em Situação de Risco Social. Para isso, é de fundamental importância a participação dos usuários (funcionários) para a coleta das informações necessárias através de entrevista semi-estruturada. Esta técnica consiste em um roteiro com perguntas principais, com o objetivo de revelar as opiniões e expectativas dos seus usuários sobre o espaço físico da instituição em estudo, porém, estas perguntas podem ser completadas por outras questões que possam vir a ocorrer no momento da entrevista.

É importante ressaltar que o procedimento adotado não oferece risco nenhum ao participante, tornando-o livre para interromper sua participação a qualquer momento.

Os benefícios que esta pesquisa pode oferecer estão diretamente relacionados ao desempenho das atividades desenvolvidas no espaço físico (ambientes) do Centro de Convivência para Crianças e Adolescentes em Situação de Risco Social.

Eu,.....  
 ....., fui informado (a) dos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa descritos acima. Entendo que terei garantia de que minha identidade não será divulgada e que ninguém além da pesquisadora terá acesso aos nomes dos participantes desta pesquisa. Entendo também que tenho direito a receber informações adicionais sobre o estudo a qualquer momento, mantendo contato com a pesquisadora. Fui informado (a) ainda, que a minha participação é voluntária e que se eu preferir não participar ou deixar de participar deste estudo em qualquer momento, isso não me acarretará qualquer tipo de penalidade.

Compreendendo tudo o que me foi explicado sobre o estudo a que se refere este documento e concordo em participar do mesmo.

---

Assinatura do (a) participante

---

Assinatura da pesquisadora

**Em caso de necessidade, entre em contato com a pesquisadora Gabriela Bastos de Oliveira (tel.: (48) 3034-3013 ou (48)84463958, gabriela.bastosarq@gmail.com).**

Florianópolis,..... de ..... de 20.....

#### **APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Crianças/adolescentes)**

**Título do Projeto:** Centro de Convivência para Crianças e Adolescentes em Situação de Risco Social: Espaço possibilitador de transformação e socialização,

**Nome do Investigador Principal:** Gabriela Bastos de Oliveira

**Unidade:** Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (Pós-ARQ/CTC/UFSC).

**Instituição Envolvida:** Centro de Educação Complementar (CEC) Criança Fazendo Arte

O objetivo principal desta pesquisa é a criação de diretrizes para projeto de arquitetura voltado aos Centros de Convivência para Crianças e Adolescentes em Situação de Risco Social. Para isso, é de fundamental importância a participação dos usuários (crianças/adolescentes) para a coleta das informações necessárias através do Jogo de Imagens e Palavras. Esta técnica tem o objetivo de revelar as opiniões e expectativas dos seus usuários sobre o espaço físico da instituição em estudo. O processo consiste na apresentação de imagens de ambientes para a criança/adolescente e, logo após, esta manifesta sua opinião sobre qual ambiente lhe parece mais adequado para a realização das atividades oferecidas pelo CEC em estudo.

É importante ressaltar que o procedimento adotado não oferece risco nenhum ao participante, tornando-o livre para interromper sua participação a qualquer momento.

Os benefícios que esta pesquisa pode oferecer estão diretamente relacionados ao desempenho das atividades desenvolvidas no espaço físico (ambientes) do Centro de Convivência para Crianças e Adolescentes em Situação de Risco Social.

Eu,.....  
 ....., Responsável legal pelo (a) menor  
 .....,

Fui informado (a) dos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa descritos acima. Entendo que o menor pelo qual sou responsável terá garantia de que sua identidade não será divulgada e que ninguém além da pesquisadora terá acesso aos nomes dos participantes desta pesquisa. Entendo tanto eu como responsável quanto o (a) menor também temos direito a receber informações adicionais sobre o estudo a qualquer momento, mantendo contato com a pesquisadora. Fui informado (a) ainda, que a participação do (a) menor é voluntária e que se ele (a) preferir não participar ou deixar de participar deste estudo em qualquer momento, isso não lhe acarretará qualquer tipo de penalidade ou prejuízo de assistência pelo CEC.

Compreendendo tudo o que me foi explicado sobre o estudo a que se refere este documento e concordo em participar do mesmo.

---

Assinatura do (a) participante

---

Assinatura do (a) responsável

---

Assinatura da pesquisadora

**Em caso de necessidade, entre em contato com a pesquisadora Gabriela Bastos de Oliveira (tel.: (48) 3034-3013 ou (48)84463958, gabriela.bastosarq@gmail.com).**

Florianópolis,..... de ..... de 20.....



## APÊNDICE C - Formulário Entrevistas semiestruturadas



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC  
 Centro Tecnológico - CTC  
 Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
 Mestranda: Gabriela Bastos de Oliveira  
 Orientadora: Maristela Moraes de Almeida

### ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

<b>Instituição</b>		<b>Data:</b>
<b>Formação</b>	<b>Tempo na instituição:</b>	<b>Ficha n°:</b>

1. Qual (quais) a (s) atividade (s) que você desenvolve com as crianças/adolescentes?

---



---



---



---

2. Existe algum ambiente ou atividade no CEC que você percebe maior harmonia entre as crianças/adolescentes?

---



---



---



---

3. Existem conflitos entre as crianças/adolescentes? Se sim, em qual ambiente do CEC elas geralmente ocorrem? Você atribui estes conflitos a quê?

---



---



---



---

4. Durante as atividades, você se sente confortável no ambiente do CEC? Por quê?

---



---

---



---

5. Você sente falta de algum ambiente no CEC? Qual (quais)? Para quê?

---



---



---



---



---



---

6. Qual sua opinião sobre o mobiliário utilizado no CEC? Por quê? Você sente falta de algum móvel? Qual? Onde ele seria colocado? Por quê?

---



---



---



---

### APÊNDICE D - Formulário Jogo de Imagens e Palavras



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC  
 Centro Tecnológico - CTC  
 Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
 Mestranda: Gabriela Bastos de Oliveira  
 Orientadora: Maristela Moraes de Almeida

#### JOGO DE IMAGENS E PALAVRAS















Participante nº	Turma	Sexo	Idade	Data
ATIVIDADES			Nº CARTÃO	
1 - Assistir filmes				
2 - Brincar				
3 - Cantar				
4 - Comer				
5 - Cuidar de si				
6 - Descansar				
7 - Estudar				
8 - Exercitar				



**ANEXO**



Atividade: Comer		Atividade: Cuidar de si		Atividade: Descansar	
					
Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012
					
Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012
					
Fonte: Acervo Autora	Fonte: Acervo Autora	Fonte: Acervo Autora	Fonte: Acervo Autora	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte: Acervo Autora

Atividade: Estudar	Atividade: Exercitar	Atividade: Fazer artes			
 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	<p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>
 <p>Fonte: <a href="http://saopaulo.sp.gov.br">saopaulo.sp.gov.br</a></p>	 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	<p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>
 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	 <p>Fonte: Acervo Autora</p>	 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	 <p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>	<p>Fonte: <a href="http://thearchitectureofearlychildhood.com">thearchitectureofearlychildhood</a>, 2012</p>

Atividade: Festejar		Atividade: Ler		Atividade: Plantar e reciclar	
					
Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte: lelonas.com, 2012	Fonte: Acervo Autora	Fonte:iradio.liveradio.com.br, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012
					
Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte: portalcampeche, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte: Acervo Autora	Fonte: ultradownloads.com.br, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012
					
Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte: Acervo Autora	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012	Fonte: ecoplantar.worrdpress.com, 2012	Fonte:thearchitectureofearlychildhood, 2012